

houses of empathy

LISBON, 2016



Funded by
the European Union

Promoter:

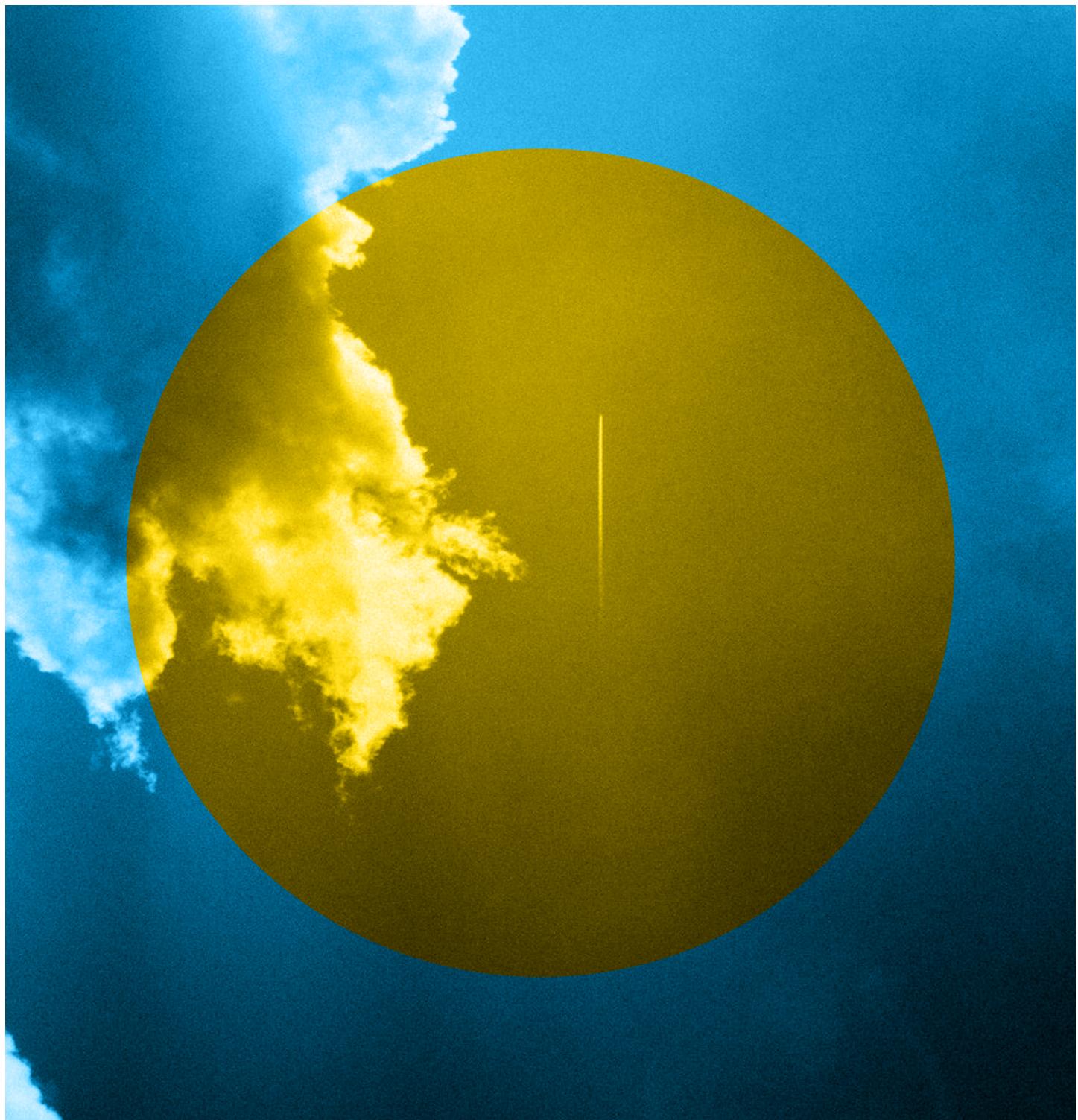


Partners:



STATE OF THE ART REPORT ON BULLYING IN CHILDREN'S RESIDENTIAL SETTINGS

[ES] Informe de la situación actual de bullying en centros de acogimiento residencial
[PT] Relatório do estado da arte sobre bullying em casas de acolhimento de crianças e jovens



**The information in this publication was gathered by the Houses of Empathy partner organisations.
Research was coordinated by Ana Margarida Gaspar da Silva.**

[ES] La información de esta publicación ha sido recogida por las organizaciones asociadas en el proyecto de Houses of Empathy. La investigación ha sido coordinada por Ana Margarida Gaspar da Silva.
[PT] As informações contidas nesta publicação foram reunidas pelas organizações parceiras do projeto Houses of Empathy. Pesquisa coordenada por Ana Margarida Gaspar da Silva.

CONTENTS

[ES] Contenidos [PT] Conteúdos

GLOSSARY

[ES] Glossario [PT] Glossário

4

INTRODUCTION

[ES] Introducción [PT] Introdução

5

1. Bullying / Violence Amongst Peers

[ES] Bullying / Violencia Entre Iguales

[PT] Bullying / Violência entre Pares

7

1.1. Bullying Definition

[ES] Definición de Bullying

[PT] Definições de Bullying

7

1.2. Bullying Issues in Europe and in the World

[ES] Problemas de Bullying en Europa y en el Mundo

[PT] Questões de Bullying na Europa e no Mundo

12

1.3. Reality in Each Partner Country

[ES] La Realidad del Bullying en Cada país Asociado

[PT] Realidade nos Países Parceiros

15

1.3.1. Ireland

[ES/PT] Irlanda

15

1.3.2. UK (Northern Ireland)

[ES] Reino Unido (Irlanda del Norte)

[PT] Reino Unido (Irlanda do Norte)

18

1.3.3. Spain

[ES] España

[PT] Espanha

21

1.3.4. Portugal

[ES/PT] Portugal

25

2. Children's Residential Settings

[ES] Centros de Acogimiento Residencial para Menores (CAR)

[PT] Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens

27

2.1. Introduction

[ES] Introducción

[PT] Introdução

27

2.2. Reality in Each Partner Country

[ES] La Realidad del Bullying en Cada país Asociado

[PT] Realidade nos Países Parceiros

29

2.2.1. Ireland

[ES/PT] Irlanda

29

2.2.2. UK (Northern Ireland)

[ES] Reino Unido (Irlanda del Norte)

[PT] Reino Unido (Irlanda do Norte)

31

2.2.3. Spain

[ES] España

[PT] Espanha

34

2.2.4. Portugal

[ES/PT] Portugal

39

2.3. Bullying/Violence Amongst Peers in Children's Residential Settings

[ES] Bullying/Violencia Entre Iguales en Centros de Acogimiento Residencial

[PT] Bullying/Violência entre Pares em Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens

43

3. Addressing Bullying in Children's Residential Settings

[ES] Abordando Bullying en Centros de Acogimiento Residencial

[PT] Abordagens ao Bullying em Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens

47

4. General Conclusions

[ES] Conclusiones Generales

[PT] Conclusões Finais

51



GLOSSARY

[ES] Glosario [PT] Glossário

ADHD - Attention Deficit Hyperactive Disorder

[ES] TDAH - Trastorno por déficit de atención con hiperactividad [PT] PHDA - Perturbação de Hiperatividade com Défice de Atenção

CRS – Children’s Residential Settings

[ES] CAR – Centros de Acogimiento Residencial [PT] CACJ – Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens

HofE - Houses of Empathy

[ES] HofE - Houses of Empathy (Casas de Empatía) [PT] HofE - Houses of Empathy

NI - Northern Ireland

[ES] Irlanda del Norte [PT] IN - Irlanda do Norte

SoTA - State of The Art

[ES] ISA – Informe de la Situación Actual [PT] REA - Relatório do Estado da Arte

INTRODUCTION

[ES] Introducción [PT] Introdução

Bullying can be defined as a behaviour that involves intentional and repetitive threats or aggression, without any evident reason (Vale, 2009). Children in care are among the groups who are most susceptible to bullying. They report twice the level of bullying than other children in primary years and four times the level in secondary years (Safe To Play, 2008 as cited in 4Children, 2009).

The effects of bullying on children can last a lifetime by undermining their self-esteem and self-confidence, negatively affecting their learning capacity, causing anxiety, prompting depression and perpetuating bullying behaviours towards others.

This State of the Art (SoTA) Report on Bullying in Children's Residential Settings (CRS) is a result of an international cooperation project developed by the Portuguese Association **Par - Respostas Sociais** and three partner organisations from Spain, UK and Ireland, namely:

Spain: Asociación Hechos
UK: Voice of Young People in Care
Ireland: Sticks & Stones

These partners came together to design and implement Houses of Empathy (HoE), a pilot project funded by the European programme DAPHNE. The project was born from the recognised need to acquire more knowledge and understanding about bullying prevention and improve the daily practices of staff members of CRS in relation to this issue. It aimed to reduce the high rates of violence among children in care by developing soft and empathy skills in children and providing training to CRS professionals and volunteers, empowering them to develop more effective interventions. Moreover, the project strived to raise social awareness about bullying of children in care and to influence public policies on bullying-prevention in this context.

This publication is one of the early products of this cooperation and its main goal is to assess the level of development of the policies, procedures and practices existing in this field, with a special focus on the reality of the partner countries.

[ES]

El bullying / acoso / intimidación puede ser definido como un comportamiento que implica amenazas o agresiones intencionales y repetitivas, sin ninguna razón evidente (Vale, 2009). Los menores en Centros de Acogimiento Residencial (CAR) se encuentran entre los grupos más vulnerables al bullying. En estos contextos, los casos de bullying son denunciados dos veces más que los casos en otros entornos de niños/as de primaria, y cuatro veces más en jóvenes en la etapa de secundaria. (Safe To Play, 2008, citado en 4children, 2009).

Los efectos que provoca el bullying en los menores pueden durar toda la vida al socavar su autoestima y confianza en sí mismos, lo que afecta negativamente a su capacidad de aprendizaje, causando ansiedad, dando lugar a la depresión y la perpetuación de comportamientos violentos y/o bullying hacia los demás.

Este Informe de la Situación Actual (ISA) sobre bullying en Centros de Acogimiento Residencial para menores es el resultado de un proyecto de cooperación europea desarrollado por **Par - Respostas Sociais** en colaboración con tres organizaciones asociadas de España, Reino Unido, Irlanda, a saber:

España: Asociación Hechos
Reino Unido: Voice of Young People in Care
Irlanda: Sticks & Stones

Estas organizaciones, se han reunido para diseñar y poner en práctica Houses of Empathy (HoE), un proyecto piloto financiado por el programa europeo DAPHNE. El proyecto nace de la necesidad a nivel europeo de adquirir un mayor conocimiento y comprensión sobre prevención del bullying y mejorar las prácticas diarias de la comunidad educativa en CAR en relación con este tema. Su objetivo es reducir los altos índices de violencia entre los niños en centros de acogimiento residencial mediante el desarrollo de habilidades sociales y empatía, así como ofrecer formación a profesionales y voluntarios de CAR, empoderándolos para desarrollar intervenciones más eficaces. Por otra parte, el proyecto se ha esforzado por sensibilizar acerca del acoso entre menores en centros residenciales e influir en las políticas públicas sobre prevención de bullying en este contexto.

Esta publicación es uno de los primeros productos de esta cooperación y su principal objetivo es evaluar el nivel de desarrollo de las políticas, procedimientos y prácticas existentes en este campo, con especial atención a la realidad de los países asociados.

[PT]

O Bullying pode ser definido como um comportamento que envolve agressão ou ameaças intencionais e repetidas, sem motivo evidente (Vale, 2009). As crianças institucionalizadas estão entre os grupos mais suscetíveis ao bullying. No Reino Unido verificou-se o dobro de casos de bullying nestes contextos, comparativamente aos casos no ensino primário e quatro vezes mais do que no ensino secundário (Safe To Play, 2008 como referido em 4Children, 2009).

Os efeitos do bullying em crianças podem durar uma vida inteira, diminuindo a sua autoestima e autoconfiança, afetando negativamente a sua capacidade de aprendizagem, causando ansiedade, estimulando estados depressivos e perpetuando comportamentos de bullying.

O presente Relatório do Estado da Arte (REA) sobre Bullying em Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens (CACJ) resulta de um projeto de cooperação internacional desenvolvido pela Associação **Par - Respostas Sociais**, em colaboração com três organizações parceiras de Espanha, Reino Unido e Irlanda, nomeadamente:

Espanha: Asociación Hechos
Reino Unido: Voice of Young People in Care
Irlanda: Sticks & Stones

Estas organizações colaboram no desenvolvimento e implementação do Houses of Empathy (HoE), um projeto piloto fundado pelo programa Europeu DAPHNE. O projeto HoE surgiu da necessidade sentida pelos parceiros de adquirir mais conhecimento e compreender melhor como prevenir o bullying bem como de melhorar as práticas diárias dos profissionais que prestam cuidados a crianças e jovens em casas de acolhimento, no que toca a esta problemática. Este projeto pretende reduzir a elevada taxa de violência entre crianças institucionalizadas, desenvolvendo competências sociais e empáticas nas crianças e proporcionando formação aos profissionais e voluntários das CACJ, preparando-os para desenvolverem intervenções mais eficazes. Mais ainda, o projeto pretende promover a consciencialização social acerca do bullying em crianças institucionalizadas e contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas dedicadas à prevenção do bullying neste contexto.

A presente publicação é um dos primeiros frutos desta cooperação e o seu principal objetivo é avaliar as políticas, procedimentos e práticas existentes neste campo, com especial foco na realidade dos países parceiros.

However, most policies and programmes found and analysed in this research relate to bullying prevention in school settings. This is so because there is very little information available about interventions around Bullying in CRS. The HoE partner organisations have also confirmed that this is coherent with their perception of the field: most bullying programs are designed for the school environment, therefore the need to develop intervention strategies that are adapted to CRS and thus, the relevance of innovative projects like Houses of Empathy.

The sources analysed in the writing of this report consisted of: information provided by each partner organisation, selective literature review and web research.

The structure of the document is as follows:
Chapter one addresses broad information about Bullying as a concept and provides an overview of bullying statistics in each of the HoE partner countries and in Europe as a whole.

Chapter two offers a critical overview about how CRS are organised in each of the partner countries including not only the types of CRS existing, the number of children placed in such institutions and the causes for institutionalisation but also the evidence concerning bullying in these environments.

Lastly, Chapter three summarises a few of the possible ways to approach bullying in CRS.

This report is complemented by the Houses of Empathy Best Practices Guide, which focuses on the most recent approaches to bullying prevention in schools and in residential care settings for children both from a policy point of view and from a methodological perspective.

[ES]

Sin embargo, la mayoría de las políticas y programas encontrados y analizados en esta investigación están relacionados con la prevención del acoso en el entorno escolar. Esto es debido a la poca información disponible sobre intervenciones de bullying en CAR. Las organizaciones asociadas de HoE también lo han confirmado en su trabajo de campo: la mayoría de los programas sobre acoso/bullying están diseñados para el entorno escolar y por ello ha sido notoria la necesidad de desarrollar estrategias de intervención adaptadas a CAR y, por lo tanto, la pertinencia de proyectos innovadores como HoE.

Este informe está dirigido a todos aquellos que cooperan con cualquiera de las partes interesadas de la comunidad en el cuidado de menores: desde los responsables de la elaboración de políticas eficaces a los profesionales que trabajan directamente con los niños/as y jóvenes en CAR.

La redacción de este informe consiste en: información proporcionada por cada organización asociada; revisión bibliográfica e investigación en la red.

La estructura del documento es la siguiente:

El capítulo uno ofrece una amplia información acerca del bullying como concepto y ofrece una visión general de las estadísticas de acoso en cada uno de los países asociados al proyecto y en Europa en su conjunto.

El segundo capítulo ofrece una visión crítica sobre cómo se organizan los CAR en cada uno de los países asociados, incluyendo no sólo los tipos de CAR existentes, el número de menores derivados a esas instituciones y las causas de institucionalización, sino también evidencias de bullying o acoso en estos ambientes.

Por último, en el tercer capítulo se resumen algunas de las posibles formas de abordar casos de bullying en CAR.

Este informe se complementa con la Guía de Buenas Prácticas de Houses of Empathy, la cual se centra en los métodos más recientes diseñados para la prevención del acoso en las escuelas y en los centros de acogimiento residencial para menores, tanto desde un punto de vista político como de un punto de vista metodológico.

[PT]

No entanto, a maioria das políticas e programas encontrados e analisados no âmbito desta pesquisa, estão relacionados com a prevenção do bullying em contexto escolar, dada a escassez de informação disponível sobre intervenção no bullying em CACJ. As organizações parceiras do HoE confirmam que esta é a sua percepção sobre o tema: a maioria dos programas direcionados ao bullying são concebidos para o ambiente escolar, provindo daí a necessidade de desenvolver estratégias inovadoras de intervenção adaptadas a CACJ, sendo esse o objetivo do projeto HoE.

Este Relatório tem como público-alvo todos aqueles envolvidos no contexto da proteção de crianças e jovens, desde os responsáveis pelo desenvolvimento de políticas eficazes, até aos profissionais que trabalham diretamente com crianças e jovens em casas de acolhimento.

As fontes analisadas para o presente relatório consistiram em: informação fornecida por cada organização parceira, revisão de literatura selecionada e documentação disponível online.

O relatório apresenta a seguinte estrutura:

O Capítulo um inclui informação geral sobre o conceito de bullying e apresenta uma visão global sobre os dados estatísticos relativos a este tema em cada um dos países parceiros do HoE e no contexto Europeu.

O Capítulo dois apresenta uma perspectiva crítica sobre a forma como as CACJ estão organizadas em cada país parceiro, incluindo não apenas os tipos de CACJ existentes, o número de crianças acolhidas nessas instituições e as causas da institucionalização, mas também observações relacionadas com o bullying nesses contextos.

Por último, o Capítulo três explora possíveis abordagens ao bullying em CACJ.

O presente relatório é complementado pelo Guia de Boas Práticas Houses of Empathy, que apresenta algumas das mais recentes abordagens na prevenção e intervenção em situações de bullying em escolas e em CACJ, tanto de uma perspectiva política como metodológica.

1. BULLYING / VIOLENCE AMONG PEERS

[ES] Bullying / Violencia Entre Igualas [PT] Bullying / Violência entre Pares

1.1 Bullying Definition(s)

There are several definitions for Bullying. Olweus, a renowned author in this field, has defined bullying as a situation in which a child/youngster is exposed to negative and intentional actions that involve pain or discomfort from one or more peers and those actions are repetitive and happen over a period of time (Barbosa & Santos, 2010). In 2013, the Irish Department of Education & Skills issued a document with Anti-Bullying Procedures for Primary and Post-Primary Schools that defines Bullying as the unwanted negative behaviour, (verbal, psychological or physical) conducted by an individual or group against another person (or persons) and which is repeated over time. Cyber-bullying and identity-based bullying (such as homophobic bullying and racist bullying) are also included in this definition.

The Northern Ireland Anti-Bullying Forum defines bullying as “the repeated use of power by one or more persons intentionally to harm, hurt or adversely affect the rights or needs of another or others”.

Across the many definitions existing, three main factors stand out in most of them, distinguishing bullying from other types of violence: the aggressive behaviours are intentional, they are repetitive and the perpetrator is physically, psychologically or socially stronger than the target (López, Finalé, Villén, Merchán & Ruiz, 2014). Meaning that bullying usually has three key elements:

- It is a repeated behaviour that happens over a period of time;
- It involves an imbalance of power;
- It is intentionally hurtful behaviour.

[ES]

1.1 Definición de Bullying

Existen varias definiciones para bullying o acoso. Olweus, un reconocido autor en este campo, lo ha definido como una situación en la que un niño/a o joven está expuesto de manera repetitiva e intencional a acciones negativas por parte de uno o más de sus compañeros las cuales implican dolor o malestar. Estas acciones son repetitivas y se alargan en el tiempo (Barbosa y Santos, 2010). En 2013, el Departamento de Educación y Habilidades de Irlanda publicó un documento de Procedimientos de lucha contra el bullying en las escuelas de primaria y post-primaria que define el acoso como un comportamiento negativo no deseado, (verbal, psicológico o físico) llevado a cabo por un individuo o grupo contra otra persona (o personas) y que se repite en el tiempo. El ciber-bullying y acoso basado en la identidad de las personas (como acoso a los homosexuales y la hostilidad racial) también se incluye en esta definición.

El Foro Contra el Acoso en Irlanda del Norte define el bullying como “el uso del poder por parte de una o más personas de forma repetitiva e intencional que daña y afecta negativamente a los derechos y necesidades de otro u otros”.

En cuanto a las muchas definiciones de bullying existentes, la mayoría de ellas destacan tres factores principales, distinguiendo el acoso de otros tipos de violencia: los comportamientos agresivos son intencionales, repetitivos y el sujeto es física, psicológica o socialmente más fuerte que el objetivo (López, Finalé, Villén, Merchán y Ruiz, 2014). Lo que significa que el bullying por lo general tiene tres elementos clave:

- Es un comportamiento repetido que ocurre durante un período determinado de tiempo;
- Implica un desequilibrio de poder;
- Es un comportamiento intencional e hiriente

[PT]

1.1 Definições de Bullying

Existem várias definições de Bullying. Olweus, um reconhecido autor nesta temática, definiu bullying como uma situação na qual uma criança ou jovem é exposto a ações negativas e intencionais que envolvem dor ou desconforto praticadas por um ou mais pares, sendo as mesmas repetidas ao longo de um período de tempo (Barbosa e Santos, 2010). Em 2013, o Departamento de Educação e Competências da Irlanda elaborou um documento com Procedimentos Anti-Bullying para Escolas Primárias e Pós-Primárias, que define Bullying como um comportamento negativo indesejado, (verbal, psicológico ou físico) conduzido por um indivíduo ou grupo contra uma outra pessoa (ou pessoas) e que é repetido ao longo do tempo. O bullying virtual e o bullying com base na identidade (e.g. bullying homofóbico e racista) estão também incluídos nesta definição.

O Fórum Anti-Bullying da Irlanda do Norte, por seu lado, define bullying como “a utilização repetida de poder por uma ou mais pessoas, de modo intencional para prejudicar, magoar ou afectar adversamente os direitos ou necessidades de outro ou outros”.

Com base nas várias definições existentes, destacam-se três fatores principais que distinguem o bullying de outros tipos de violência: os comportamentos agressivos são intencionais, repetitivos e o perpetrador é fisicamente, psicologicamente ou socialmente mais forte que o seu alvo (López, Finalé, Villén, Merchán e Ruiz, 2014). Assim, o bullying tipicamente apresenta três elementos chave:

- É um comportamento que se repete ao longo de um período de tempo;
- Envolve um desequilíbrio de poder;
- É um comportamento baseado na intenção de magoar.



There are many different ways that bullying behaviour can be displayed. This could include:

- Being called nasty names, teased, made fun of, threatened or put down;
- Being hit, kicked, punched, tripped up or knocked over;
- Having belongings stolen or damaged;
- Having rumours or gossip spread about you or people talking about you behind your back;
- Being left-out, excluded or isolated;
- Being forced to do something you don't want to do or something you know is wrong;
- Cyber-bullying.

According to the targeted groups there are also different types of bullying identified:

- Disablist bullying;
- Homophobic bullying;
- Racist bullying;
- Sectarian bullying;
- Transphobic bullying.¹

Moreover, the Anti-Bullying Procedures for Primary and Post-Primary Schools (2013) also defines the following types of bullying: deliberate exclusion, malicious gossip and other forms of relational bullying; cyber bullying and identity-based bullying such as homophobic bullying, racist bullying, bullying based on a person's membership of the traveller community and bullying of those with disabilities or special educational needs. Also publishing offensive or hurtful public messages, images or statements on social media is regarded as bullying behaviour.

On that account, bullying can be physical (e.g. pushing, hurting, kicking, pinching), verbal (e.g. nicknames, teasing, insulting), moral (e.g. discriminating, tyrannising, slandering), sexual (abuse, harassment), psychological (intimidating, ignoring, excluding, stalking, humiliating, frightening), material (e.g. stealing, destroying material and personal belongings) or virtual (e.g. humiliation, slander, offenses through the internet and mobile phones).

[ES]

El comportamiento de bullying puede darse de muchas maneras diferentes. Esto podría incluir:

- Ser objeto de burlas, amenazadas o ser llamado por nombres desagradables;
- Ser golpeado, patadas, puñetazos, hacerlo caer...;
- Ser robado o dañar sus pertenencias;
- Ser objeto de rumores o propagación de chismes a sus espaldas
- Quedar excluidos o aislados;
- Verse obligados a hacer algo que no quieren hacer o algo que saben que está mal (extorsión);
- Acoso cibernético.

De acuerdo con los grupos afectados también hay diferentes tipos de acoso identificado:

- Acoso por discapacidad;
- Acoso homófobo;
- Acoso racista;
- Acoso por motivos religiosos;
- Acoso transfóbico.¹

Por otra parte, los procedimientos de lucha contra el bullying en escuelas de enseñanza primaria y secundaria (2013) también definen los siguientes tipos de acoso: exclusión, rumores y otras formas de intimidación relacional; acoso cibernético y acoso basado en la identidad como el acoso a los homosexuales, la hostilidad racial, intimidación basada en la pertenencia a la comunidad nómada y acoso de las personas con discapacidad o necesidades especiales. También se considera comportamiento de acoso a la publicación de mensajes ofensivos o hirientes, imágenes o declaraciones públicas en los medios sociales.

En definitiva, el acoso puede ser físico (como empujar, golpear, patadas, pellizcos), verbal (como apodos, burlas, insultos), moral (discriminar, calumniar), sexual (abuso, acoso), psicológico (intimidación, ignorar, excluir, humillar, amenazar), atentar contra propiedades (robar el material y objetos personales) o virtual (humillación, calumnia, ofensas a través de internet y teléfonos móviles).

¹Información disponible en: <http://www.endbullying.org.uk/what-is-bullying/>

[PT]

Os comportamento de bullying podem manifestar-se de diferentes formas, incluindo:

- Chamar nomes desagradáveis, provocar, fazer troça, ameaçar ou rebaixar;
- Bater, pontapear, esmurrar, fazer tropeçar ou derrubar;
- Roubar ou destruir bens;
- Espalhar rumores ou boatos sobre alguém ou falar dessa pessoa sem o seu consentimento;
- Deixar alguém de lado, excluído ou isolado;
- Forçar alguém a fazer algo que não quer ou algo que sabe que não é correto;
- Bullying na internet.

Foram também identificados diferentes tipos de bullying de acordo com o grupo de pessoas a quem o bullying é direcionado:

- Bullying contra pessoas portadoras de deficiência;
- Bullying homofóbico;
- Bullying racista;
- Bullying sectário;
- Bullying transfóbico.¹

Assim sendo, o bullying pode ser físico (empurrar, magoar, pontapear, beliscar), verbal (chamar alcunhas, provocar, insultar), moral (discriminar, tiranizar, difamar), sexual (abuso, assédio), psicológico (intimidar, ignorar, excluir, perseguir, humilhar, assustar), material (roubar, destruir material e bens pessoais) ou virtual (humilhar, difamar, ofender através da internet ou telemóveis).

¹Informação disponível em: <http://www.endbullying.org.uk/what-is-bullying/>

¹Information available at: <http://www.endbullying.org.uk/what-is-bullying/>

It's commonly accepted that bullying is a form of unacceptable behaviour, but not all unacceptable behaviours can be considered bullying. Several authors consider that it is not bullying when: the aggressions are not repetitive; the fight happens because of a quarrel over a toy, for example; it's a play between equals, even if children are playing more aggressively; the child likes the nicknames and truly has fun playing (Vale, 2009).

This view on what bullying is not is consistent with the views shared among the partner organisations of HoE. "Isolated incidents of aggressive behaviour, while they indicate a problem that needs to be sorted out, do not constitute bullying. However, when the behaviour is systematic and on-going, it is bullying."²

Most authors identify four types of protagonists that may be involved in bullying situations: The Bullies, the Victims, the Bully-Victims and the Witnesses. However, naming the protagonists this way may possibly put the focus on the children and might lead to blaming and victimization approaches that aren't beneficial.

On this matter, the HoE partners chose to use a different way to refer to these actors, one that is more focused on the behaviours and not on the child. Therefore, along this report, the individuals involved in bullying situations will be referred to as the:

- **Perpetrators - those who display bullying behaviours towards others;**
- **Targets - those who are bullied;**
- **Bully-victims - those who bully other people but are also bullied;**
- **Audience or Bystanders, who aren't bullied nor perpetrators, but they coexist in an environment characterised by bullying and they know the perpetrators and their targets.**

²Sticks and Stones Handbook - Author Prof. Mona O'Moore - quoted at the first Training Event organised by the HoE project.

[ES]

El bullying es reconocido frecuentemente como una forma de comportamiento inaceptable, sin embargo, no todos los comportamientos inaceptables pueden ser considerados bullying. Varios autores consideran que no es un caso de bullying cuando: las agresiones no son repetitivas; la lucha sucede a causa de una pelea por un elemento en particular; si se trata de un juego entre iguales, incluso aunque los niños estén jugando de manera agresiva; si al menor le gustan y divierten los apodos (Vale, 2009).

Esta teoría sobre lo que no es bullying está consolidada con los puntos de vista compartidos entre las organizaciones asociadas de HoE. "Incidentes aislados de comportamiento agresivo no constituyen acoso. Sin embargo, cuando el comportamiento se da de forma sistemática y continua se considera bullying."²

La mayoría de los autores identifican cuatro tipos de protagonistas que pueden estar implicados en situaciones de acoso: los agresores, las víctimas, las bully-víctimas y los testigos. Sin embargo, el nombramiento de los protagonistas de esta manera, podría poner el foco en los actores y conducir a una postura de culpa y victimización, los cuales no son beneficiosos.

En consecuencia, los socios de HoE hemos optado por utilizar una forma diferente de referirnos a estos actores, que se centra más en los comportamientos y no en la persona. Por todo esto, a lo largo de este informe, se hará referencia a las personas involucradas en situaciones de acoso de la siguiente manera:

- Autores - los que exhiben comportamientos de intimidación hacia los demás;
- Objetos de bullying - los que son intimidados;
- Bully-víctimas - los que intimidan a otras personas, pero también son intimidados;
- Audiencia o Espectadores – aquellos que no son ni autores ni víctimas, sino que coexisten en un entorno caracterizado por la intimidación y conocen a los autores y sus objetivos.

²Sticks and Stones Handbook - Author Prof. Mona O'Moore - quoted at the first Training Event organised by the HoE project.

[PT]

Habitualmente, o bullying é tido como um comportamento inaceitável mas, nem todos os comportamentos inaceitáveis podem ser considerados bullying. Deste modo, consideram-se que as seguintes situações não representam bullying: as agressões quando não têm um carácter repetitivo; a contenda, quando se deve, por exemplo, a querer o mesmo brinquedo; uma brincadeira entre iguais, mesmo que mais agressiva; algumas, quando a criança aprecia as que lhe são atribuídas e se diverte nas brincadeiras (Vale, 2009).

Esta ideia sobre o que o bullying não é, é consistente com as perspectivas partilhadas entre as organizações parceiras da HoE. "Os incidentes isolados de comportamento agressivo, embora sejam indicativos de um problema que precisa ser resolvido, não constituem bullying. No entanto, quando existe um desequilíbrio e abuso de poder e o comportamento é sistemático e contínuo, trata-se de bullying."²

A maioria dos autores identificam quatro tipos de protagonistas em situações de bullying: os agressores, as vítimas, os agressores-vítimas e as testemunhas. No entanto, atribuir estes rótulos aos protagonistas de uma situação de bullying pode colocar o foco na criança, o que pode conduzir a uma situação de culpabilização/vitimização que não é benéfica.

Sobre este assunto, os parceiros HoE escolheram utilizar uma outra forma para se referir a estes intervenientes, numa abordagem focada no comportamento e não na criança. Assim, ao longo deste relatório, os indivíduos envolvidos em situações de bullying serão referidos como:

- Perpetradores – aqueles que cometem atos de bullying contra outros;
- Alvos – aqueles que são visados em atos de bullying;
- Perpetradores-alvos – aqueles que cometem atos de bullying mas são também eles vítimas de bullying;
- Audiência ou Espectadores – aqueles que não praticam nem são alvos de bullying mas que coexistem num ambiente no qual o bullying é uma realidade e têm conhecimento de quem são os perpetradores e os alvos de bullying.

²Sticks and Stones Handbook - Prof. Mona O'Moore - Citado no primeiro evento internacional do projeto HoE.

Whether being perpetrators, targets or bystanders, some reasons may prevent children from reporting bullying episodes, such as: fear of retaliation (even if bullying is verbal, they may fear that it will become worse); children may not recognise themselves as targets; resignation (they may believe that bullying won't stop and that they are being bullied because there's something wrong with themselves); targeted children may be afraid that adults won't believe them and, also, they may think that they will be alright if they can escape the perpetrators attention. Children can fear that involving the adults will make it worse i.e. it will become a "big" thing with investigations etc. when all they want is for it to stop.

Children that suffer from bullying can show signs and symptoms that may be physical (e.g. bruises, lost money, damaged possessions, physical complaints such as head or stomach aches, nightmares, bedwetting), social (e.g. no enthusiasm to be with friends, few friends, lack of willingness to go to school) or psychological (e.g. high anxiety, mood changes, destructive or self destructive behaviour, apathy and moments of depression, high sensitivity to critics) (Vale, 2009).

Some risk factors increase the probability of suffering from bullying, such as: low self-esteem, high anxiety and insecurity, poor emotional self-regulation and poor management of negative issues, vulnerability/emotional fragility and ADHD (APAV, 2011).

Environmental factors can also promote bullying, such as: lack of involvement or warmth from the child's primary caretaker; tolerance to abusive behaviours; physical or emotional punishment; and a parenting style that is not compatible with the child's temperament (Sarazen, 2002).

A recent study carried out in Portugal, with adolescents aged 12 to 17 years old, revealed that perpetrators have more self-confidence and generally feel less rejected and incapable than targets. Bully-victims, on the other hand, show an inconsistent profile. While some of them present high levels of self-esteem and self-confidence, others feel weak and rejected. Young people involved in bullying behaviours presented more adjustment difficulties and there were more male than female perpetrators and targets (Seixas, Coelho & Fischer, 2013).

According to Cook & Howell (2014), bullying affects many children during school years and it contributes to a poorer academic and social performance.

[ES]

Tanto para autores como objetos de bullying o espectadores, algunas de las razones por las que estos evitan informar de un determinado episodio de bullying son: miedo a represalias (incluso si el acoso es verbal, pueden temer que llegue a ser peor); miedo a reconocerse a sí mismos como blancos; resignación (podrían pensar que el acoso no se detendrá y que están siendo intimidados porque hay algo malo en sí mismos); temor de que los adultos no les crean y miedo a llamar la atención de los autores. Temen que involucrar a los adultos empeore la situación, convirtiéndola en un "gran problema" e invertir tiempo en ella cuando lo único que quieren es que se detenga.

Los niños que sufren de acoso muestran una serie de signos y síntomas que pueden ser físicos (hematomas, pérdida de dinero, posesiones dañadas, dolores de cabeza o estómago, pesadillas, enuresis), sociales (pocos amigos y no querer salir, poca disposición para ir a la escuela) o psicológica (ansiedad, cambios de humor, comportamiento destructivo o auto destructivo, apatía, depresión y alta sensibilidad a las críticas) (Vale, 2009).

Hay algunos factores de riesgo que podrían aumentar la probabilidad de padecer el acoso, tales como: baja autoestima, altos niveles de ansiedad e inseguridad, falta de auto-regulación emocional, vulnerabilidad/fragilidad emocional y TDAH (APAV, 2011). Los factores ambientales también pueden influir en los índices de bullying, como la falta de implicación o calor familiar; tolerancia a comportamientos abusivos; castigo físico o emocional; o un estilo de crianza no compatible con el temperamento del niño (Sarazen, 2002).

Un estudio reciente llevado a cabo en Portugal, con los adolescentes de 12 a 17 años de edad, reveló que los autores del bullying tienen más confianza en sí mismos y por lo general se sienten menos rechazados y más capaces que los niños/as víctimas de bullying. Las Bully-víctimas, por el contrario, muestran un perfil inconsistente. Mientras que algunos de ellos presentan altos niveles de autoestima y confianza en sí mismos, otros se sienten débiles y rechazados. Los jóvenes que participan en conductas de acoso presentan más dificultades de adaptación y por lo general suele darse más entre los hombres que entre las mujeres (Seixas, Coelho y Fischer, 2013). De acuerdo con Cook & Howell (2014), el acoso afecta a muchos niños y niñas durante los años escolares y contribuye a un pobre rendimiento académico y comportamiento social.

[PT]

Quer se tratem de perpetradores, alvos ou espectadores, alguns motivos podem inibir as crianças de denunciar episódios de bullying, tais como: as crianças temerem uma retaliação (mesmo quando o bullying é apenas verbal, podem recear que se agrave); as crianças podem não reconhecer que são alvos; as crianças resignarem-se (a criança pode acreditar que o bullying não irá cessar ou que está a ser alvo de tais comportamentos porque há algo de errado consigo própria); as crianças-alvo podem recear que os adultos não acreditam nelas e podem pensar que estarão seguras se conseguirem desviar-se da atenção dos perpetradores; as crianças podem evitar contar a um adulto por medo que isso piore a situação se, por exemplo, for instaurado um processo disciplinar, quando tudo o que querem é que a situação termine. As crianças que são alvos de bullying podem também apresentar sinais e sintomas físicos (nódooas negras, perda de dinheiro, bens pessoais danificados, queixas físicas tais como dor de cabeça ou de estômago, pesadelos, enurese), sociais (falta de entusiasmo para estar com amigos, ter poucos amigos, falta de vontade de ir para a escola) ou psicológicos (elevada ansiedade, mudanças de humor, comportamentos destrutivos ou autodestrutivos, apatia e depressão, elevada sensibilidade à crítica) (Vale, 2009).

Alguns fatores de risco aumentam a probabilidade de ser alvo de bullying, por exemplo: baixa autoestima, elevada ansiedade e insegurança, fraca autorregulação emocional e fraca gestão de eventos negativos, vulnerabilidade/fragilidade emocional e PHDA (APAV, 2011).

Alguns fatores ambientais podem também promover situações de bullying, por exemplo: falta de envolvimento ou carinho da parte do cuidador primário; tolerância a comportamentos abusivos; punição física ou emocional; e um estilo parental não adaptado ao temperamento da criança (Sarazen, 2002).

Um estudo recente levado a cabo em Portugal, com adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, revelou que os perpetradores são mais autoconfiantes e sentem-se menos rejeitados e incapazes que as crianças alvos de bullying. Os perpetradores-alvos, por sua vez, apresentam um perfil inconsistente. Enquanto uns possuem uma autoestima e autoconfiança elevadas, outros sentem-se fracos e rejeitados. Os resultados demonstraram, ainda, que as crianças e jovens envolvidos em comportamentos de bullying tinham mais dificuldades de ajustamento e que os rapazes, mais frequentemente que as raparigas, assumiam comportamentos de alvos ou agressores (Seixas, Coelho & Fischer, 2013).

De acordo com Cook e Howell (2014), o bullying afeta muitas crianças durante os anos escolares, contribuindo para um aproveitamento académico e uma performance social mais empobrecidas.

Children and young people that are targets of bullying may face short and long term negative consequences, such as: physical injury, psychological disturbances, relationship difficulties, substance abuse, underachievement at school, self-harm or suicide, and they have a higher susceptibility to be victimized or to become perpetrators (Baker, Cunningham & Male, 2002). In addition, the targets may experience: low self esteem, low self confidence, low trust in other people, negative self concept and difficulties staying focused (Vale, 2009). Fear is also a major consequence for children that suffer from bullying. After a bullying episode, fear may be kept alive by threats or hints that the situation can happen again. The targeted child may suffer from fear as long as the perpetrator has influence on them.

According to research carried out by an organization called Save the Children, the targets may also present suicidal thoughts, feelings of loneliness, anxiety, depression, learning and difficulties in school integration. Regarding cyber bullying, the targets may experience the following negative effects: suicide or thoughts of suicide, psychological problems, psychosocial and behavioural problems, depression, low self esteem, worries and psychosomatic symptoms, insecurity, sleeping problems, anxiety, low self confidence, feelings of anger and frustration, irritability, and difficulties to stay focused (also affecting academic achievement) (López, Finalé, Villén, Merchán & Ruiz, 2014).

Concerning bystanders, there can be different reasons behind their behaviour and different consequences from being involved in bullying situations. Vale (2009), suggests that bystanders might feel insecure and afraid of becoming the next targets. Their silence may be due to a belief that the perpetrators won't be punished.

These consequences don't apply only to children that are targets or bystanders of bullying; perpetrators can also suffer from the consequences of their own behaviour.

[ES]

Los niños y jóvenes que son víctimas de acoso podrían enfrentarse a consecuencias negativas a corto o largo plazo como: lesiones físicas, trastornos psicológicos, dificultades para relacionarse, consumo de alcohol o drogas, bajo rendimiento en la escuela, autolesión o suicidio, y tienen una mayor susceptibilidad de convertirse en objetos de bullying o autores. (Baker, Cunningham y Hombre, 2002). Además, los objetos de bullying pueden experimentar: baja autoestima, poca confianza en otras personas, concepto de sí mismo negativo y dificultades para mantener la concentración (Vale, 2009). El miedo es otra consecuencia importante en los niños que sufren acoso. Despues de un episodio de bullying, el miedo puede seguir siendo alimentado por amenazas, y mientras el autor del acoso tenga influencia sobre su objeto de bullying, éste seguirá sufriendo por miedo a que se repita la misma situación una y otra vez.

De acuerdo con la investigación llevada a cabo por Save the Children, los pensamientos suicidas son comunes entre los niños y niñas que sufren acoso, así como sentimientos de soledad, ansiedad, depresión o dificultades de aprendizaje e integración escolar. En cuanto al ciber-bullying o acoso en la red, los objetos de acoso pueden experimentar los siguientes efectos negativos: pensamientos suicidas, problemas psicológicos, problemas de conducta, depresión, baja autoestima y/o confianza en sí mismos, síntomas psicosomáticos, inseguridad, problemas de sueño, ansiedad, sentimientos de ira y frustración, irritabilidad y dificultad para mantener la concentración (que también afecta al rendimiento académico) (López, Finalé, Villén, Merchán y Ruiz, 2014).

En cuanto a los espectadores, existen numerosas razones por las que se debe su comportamiento y diferentes consecuencias por estar involucrado en situaciones de acoso. Vale (2009), afirma que los espectadores se sienten seguros en su posición y no intervienen por miedo a convertirse en los próximos objetos de bullying. Su silencio puede ser debido a la creencia de que los autores no serán castigados y su intervención no será efectiva, y consecuentemente, podrían convertirse en los próximos objetivos. Las consecuencias anteriores no se aplican sólo a los niños que son objetos o espectadores de bullying; los autores también sufren las consecuencias de su propia conducta.

[PT]

As crianças e jovens alvos de bullying podem experinciar consequências negativas de curto e de longo prazo, tais como: lesões físicas, distúrbios psicológicos, dificuldades de relacionamento, consumo de drogas, fraco desempenho académico, automutilação ou suicídio e uma maior susceptibilidade para se tornarem alvos ou perpetradores (Baker, Cunningham e Male, 2002). As crianças-alvos de comportamentos de bullying podem ainda sofrer as seguintes consequências: medo e infelicidade, baixa autoestima, baixa autoconfiança, escassa confiança nos outros, autoconceito negativo e dificuldades de concentração (Vale, 2009). Após um episódio de bullying uma das consequências mais graves é o medo. O medo pode ser mantido através de ameaças ou insinuações de que a situação se pode repetir. A criança-alvo estará sob este sentimento de medo enquanto o perpetrador tiver influência sobre ela.

Conforme os resultados de uma pesquisa desenvolvida pela organização Save the Children, os alvos podem também experinciar ideação suicida, sentimentos de solidão, ansiedade, depressão, dificuldades de aprendizagem e de integração escolar. Relativamente ao bullying virtual, os alvos podem sentir os seguintes efeitos negativos: suicídio ou ideação suicida, perturbações psicológicas, problemas psicosociais e comportamentais, depressão, baixa autoestima, preocupações e sintomas psicosomáticos, insegurança, dificuldades no sono, ansiedade, baixa autoconfiança, sentimentos de raiva e frustração, irritabilidade e dificuldades de concentração (que também afetam o desempenho académico) (López, Finalé, Villén, Merchán e Ruiz, 2014).

Em relação aos espectadores, poderão haver motivos diferentes para justificar o seu comportamento. Vale (2009) sugere que os espectadores poderão sentir-se inseguros e temerem ser os próximos alvos. O seu silêncio pode advir da crença de que os perpetradores não sofrerão consequências.

Estas consequências não se aplicam apenas às crianças-alvo ou aos espectadores em situações de bullying; os perpetradores podem também sofrer com as consequências do seu próprio comportamento.

In the short term, the perpetrators may get what they want but in the long term, bullying and aggression may also have negative effects on their development and capacity to meet their needs in socially acceptable ways (Baker, Cunningham & Male, 2002). According to several authors, they may engage in antisocial behaviours, have self-control problems, use physical power to solve problems and disrespect the law, they may face difficulties regarding social integration, relationships and affection (Vale, 2009), and they may use drugs. Those who are both perpetrators and targets of bullying may face poor social adjustment and isolation, anxiety, low self-esteem and depression (López, Finalé, Villén, Merchán & Ruiz, 2014).

1.2 Bullying Issues in Europe and in the World

EU Kids Online³ carried out research in 2011 and concluded that 31% of European Children experienced bullying, 19% were bullied in the previous year and 12% had bullied others.⁴

Also, the HBSC survey from 2009/2010 with children aged between 11 and 15 years old across 38 countries and regions in the world concluded that the prevalence of being bullied significantly declined with age in most countries among boys and girls. Boys were bullied more than girls in a few countries. Additionally, the prevalence of bullying others significantly increased with age (boys - half of the countries and regions studied; girls - less than half of the countries and regions studied). In almost all countries and regions, boys, more than girls, affirmed having bullied others. The prevalence of bullying seems to be decreasing in 14 countries but there's still a high prevalence in other countries. This fact reinforces the need to implement prevention and intervention programmes to reduce bullying worldwide. Among the countries studied in this report, Portugal presents the higher rates of bullying incidence.

³EU Kids Online is an international research network that aims to improve current knowledge of European children's online opportunities, risks and safety, in dialogue with national and European policy stakeholders.

⁴Information available at:
http://ec.europa.eu/justice/fundamental-rights/files/s3_forum_bullying_en.pdf

[ES]

A corto plazo, los autores pueden conseguir lo que quieren, pero a largo plazo, el acoso y la agresión pueden también tener efectos negativos en su desarrollo y en su capacidad para satisfacer sus necesidades de una forma socialmente aceptable (Baker, Cunningham y Male, 2002). De acuerdo con varios autores, los niños y niñas autores del acoso están vinculados a comportamientos antisociales, problemas de autocontrol, utilización de la fuerza física para resolver problemas y falta de respeto a la ley, podrían enfrentar dificultades en relación a la integración social, las relaciones y el afecto (Vale, 2009), y podrían ser futuros consumidores de alcohol y drogas. Tanto los autores como los objetos del bullying podrían sufrir problemas de adaptación social, exclusión, ansiedad, baja autoestima o depresión (López, Finalé, Villén, Merchán y Ruiz, 2014).

1.2 Problemas de Bullying en Europa y en el Mundo

En una investigación llevada a cabo por EU Kids Online³ en 2011, se llegó a la conclusión de que el 31% de los niños europeos han experimentado acoso, el 19% fue objeto de bullying en el año anterior y el 12% habían acosado a otros.⁴

Además, la encuesta realizada por HBSC en 2009/2010 con menores de edades comprendidas entre los 11 y 15 años de edad en 38 países y regiones en el mundo llegó a la conclusión de que la prevalencia de blancos de acoso va disminuyendo significativamente con la edad en la mayoría de los países, en muchos de los cuales los niños eran acosados más que las niñas. Sin embargo, en el caso de los autores de bullying, la permanencia de su comportamiento aumenta significativamente con la edad (niños - la mitad de los países y regiones estudiadas; niñas - menos de la mitad de los países y regiones estudiadas). En casi todos los países y regiones, los niños, más que las niñas, afirmaron haber intimidado a otros. La prevalencia de la intimidación parece estar disminuyendo en 14 de los países estudiados, sin embargo, aún existe un alto índice de bullying en otros países. Este hecho refuerza la necesidad de implementar programas de prevención e intervención para reducir el acoso en todo el mundo. Entre los países estudiados en este informe, Portugal presenta los mayores índices de acoso.

³EU Kids Online es una red internacional de investigación que tiene como objetivo mejorar el conocimiento, oportunidades, riesgos y seguridad de los niños europeos en la red, en diálogo con las partes interesadas de las políticas nacionales y europeas.

⁴Información disponible en:
http://ec.europa.eu/justice/fundamentalrights/files/s3_forum_bullying_en.pdf

[PT]

A curto prazo, os perpetradores costumam atingir os seus fins, no entanto, o bullying e os comportamentos agressivos podem surtir efeitos negativos no seu próprio desenvolvimento e na capacidade de satisfazer as suas necessidades de forma socialmente aceitável (Baker, Cunningham e Male, 2002). Podem manifestar comportamentos antisociais, dificuldades de autocontrolo, servir-se da força física para resolver problemas e desrespeitar a lei, apresentar dificuldades na integração social, nos relacionamentos e no campo afectivo (Vale, 2009), podendo também utilizar estupefacentes. Os perpetradores-alvos, por seu lado, podem experienciar um mau ajustamento social e isolamento, ansiedade, baixa autoestima e depressão (López, Finalé, Villén, Merchán e Ruiz, 2014).

1.2 Questões de Bullying na Europa e no Mundo

A EU Kids Online³ conduziu uma pesquisa em 2011 e concluiu que 31% das crianças Europeias estiveram envolvidas em situações de bullying, sendo que 19% foram alvos de bullying no ano anterior e 12% cometiam atos de bullying.⁴

O estudo da HBSC de 2009/2010 com crianças com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos, em 38 países e regiões do mundo, concluiu que a prevalência de ser alvo de bullying, tanto entre rapazes como raparigas, decresceu significativamente com a idade na maioria dos países. Em alguns países, os rapazes foram mais frequentemente alvo de bullying do que as raparigas. Por outro lado, a prevalência de adotar comportamentos de bullying (enquanto perpetrador) aumentou significativamente com a idade (rapazes - em metade dos países e regiões estudadas; raparigas - em menos de metade dos países e regiões estudadas). Em quase todos estes países e regiões o sexo masculino, mais do que o feminino, afirmou ter cometido bullying. A prevalência do bullying parece estar a diminuir em 14 países, porém, a prevalência noutras países é ainda elevada. Este facto vem reforçar a necessidade de implementar programas de prevenção e de intervenção, de forma a reduzir o bullying na sociedade. Entre os países parceiros no presente REA, Portugal apresenta os níveis de incidência de bullying mais elevados.

³A EU Kids Online é uma rede internacional que promove o estudo das oportunidades, riscos e segurança dos ambientes digitais para as crianças, em conjunto com vários agentes políticos na comunidade europeia.

⁴Informação disponível em:
http://ec.europa.eu/justice/fundamental-rights/files/s3_forum_bullying_en.pdf

Average rates⁵ of being bullied among ages 11, 13 and 15 (at least twice in the past couple of months):

Portugal	14.5% (Boys 17.3%, Girls 11.6%)
England	9.8% (Boys 9.3%, Girls 10.3%)
Ireland	9.2% (Boys 11.3%, Girls 7%)
Scotland	9.2% (Boys 9.7%, Girls 8.7%)
Wales	8.8% (Boys 9.3% Boys, Girls 8.3%)
Spain	6% (Boys 7.7%, Girls 4.3%)

Average Rates of bullying others among ages 11, 13 and 15 (at least twice in the past couple of months):

Portugal	9.5% (Boys 13%, Girls 6%)
Spain	6.7% (Boys 9%, Girls 4.3%)
Scotland	4.8% (Boys 6.3%, Girls 3.3%)
England	4.4% (Boys 6.7% Boys, Girls 2%)
Ireland	4% (Boys 6%, Girls 2%)
Wales	2.5% (Boys 3.7%, Girls 1.3%) (WHO, 2012)

The EU Agenda for the Rights of the Child⁶ affirms that the EU is committed to protecting children from violence, especially bullying and cyber bullying. This is supported by the UN Convention on the Rights of the Child (UNCRC), which also says that bullying and other forms of violence and harassment are unacceptable in any context, and emphasizes the importance of prevention to protect children's fundamental rights.

On this matter, the 2006 World Report on Violence Against Children presents useful suggestions to prevent and intervene in bullying situations. All but 6 member countries of the Organization for Economic Co-operation and Development (OECD) made steps to tackle bullying and violence, requiring schools to set anti-bullying policies. There's no EU legal system for violence at school. However, many member states adopted laws that can be used to tackle some forms of bullying.⁷

⁵Average rates calculated by HoE, based on the data available in the Health Behaviour In School-Aged Children (HBSC) Study: International Report From The 2009/2010 Survey

⁶Information available at:
<http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2011:0060:FIN:EN:PDF>

⁷Information available at:
http://ec.europa.eu/justice/fundamental-rights/files/s3_forum_bullying_en.pdf

[ES]

Resultados del índice⁵ de objetos de bullying entre niños de 11, 12 y 15 años de edad:

Portugal	14.5% (Niños 17.3%, Niñas 11.6%)
Inglaterra	9.8% (Niños 9.3%, Niñas 10.3%)
Irlanda	9.2% (Niños 11.3%, Niñas 7%)
Escocia	9.2% (Niños 9.7%, Niñas 8.7%)
Gales	8.8% (Niños 9.3%, Niñas 8.3%)
España	6% (Niños 7.7%, Niñas 4.3%)

Resultados del índice de autores de bullying entre niños de 11, 12 y 15 años de edad:

Portugal	9.5% (Niños 13%, Niñas 6%)
España	6.7% (Niños 9%, Niñas 4.3%)
Escocia	4.8% (Niños 6.3%, Niñas 3.3%)
Inglaterra	4.4% (Niños 6.7%, Niñas 2%)
Irlanda	4% (Niños 6%, Niñas 2%)
Gales	2.5% (Niños 3.7%, Niñas 1.3%) (WHO, 2012)

La Agenda de la UE para los Derechos del Niño⁶ afirma que la UE se ha comprometido a proteger a los niños contra la violencia, especialmente del bullying y acoso cibernetico. Esto es apoyado por la Convención de la ONU sobre los Derechos del Niño (ONUDN), que también afirma que el acoso y otras formas de violencia y hostigamiento son inaceptables en cualquier contexto, y hace hincapié en la importancia de la prevención para proteger los derechos fundamentales de los niños.

En este sentido, el Informe Mundial 2006 sobre la Violencia contra los Niños presenta sugerencias útiles de prevención e intervención en situaciones de acoso. Todos menos 6 países miembros de la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE) han llevado a cabo medidas para luchar contra el acoso y la violencia, requiriendo a las escuelas el diseño de una política anti-bullying.

Aún no existe ningún sistema jurídico de la UE contra la violencia en la escuela, sin embargo, muchos estados miembros han adoptado leyes que se pueden utilizar para hacer frente a algunas formas de intimidación.⁷

⁵Las tasas medias calculadas por HoE, basadas en los datos disponibles en el estudio de Health Behaviour In School-Aged Children (HBSC): Informe Internacional De La Encuesta 2009/2010

⁶Información disponible en: <http://eurlex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2011:0060:FIN:EN:PDF>

⁷Información disponible en: http://ec.europa.eu/justice/fundamental-rights/files/s3_forum_bullying_en.pdf

[PT]

Percentagem média⁵ para alvos de bullying nas idades 11, 13 e 15 anos (pelo menos duas vezes nos últimos 2 meses):

Portugal	14.5% (Rapazes 17.3%, Raparigas 11.6%)
Inglaterra	9.8% (Rapazes 9.3%, Raparigas 10.3%)
Irlanda	9.2% (Rapazes 11.3%, Raparigas 7%)
Escócia	9.2% (Rapazes 9.7%, Raparigas 8.7%)
País de Gales	8.8% (Rapazes 9.3%, Raparigas 8.3%)
Espanha	6% (Rapazes 7.7%, Raparigas 4.3%)

Percentagem média para atos de bullying contra outros nas idades 11, 13 e 15 anos (pelo menos duas vezes nos últimos 2 meses):

Portugal	9.5% (Rapazes 13%, Raparigas 6%)
Espanha	6.7% (Rapazes 9%, Raparigas 4.3%)
Escócia	4.8% (Rapazes 6.3%, Raparigas 3.3%)
Inglaterra	4.4% (Rapazes 6.7%, Raparigas 2%)
Irlanda	4% (Rapazes 6%, Raparigas 2%)
País de Gales	2.5% (Rapazes 3.7%, Raparigas 1.3%) (WHO, 2012)

A Agenda Europeia para os Direitos da Criança⁶ afirma que a UE está determinada a proteger as crianças de violência, especialmente do bullying e do bullying virtual. Esta declaração é sustentada pela Convenção das Nações Unidas para os Direitos da Criança, que considera que o bullying e outras formas de violência são inaceitáveis em qualquer contexto, e enfatiza a importância da prevenção no sentido de proteger os direitos fundamentais das crianças.

Nesta matéria, o Relatório Mundial de 2006 sobre Violência Contra Crianças apresenta sugestões úteis para prevenir e intervir em episódios de bullying. À exceção de 6 países membros, os restantes países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico realizaram esforços para combater o bullying e a violência, requerendo às escolas que implementem políticas anti-bullying. Apesar de não existir um sistema legal na UE relativo à violência na escola, vários países membros adotaram leis que podem ser utilizadas no combate a algumas formas de bullying.⁷

⁵Médias calculadas pelo projeto HoE, com base nos dados disponibilizados pelo Health Behaviour In School-Aged Children (HBSC) Study: International Report from the 2009/2010 Survey

⁶Informação disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2011:0060:FIN:EN:PDF>

⁷Informação disponível em: http://ec.europa.eu/justice/fundamental-rights/files/s3_forum_bullying_en.pdf

Still, no common European solutions were created to fight bullying and because of that, the project EAN - European Anti-bullying Network was developed with the main purpose of creating a common European strategy to fight bullying and to survey and promote best practices to address bullying. This project was mainly directed at teachers, parents and public services and entities. EAN developed the Daphne III programme to help children/young people and protect women against violence, using preventive measures, support and protection for targets and groups at risk. The European Parliament and the Council decided to make this programme part of the general programme "Fundamental Rights and Justice".⁸

Finally, the World Health Organization (2002) has also developed important recommendations to fight bullying in its country members, suggesting the implementation of the following steps:

- Drawing up, implementing and monitoring a national plan of action to fight bullying and violence at school;
- Promote more data collection on bullying and violence at school;
- Define priorities and research about bullying causes, consequences, costs and prevention as well as violence at school;
- Promote non violence in the media;
- Teacher training
- Create an anti-bullying counselling centre;
- Contribute to an international research network;
- Promote legislation about bullying and violence at school;
- Build a large team to draw an intervention programme.

⁸Information available at: <http://www.antibullying.eu/article/24/daphne-iii-programme>

[ES]

Aún así, no se han creado soluciones europeas comunes para combatir el bullying, y por esto se ha desarrollado el proyecto EAN - European Anti-bullying Network (Red Europea de Lucha Contra el Acoso) cuyo objetivo principal es la creación de una estrategia europea común para luchar contra el acoso y estudiar y promover las mejores prácticas para hacerle frente.

Este proyecto está dirigido principalmente a maestros, padres, servicios públicos y entidades. EAN ha desarrollado el programa Daphne III para ayudar a niños, niñas y jóvenes y proteger a las mujeres contra la violencia, llevando a cabo medidas preventivas de apoyo y protección para los grupos de riesgo. El Parlamento Europeo y el Consejo decidieron que este programa formara parte del programa general de "Derechos fundamentales y justicia".⁸

Por último, la Organización Mundial de la Salud (2002) también ha desarrollado importantes recomendaciones para combatir el acoso en sus países miembros sugiriendo la implementación de las siguientes medidas:

- Elaboración, ejecución y seguimiento de un plan nacional de acción para luchar contra el acoso y la violencia en la escuela;
- Promover la recopilación de datos sobre el acoso y la violencia en la escuela;
- Definir prioridades e investigación acerca del acoso y violencia en la escuela: causas, consecuencias, prevención;
- Promover la no violencia en los medios de comunicación;
- Formación del profesorado;
- Creación de un centro de asesoramiento contra la intimidación;
- Contribuir a una red internacional de investigación;
- Promover una legislación acerca del bullying y la violencia en la escuela;
- Construir un equipo que elabore un programa de intervención.

⁸Información disponible en: <http://www.antibullying.eu/article/24/daphne-iii-programme>

[PT]

Todavia, não foram produzidas soluções a nível europeu para combater o bullying. Por este motivo surgiu o projeto EAN - European Antibullying Network com o objetivo principal de criar uma estratégia Europeia comum para diminuir este fenómeno e para pesquisar e promover boas práticas. Este projeto foi elaborado especialmente para servir professores, pais e entidades públicas. O EAN desenvolveu o programa Daphne III com o intuito de apoiar crianças e jovens e de proteger as mulheres contra a violência, utilizando medidas preventivas, auxílio e proteção de pessoas alvos de violência e de grupos de risco. Por decisão do Parlamento e do Conselho Europeus, o mesmo programa foi inserido como parte do programa geral designado "Direitos Fundamentais e Justiça".⁸

Também a Organização Mundial de Saúde fornece recomendações importantes que visam combater o bullying nos seus países membros, sugerindo a implementação dos seguintes passos:

- Desenhar, implementar e monitorizar um plano de ação nacional para diminuir o bullying e a violência nas escolas;
- Promover a recolha de mais dados sobre o bullying e a violência nas escolas;
- Definir prioridades e investigar as causas, consequências, custos e formas de prevenção do bullying e da violência nas escolas;
- Estimular a não violência através dos media;
- Proporcionar formação a professores;
- Criar um centro de aconselhamento anti-bullying;
- Contribuir para uma rede de pesquisa internacional;
- Promover legislação sobre bullying e violência nas escolas;
- Constituir uma equipa para planejar um programa de intervenção (Grácio, 2011).

⁸Informação disponível em: <http://www.antibullying.eu/article/24/daphne-iii-programme>



1.3 Reality in Each Partner Country

The following points summarize the information gathered by the HoE partners and the research team on the statistics about bullying for each of the partner countries and the solutions that have been developed, both on the legal and the pedagogical dimensions, to address the bullying phenomenon. As mentioned in the introduction of this report, most of the information available regards schools as that is the context that has been mostly surveyed, studied and for whom most anti-bullying initiatives have been developed.

1.3.1 Ireland

The Nationwide Study on Bullying Behaviour in Irish Schools conducted by Trinity College Dublin shows that 31% of primary and 16% of secondary students have been bullied. Of the total Irish students, 23% or 200,000 children are at risk of being bullying targets. 74% of primary school children reported being bullied in the playground while 31% said that it happened in the classroom. At secondary level, the incidents in the classroom go up to 47%, 37% happen in the corridors, and 27% in the playground. 19% of the former and 8.8% of the latter grouping said they were victimised going to or from school.⁹

In 2011, a study with Irish children concluded that 26% of secondary school children and 22% of primary school children had been bullied or knew someone who had been bullied. 40% of 9-year-old Irish children were bullied in the previous year (similar rates apply to either gender).

Concerning cyber bullying, the Net Children Go Mobile Report provides statistics that inform us that, in Ireland, 13% of youngsters aged 13-14 have been cyber bullied. Incidence rates for cyber bullying tend to be slightly higher among girls than boys.¹⁰

Interestingly, it's been illegal since the 1950's to bully by mobile. The Communications Regulation (Amendment) Act 2007 S.13 Amendment to Post Office Act 1951 says that any person who sends by telephone any message that is grossly offensive, or is indecent, obscene or menacing, for the purposes of causing annoying, inconvenience, or needless anxiety to another person is guilty of an offence.

⁹Information available at: [http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20\(3\).pdf](http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20(3).pdf)

¹⁰Information available at: http://www.dit.ie/cser/media/ditcser/digitalchildhoods/Ireland_Full_report_Final.pdf

[ES]

1.3 La realidad del Bullying en cada País Asociado

Los siguientes puntos resumen la información recogida por los socios de HoE y el equipo de investigación sobre estadísticas de bullying en cada uno de estos países y soluciones que se han llevado a cabo, tanto a nivel jurídico y pedagógico como de intervención. Como se ha mencionado en la introducción de este informe anteriormente, la mayor parte de la información disponible hace referencia a las escuelas, siendo este el contexto en el que más estudios y encuestas se han realizado, y para el cual se han desarrollado la mayoría de las iniciativas contra el bullying.

1.3.1 Irlanda

El Estudio Nacional de Bullying en las Escuelas de Irlanda llevado a cabo por el Trinity College de Dublín muestra que el 31% de estudiantes de primaria y el 16% de los estudiantes de secundaria han sido acosados. De los estudiantes irlandeses en total el 23% (200,000 niños y niñas) corren el riesgo de convertirse en blanco de acoso. El 74% de los niños/as de primaria informó haber sido acosado en el recreo mientras que el 31% afirmaron haber sido víctimas de bullying en el aula. En el nivel secundario, los porcentajes suben hasta un 47%, el 37% de los incidentes ocurren en los pasillos y el 27% en el patio de recreo.⁹

En 2011, un estudio concluyó que el 26% de los niños y niñas de la escuela secundaria y el 22% de los niños/as de las escuelas primarias habían sufrido bullying o conocían a alguien que había sido acosado. El 40% de niños/as de 9 años de edad, sufrieron bullying el año anterior (tasas similares se aplican a ambos sexos). En cuanto al acoso en la red, el Informe "Go Mobile Net" proporciona estadísticas que informan de que en Irlanda, el 13% de los jóvenes de 13 a 14 años de edad han sufrido ciber-bullying. Las tasas de incidencia del ciber-bullying tienden a ser ligeramente mayores entre las niñas que entre los niños.¹⁰

Desde los años 50, sin embargo, la intimidación a través del teléfono es ilegal en Irlanda. La Ley de Regulación de Comunicaciones (Enmienda) 2007 S.13 Modificación de Ley de la Oficina Postal, afirma que cualquier persona que envía por teléfono cualquier mensaje ofensivo o indecente, obsceno o amenazante, a efectos de causar molestia, trastorno o ansiedad innecesaria a otra persona es culpable de un delito.

⁹Información disponible en: [http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20\(3\).pdf](http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20(3).pdf)

¹⁰Información disponible en: http://www.dit.ie/cser/media/ditcser/digitalchildhoods/Ireland_Full_report_Final.pdf

[PT]

1.3 Realidade em Cada País Parceiro

Os pontos seguidamente apresentados sumarizam a informação recolhida pelos parceiros da HofE e pela equipa de investigação relativamente às estatísticas ligadas ao bullying em cada um dos países parceiros, assim como às soluções que têm sido desenvolvidas, tanto a nível legal como pedagógico, para gerir o fenômeno do bullying. Tal como mencionado na introdução deste relatório, a maior parte da informação disponível aplica-se a escolas, uma vez que se trata do contexto mais frequentemente analisado e para o qual a maioria das iniciativas anti-bullying foi desenvolvida.

1.3.1 Irlanda

O Estudo Nacional sobre Comportamentos de Bullying nas escolas Irlandesas conduzido pela Trinity College Dublin demonstra que 31% dos estudantes do ensino primário e 16% dos estudantes do ensino secundário têm sido alvo de bullying. Do total de estudantes Irlandeses, 23% ou 200,000 crianças estão em risco de se tornarem alvos de bullying. 74% das crianças do ensino primário declararam ter expercienciado bullying no recreio, enquanto as restantes 31% afirmaram ter sofrido bullying em sala de aula. No ensino secundário, os incidentes em sala de aula chegam aos 47%, 37% ocorrem nos corredores e 27% têm lugar no recreio. 19% dos estudantes do ensino primário e 8.8% dos estudantes do ensino secundário revelaram ser vítimas de bullying no caminho da e para a escola.⁹

Em 2011, uma investigação com crianças Irlandesas concluiu que 26% dos estudantes do ensino secundário e 22% dos estudantes do ensino primário foram alvo ou conheciam alguém que foi alvo de bullying. 40% das crianças Irlandesas de 9 anos de idade expercienciaram bullying no ano anterior (com níveis semelhantes para rapazes e raparigas).

Relativamente ao bullying virtual, o relatório Net Children Go Mobile fornece dados estatísticos que indicam que na Irlanda, 13% dos estudantes entre os 13 e os 14 anos de idade sofreu bullying virtual. As taxas de incidência de bullying virtual tendem a ser ligeiramente mais elevadas no sexo feminino do que no sexo masculino.¹⁰

Desde a década de 50, todavia, o bullying via telefone é considerado ilegal na Irlanda. A lei Communications Regulation (Amendment) Act 2007 S.13 Amendment to Post Office Act 1951 declara que qualquer indivíduo que envie mensagens fortemente ofensivas, indecentes, obscenas ou ameaçadoras, com o propósito de importunar, causar inconveniência ou ansiedade desnecessária a outro sujeito, é culpado de ofensa.

⁹Informação disponível em: [http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20\(3\).pdf](http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20(3).pdf)

¹⁰Informação disponível em: http://www.dit.ie/cser/media/ditcser/digitalchildhoods/Ireland_Full_report_Final.pdf

In turn, "real life" bullying is covered under Harassment S.10 Non Fatal Offences Against the Person Act 1997 that applies to general cases of harassment.

Additionally, since the 90's different legal frameworks and guidelines were put in place in order to tackle the issue of bullying, mostly targeted at schools. The most relevant are presented below:

- 1993 - The Department of Education and Science Guideline on Countering Bullying Behaviour in Primary and Post Primary Schools: defines bullying as a "repeated aggression, verbal, psychological or physical conducted by an individual or group against others." It aims to provide information for teachers, parents and students about school bullying.
- 1998 - The Education Act: states that schools' boards of management are responsible for meeting children's needs.
- 2000 - Education (Welfare) Act: determines the legal duty of all Irish schools to have a written code of behaviour in accordance with the guidelines defined by the National Educational Welfare Board. Although the document refers to "student's standards of behaviour" it doesn't make reference to bullying situations.¹¹
- 2008 - Developing a Code of Behaviour, Guidelines for Schools: clearly states "The Board of Management of a school must have policies to prevent or address bullying and harassment" (NEWB, 2008).
- 2013 - Action Plan on Bullying – Report of the Anti-Bullying Working Group to the Minister for Education and Skills: identifies priorities when addressing bullying in schools (Anti-Bullying Working Group, 2013).
- 2013 - Anti-Bullying Procedures for Primary and Post-Primary Schools: Revision of the 1993 Guidelines taking in consideration the Action Plan on Bullying published on the same year.

[ES]

A su vez, el bullying como tal, está catalogado como acoso u hostigamiento en el S.10 Non Fatal Offences Against the Person Act 1997 que se aplica a los casos generales de acoso. Además, algunos marcos y directrices legales ya se pusieron en marcha en el 1990 con el fin de abordar el problema del acoso, mayormente dirigido a las escuelas. Los más relevantes se presentan a continuación:

- 1993 – Guía Del Departamento de Educación y Ciencia sobre el fenómeno del bullying en las escuelas de primaria y secundaria: define el acoso como una "agresión verbal, psicológica o física repetida en el tiempo y llevada a cabo por un individuo o grupo contra otro u otros." Su objetivo es proporcionar información para profesores, padres y estudiantes sobre el acoso escolar.
- 1998 - La Ley de Educación: establece que los equipos de dirección de las escuelas tienen la responsabilidad de satisfacer las necesidades de los menores.
- 2000 - La Ley de Educación y Bienestar: determina la obligación legal de todas las escuelas irlandesas de redactar un código de conducta de acuerdo con las directrices definidas por el Consejo Nacional de Bienestar Educativo. Aunque el documento se refiere a "normas de comportamiento de los estudiantes" que no hace referencia a las situaciones de bullying.¹¹
- 2008 - El desarrollo de un Código de Conducta, Guía para Escuelas: establece claramente que "el equipo directivo de una escuela debe tener políticas para prevenir o hacer frente a la intimidación y el acoso" (NEWB, 2008).
- 2013 - Plan de acción sobre Bullying - Informe del Grupo de Trabajo contra el Acoso al Ministro de Educación y Habilidades: identifica las prioridades al abordar el bullying en las escuelas (Grupo de Trabajo contra la intimidación, 2013).
- 2013 - Procedimientos contra el acoso para las escuelas de primaria y secundaria: Revisión de las Guías de 1993 tomando en consideración el Plan de Acción sobre acoso publicado en el mismo año.

¹¹Información disponible en: [http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20\(3\).pdf](http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20(3).pdf)

[PT]

Por outro lado, o bullying na "vida real" é coberto pelo Harassment S.10 Non Fatal Offences Against the Person Act 1997, que se aplica a casos gerais de assédio. Acresce ainda que desde os anos 90 diferentes princípios básicos e redes legais foram colocados em prática no sentido de combater o bullying, especialmente nas escolas. Apresenta-se, em seguida, os mais relevantes:

- 1993 - The Department of Education and Science Guideline on Countering Bullying Behaviour in Primary and Post Primary Schools: define o bullying como a "agressão repetida, verbal, psicológica ou física, conduzida por um indivíduo ou grupo contra outros." E procura fornecer informação a professores, pais e estudantes sobre o bullying em contexto escolar.
- 1998 - The Education Act: define que os órgãos de gestão das escolas são responsáveis por satisfazer as necessidades das crianças.
- 2000 - The Education (Welfare) Act: determina o dever legal de todas as escolas Irlandesas possuírem um código de comportamento com base nas linhas orientadoras definidas pelo Departamento Nacional de Educação e Proteção Social. Apesar do documento se referir aos "standards de comportamento de estudantes", não faz referência a situações de bullying¹¹.
- 2008 - Developing a Code of Behaviour, Guidelines for Schools: claramente define "O órgão de gestão de uma escola tem de ter políticas de prevenção e de intervenção ao bullying e ao assédio." (NEWB, 2008).
- 2013 - Action Plan on Bullying – Report of the Anti-Bullying Working Group to the Minister for Education and Skills: identifica prioridades na gestão do bullying nas escolas (Anti-Bullying Working Group, 2013).
- 2013 - Anti-Bullying Procedures for Primary and Post-Primary Schools: Revisão dos parâmetros de 1993, tendo em consideração o Plano de Ação para o Bullying, publicado no mesmo ano.

¹¹Informação disponível em: [http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20\(3\).pdf](http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20(3).pdf)

¹¹Information available at:
<https://www.education.ie/en/Schools-Colleges/Information/Bullying/Anti-Bullying-Procedures-in-Schools.html>

Moreover, O'Moore, considering the World Health Organization recommendations in the World Report on Violence and Health, developed a "Guiding Framework for Policy Approaches to School Bullying & Violence". The author says that interventions are needed nationally and internationally and that each member state can use this guiding framework to develop a national strategy to prevent and tackle bullying and violence. It consists on the following steps:

- 1) Draw up, implement and monitor a national plan of action to prevent school bullying and violence;**
- 2) Enhance the capacity to collect data on school bullying and violence;**
- 3) Define priorities for, and support research on, the causes, consequences, costs and prevention of school bullying and violence;**
- 4) Develop a national strategy to assist schools to prevent and reduce school bullying and violence;**
- 5) Promote a media campaign to promote non-violent values, attitudes and behaviour;**
- 6) Integrate school bullying and violence prevention into teacher education at both pre-service and in-service levels;**
- 7) To establish an advisory body for partners in education;**
- 8) To contribute to an international research network;**
- 9) Promote legislation to deal effectively with school bullying and violence."¹²**

The Department of Education and Skills highly recommends that an anti-bullying policy is part of the written code of behaviour in every school and it published an Anti-Bullying Procedures for Primary and Post-Primary Schools.¹³

¹²Information available at: <https://www.oecd.org/ireland/33866844.pdf>

¹³Information available at:

<https://www.education.ie/en/Schools-Colleges/Information/Bullying/Anti-Bullying-Procedures-in-Schools.html>

[ES]

Por otra parte, teniendo en cuenta las recomendaciones de la Organización Mundial de la Salud en el Informe Mundial sobre la Violencia y la Salud, O'Moore desarrolló un "marco de referencia para el planteamiento de políticas para el acoso y violencia en la escuela". Afirma que son necesarias las intervenciones a nivel nacional e internacional y que cada Estado miembro puede utilizar este marco de referencia para desarrollar una estrategia nacional con el fin de prevenir y hacer frente al bullying y la violencia.

Esta estrategia se compone de los siguientes pasos:

- 1) Redactar, implementar y supervisar un plan nacional de acción para prevenir el acoso escolar y la violencia;
- 2) Recopilar datos sobre el acoso escolar y la violencia;
- 3) Definir las prioridades y apoyar la investigación sobre causas, consecuencias y prevención del acoso escolar y la violencia;
- 4) Desarrollar una estrategia nacional para ayudar a las escuelas para prevenir y reducir el acoso y la violencia escolar;
- 5) Promover una campaña en los medios para fomentar valores, actitudes y comportamiento no-violentos;
- 6) Formación del profesorado para la prevención de la violencia y acoso escolar;
- 7) Establecer un órgano de consulta para toda la comunidad educativa;
- 8) Contribuir a una red de investigación nacional;
- 9) Promover legislación para hacer frente al acoso y la violencia escolar de forma eficaz ".¹²

El Departamento de Educación y Habilidades de Irlanda recomienda la redacción de una política antibullying como parte del código de conducta en cada escuela y publicó un procedimiento de lucha contra el acoso para escuelas de enseñanza primaria y secundaria.¹³

¹²Información disponible en: <https://www.oecd.org/ireland/33866844.pdf>

¹³Información disponible en:

<https://www.education.ie/en/Schools-Colleges/Information/Bullying/Anti-Bullying-Procedures-in-Schools.html>

[PT]

Tendo em consideração as recomendações da Organização Mundial de Saúde sobre Saúde e Violência, O'Moore desenvolveu um documento intitulado Guiding Framework for Policy Approaches to School Bullying & Violence. Esta autora refere que são necessárias intervenções nacionais e internacionais e que cada estado membro pode utilizar estas linhas orientadoras para desenvolver uma estratégia nacional de prevenção e de intervenção ao bullying e à violência. As linhas propostas são:

- 1) Desenhar, implementar e monitorizar um plano de ação nacional para prevenir o bullying e a violência escolar;
- 2) Melhorar a capacidade de recolha de dados sobre bullying e violência nas escolas;
- 3) Definir prioridades e apoiar a investigação acerca das causas, consequências, custos e prevenção do bullying e violência escolar;
- 4) Desenvolver uma estratégia nacional para prestar auxílio às escolas na prevenção e redução do bullying e violência escolar;
- 5) Promover uma campanha nos media para estimular valores, atitudes e comportamentos não violentos;
- 6) Integrar a prevenção do bullying e da violência escolar na educação dos professores, tanto na sua formação inicial como na sua formação contínua;
- 7) Criar um conselho consultivo com parceiros na área da Educação;
- 8) Contribuir para uma rede de pesquisa internacional;
- 9) Promover legislação para lidar eficazmente com o bullying e a violência escolar."¹²

Por último, o Departamento de Educação e Competências recomenda firmemente que uma política anti-bullying faça parte do código comportamental em cada escola e publicou um documento com Procedimentos Anti-Bullying para Escolas Primárias e Pós-Primárias.¹³

¹²Informação disponível em: <https://www.oecd.org/ireland/33866844.pdf>

¹³Informação disponível em:

<https://www.education.ie/en/Schools-Colleges/Information/Bullying/Anti-Bullying-Procedures-in-Schools.html>

1.3.2 UK (Northern Ireland)

In Northern Ireland specifically, the Department of Education commissioned a detailed periodic research on the levels and motivations for bullying within schools.

Focusing on pupils in year 6 and year 9, the survey undertaken in 2011, showed that 39% of year 6 pupils and 29% of Year 9 pupils have experienced bullying within their school within the previous two months. 21% of Year 6 and 21% of Year 9 pupils also reported that they had bullied another pupil in the previous two months.

Despite increasing awareness of the problem, these overall rates of bullying are broadly unchanged from those found in previous surveys in 2007 and 2002. Although zero tolerance policies can be adequate in some contexts, the Ditch the Label annual bullying report of 2016, recommends the implementation of mediation and restorative justice techniques when possible.

The current legal framework concerning bullying in schools has been updated by the Addressing Bullying in Schools Act (Northern Ireland) 2016¹⁴ that states:

"Clause 1: Definition of "bullying"

- 1) In this Act "bullying" includes (but is not limited to) the repeated use of—
 - a) any verbal, written or electronic communication,
 - b) any other act, or
 - c) any combination of those, by a pupil or a group of pupils against another pupil or group of pupils, with the intention of causing physical or emotional harm to that pupil or group of pupils.
- 2) For the purposes of subsection (1), "act" includes omission.

Clause 2: Duty on Board of Governors

"The Board of Governors of a grant-aided school may, to such extent as it thinks reasonable, consider measures to be taken at the school...with a view to preventing bullying involving a registered pupil... which

- Involves the use of electronic communication
- Takes place in circumstances other than those listed [above]
- Is likely to have a detrimental effect on that pupil's education at the school"

[ES]

1.3.2 Reino Unido (Irlanda del Norte)

El Departamento de Educación de Irlanda del Norte encargó una investigación detallada y periódica sobre los niveles de acoso en las escuelas.

Una encuesta realizada entre niños y niñas de sexto y noveno curso en 2011, muestra que el 39% de los alumnos de 6º y el 29% de los alumnos de 9º han experimentado bullying durante los dos meses anteriores. El 21% de los alumnos de 6º curso y 21% de los alumnos de 9º afirmaron haber acosado a otros niños/as en los dos meses anteriores.

A pesar de aumentar la concienciación del problema, estas tasas globales del bullying son prácticamente iguales a los resultados de los estudios realizados en 2007 y 2002. Aunque las políticas de tolerancia cero son adecuadas en algunos contextos, el informe anual "Ditch the Label" de 2016 recomienda la implementación de técnicas de justicia restaurativas y de mediación siempre que sea posible.

El marco legal actual en relación al acoso en las escuelas ha sido actualizado por la Ley de Abordaje de Bullying en las Escuelas (Irlanda del Norte) 2016¹⁴, la cual indica:

"Cláusula 1: Definición de "bullying"

En esta Ley "acoso" incluye (pero no se limita a) el uso repetido de:

- (a) cualquier tipo de comunicación verbal, escrita o electrónica,
- (b) cualquier otro acto, o
- (C) cualquier combinación de ambos, de un alumno o un grupo de alumnos en contra de otro alumno o grupo de alumnos, con la intención de causar daño físico o emocional.

(2) A los fines de la subsección (1), "actuar" incluye la omisión.

Cláusula 2: El deber del equipo educativo

"El equipo educativo de una escuela subvencionada debe, en la medida que estime razonable, considerar las medidas necesarias a tomar en la escuela [...] con el fin de prevenir el acoso [...] el cual:

- Implique el uso de la comunicación electrónica,
- Se lleve a cabo de cualquiera de las formas citadas anteriormente
- Provoque un efecto perjudicial sobre la educación de ese alumno en la escuela"

¹⁴Información disponible en:

<http://www.legislation.gov.uk/nia/2016/25/section/2/2016-05-13>

[PT]

1.3.2 Reino Unido (Irlanda do Norte)

Especificamente para o Norte da Irlanda, o Departamento da Educação comissionou uma investigação periódica detalhada sobre os níveis e motivações para o bullying nas escolas.

No que toca aos alunos do 6º e do 9º ano, a pesquisa conduzida em 2011 indicou que 39% das crianças do 6º ano e 29% das crianças do 9º ano vivenciaram bullying na sua escola nos 2 meses anteriores. 21% dos alunos do 6º ano e 21% dos alunos do 9º ano relataram também que já tinham praticado atos de bullying contra outros alunos nos 2 meses anteriores.

Embora haja uma crescente conscientização para esta problemática, na generalidade as taxas gerais de bullying permaneceram inalteradas, comparando os resultados das pesquisas de 2007 e de 2002. Não obstante as políticas de tolerância zero serem adequadas em alguns contextos, o relatório anual sobre bullying de 2016¹⁴ da Ditch the Label, recomenda a implementação de técnicas de mediação e de justiça restaurativa sempre que possível.

O atual enquadramento legal relativamente ao bullying nas escolas foi recentemente alterado pelo Addressing Bullying in Schools Act (Northern Ireland) 2016, que refere:

Cláusula 1: Definição de "bullying"

(1) Neste documento "bullying" inclui (mas não está limitado ao) uso repetido de:

- (a) qualquer comunicação verbal, escrita ou electrónica
- (b) qualquer ato, ou
- (c) qualquer combinação das anteriores,

Por um aluno ou grupo de alunos contra outro aluno ou grupo de alunos, com a intenção de causar dano físico ou emocional a esse aluno ou grupo de alunos.

(2) Para efeitos da subalínea (1), "ato" inclui omissão.

Cláusula 2: Dever da Direção

"A direção de qualquer escola subsidiada pode, na medida do que considerar razoável, implementar medidas na escola (...) para prevenir o bullying a qualquer aluno (...) que:

- Envolve o uso de comunicação electrónica,
- Tenha lugar em circunstâncias que não as listadas acima,
- Tenha, potencialmente, um efeito negativo na educação do aluno dentro do espaço escolar."

¹⁴Informação disponível em:

<http://www.legislation.gov.uk/nia/2016/25/section/2/2016-05-13>

¹⁴Informação disponível em:

<http://www.legislation.gov.uk/nia/2016/25/section/2/2016-05-13>

Clause 3: duty to keep records

Records of bullying incidents must be kept to include:

- Motivation
 - Method
 - How incident was addressed
- Motivation: "may, for example, relate to -"
- Differences of religious belief, political opinion, racial group, age, sex, sexual orientation or marital status
 - Differences between persons with a disability and persons without
 - Differences between persons with dependants and persons without
 - Differences between persons based on gender reassignment
 - Differences between persons based on pregnancy"

The Department has also taken pro-active steps to tackle bullying through the development and publication of guidance.

The Education and Libraries Order 2003, requires all granted schools to include within their discipline policy, an anti-bullying policy that includes measures to prevent all forms of bullying among pupils. The effectiveness of these measures is monitored through the regular cycle of school inspections of pastoral care arrangements.

Guidance for schools in developing effective anti-bullying policies is included in the Department's publication "Pastoral Care in Schools - Promoting Positive Behaviour".¹⁵

Additionally, the Department of Education funds and is a member of the Northern Ireland Anti-Bullying Forum (NIABF) which is hosted by the National Children's Bureau (NCB).

NCB employs a Regional Anti-Bullying Coordinator, to guide and progress the implementation of the 3-year anti-bullying strategy, including making arrangements to promote an annual Anti-Bullying Week.

The Forum has a membership of over 20 statutory and voluntary organisations all acting together to identify and champion future anti-bullying priorities. The NIABF has a range of different Task Groups that focus on anti-bullying themes and put into action work that is required to further develop the anti-bullying strategy. These operational groups are made up of Forum members and additional organisations with relevant expertise (linked to the group's theme).

¹⁵Information available at: <https://www.deni.gov.uk/>

[ES]

Cláusula 3: Llevar un registro

Deben llevarse a cabo registros de los incidentes, los cuales incluirán:

- Motivación
- Método
- Cómo se llevó a cabo el incidente
- La motivación puede, por ejemplo, referirse a:
- Diferencias de creencia religiosa, opinión política, racial, edad, sexo, orientación sexual o estado civil
- Diferencias entre personas con y sin discapacidad
- Diferencias entre personas dependientes de las que no lo son
- Diferencias basadas en un cambio de sexo
- Diferencias por razón de embarazo "

El Departamento de Educación también ha tomado medidas proactivas para hacer frente al bullying a través de la elaboración y publicación de una guía.

The Education and Libraries Order 2003, obliga a todas las escuelas subvencionadas a incluir en su código de conducta una política anti-bullying que incluya medidas para prevenir todas las formas de acoso entre los alumnos. La eficacia de estas medidas se controla a través del ciclo regular de inspecciones de los centros llevadas a cabo por el Departamento Pastoral.

En la publicación del "Departamento Pastoral en las escuelas - Promoviendo un comportamiento positivo" incluye orientaciones para los centros en el desarrollo de políticas contra el acoso.¹⁵

Además, el Departamento de fondos de Educación es miembro del Foro Anti-Bullying de Irlanda del Norte (NIABF), gestionado por la Oficina Nacional de la Infancia (NCB).

NCB contrata a un Coordinador Anti-bullying Regional, para guiar el progreso de implementación de una estrategia de 3 años de duración que incluye la promoción de una semana anti-bullying anual.

El Foro cuenta con más de 20 organizaciones voluntarias que se han unido para identificar y defender futuras prioridades anti-bullying. El NIABF cuenta con una amplia gama de diferentes grupos operativos centrados en temas de acoso y que ponen en práctica el trabajo requerido para desarrollar una estrategia de lucha contra el acoso. Estos grupos operativos están compuestos por los miembros del Foro y otras organizaciones con experiencia.

¹⁵Información disponible en: <https://www.deni.gov.uk/>

[PT]

Cláusula 3: Dever de manter registos

Devem ser mantidos registos dos incidentes envolvendo bullying que incluem:

- Motivação
- Método
- Como foi abordada a situação
- Motivação: "pode, por exemplo, relacionar-se com -"
- Diferenças religiosas, políticas, raciais, de idade, de género, de orientação sexual ou de estado civil.
- Diferenças entre pessoas com e sem deficiência.
- Diferenças entre indivíduos com e sem pessoas a seu cargo.
- Diferenças com pessoas transgénero.
- Diferenças com mulheres grávidas.

No caso da Irlanda do Norte, o Departamento tomou ainda medidas proativas para reduzir o bullying através do desenvolvimento e publicação de informação orientadora.

A Education and Libraries Order 2003, requereu que todas as escola subsidiadas incluíssem nas suas orientações disciplinares uma política anti-bullying com medidas de prevenção de todas as formas de bullying entre alunos. A eficácia destas medidas é monitorizada através do período regular de inspeções escolares.

A prestação de apoio a escolas no desenvolvimento de políticas anti-bullying eficazes é parte integrante na publicação do Departamento "Pastoral Care in Schools - Promoting Positive Behaviour".¹⁵

O Departamento de Educação, aliás, financia e é membro do Fórum Anti-Bullying da Irlanda do Norte que é parte integrante do Conselho Nacional Infantil.

Este conselho emprega um coordenador regional anti-bullying responsável pela implementação de uma estratégia anti-bullying de 3 anos, incluindo a promoção de uma Semana Anti-Bullying anual.

O Fórum é composto por mais de 20 organizações estatutárias e voluntárias que agem em conjunto para identificar e financiar futuras prioridades anti-bullying. Dispõe de uma série de grupos de trabalho focados em vários temas anti-bullying que desenvolvem o trabalho necessário para o aprofundamento da estratégia anti-bullying mencionada. Tais grupos operacionais são constituídos por membros do Fórum e por outras organizações especializadas no tema de cada grupo.

¹⁵Informação disponível em: <https://www.deni.gov.uk/>

Current task groups include:

- Planning NIABF activities for Anti-Bullying Week that takes place in November each year. Membership of this group changes according to the theme that year's Anti-Bullying Week is aiming to raise awareness of;
- Disablist bullying - developing NIABF information and updates regarding bullying related to perceived or actual disability;
- Homophobic bullying - developing NIABF information and updates regarding bullying related to perceived or actual sexual orientation;
- Transphobic bullying - developing NIABF information and updates regarding bullying related to transgender issues;
- Sectarian bullying - developing NIABF information and updates regarding bullying related to sectarian divisions;
- Early years - developing NIABF information and updates regarding bullying related among younger children;

NIABF is represented on the British and Irish Anti-Bullying Forum that comprises one statutory and one voluntary representative each from England, Scotland, Wales, and from both jurisdictions in Ireland. The British and Irish Anti-Bullying Forum (BIABF) is working towards strengthening information sharing between representatives, and opportunities for developing joint solutions to tackle bullying of children and young people.

There are a number of websites and resources offering help and tips on how to deal with incidents of bullying. However, there are no accredited or validated prevention programmes available. Most resources are aimed at schools. According to the HoE NI partner there are limited or no resources for residential care.

[ES]

Las tareas actuales del grupo incluyen:

- La planificación de actividades NIABF para la Semana Anti-Bullying que tiene lugar en noviembre de cada año.
- Acoso motivado por discapacidad - desarrollo de información NIABF y actualizaciones sobre el acoso relacionado con la discapacidad percibida o real;
- Bullying homófobo - desarrollo de información NIABF y actualizaciones sobre el acoso relacionado con la orientación sexual;
- Bullying transfóbico - desarrollo de información NIABF y actualizaciones sobre la intimidación relacionadas con cuestiones de transgénero;
- Bullying motivado por intolerancia religiosa - desarrollo de información NIABF y actualizaciones sobre el acoso relacionado con las diferencias religiosas;
- Bullying entre los más pequeños - desarrollo de información NIABF y actualizaciones sobre el acoso relacionado con los más pequeños;

NIABF está representado en el Foro Anti-Bullying Británico e Irlandés y consta de un representante legal y un representante voluntario de cada país (Inglaterra, Escocia, y Gales). El Foro británico e irlandés contra el bullying (BIABF) trabaja para fortalecer el intercambio de información y oportunidades entre los representantes para el desarrollo de soluciones conjuntas con el fin de hacer frente al acoso entre niños/as y jóvenes.

Existe una amplia gama de recursos y sitios web que ofrecen ayuda y consejos sobre cómo hacer frente a incidentes de acoso, sin embargo, no existen programas de prevención validados disponibles. La mayoría de los recursos están dirigidos a las escuelas. De acuerdo con el socio de HoE en Irlanda del Norte, los recursos anti-bullying en el contexto de centros de acogimiento residencial son limitados o nulos.

[PT]

Os grupos de trabalho atuais têm como tarefa/tema:

- Planejar as atividades do Fórum para a Semana Anti-Bullying que acontece em Novembro de cada ano. A constituição deste grupo muda consoante o tema anual da Semana Anti-Bullying;
- Bullying dirigido a pessoas portadoras de deficiência - pesquisar e atualizar a informação disponível no Fórum em relação ao bullying de pessoas com deficiência ou percecionadas como tal;
- Bullying Homofóbico - pesquisar e atualizar a informação disponível no Fórum em relação ao bullying de pessoas com base na sua orientação sexual (real ou percecionada)
- Bullying Transfóbico - pesquisar e atualizar a informação disponível no Fórum em relação ao bullying relacionado com questões transgénero;
- Bullying Sectário - pesquisar e atualizar a informação disponível no Fórum em relação ao bullying ligado a divisões sectárias;
- Primeiros anos - pesquisar e atualizar a informação disponível no Fórum em relação ao bullying entre crianças mais novas;

O Fórum mencionado é representado no Fórum Anti-Bullying Britânico e Irlandês que integra um representante estatutário e um representante voluntário da Inglaterra, da Escócia, do País de Gales e de ambas as jurisdições da Irlanda. O Fórum Anti-Bullying Britânico e Irlandês está empenhado no reforço da informação partilhada entre os representantes e na criação de oportunidades para o desenvolvimento de soluções conjuntas para diminuir o bullying as crianças e jovens.

Vários recursos e websites estão à disposição para oferecer orientação sobre como lidar com incidentes de bullying. Todavia, não existem programas de prevenção validados ou acreditados. A maioria dos recursos existentes estão direcionados a escolas e, de acordo com o parceiro do HoE na Irlanda do Norte, os recursos adaptados a CACJ são limitados ou inexistentes.



1.3.3. Spain

Bullying is more frequently noticed at school and it started to be a concern in Spain, especially in the 70's, due to its very negative impact on young people (Alonso, Gómez, Córcoles, Sáiz & García, 2007).

The National Ombudsman and UNICEF published a first report about the topic in 1999. This epidemiological study was carried out in High Schools and showed that 34% of the participants were verbally bullied and 21,8% of the participants were physically bullied.

In 2005, the Cisneros study concluded that 39% of students between the 2nd year of primary school and the 2nd year of bachelor were exposed to some type of violence at school. 24% of the students suffered from bullying and the youngest children were the most affected, experiencing it more frequently. The rates of young people who experienced bullying were then as follows: 40% to 44% between the 2nd and the 4th year of primary school; 23% to 31% between the 5th year of primary school and the 2nd year of secondary school; 6% to 13% between the 3rd year of secondary school and the 2nd year of bachelor. Also, boys (58%) were more frequently targets of bullying at school than girls (42%) (Cantero & Piñuel, 2005).

A new national analysis in 2006 showed that the incidence of some of the studied behaviours was decreasing (ignoring another child, verbal aggression among others) but violent behaviours were mostly prevailing.

Currently, the Instituto de Innovación Educativa reports that 23% of primary school students, and high school students are bullying targets and that 43% of young people between 12 and 25 years suffering bullying had thoughts of suicide and 17% of them have tried.

[ES]

1.3.3 España

El acoso comenzó a ser una preocupación en España especialmente en la década de los 70, debido a su impacto negativo en los jóvenes (Alonso, Gómez, Córcoles, Sáiz y García, 2007).

El Defensor del Pueblo y UNICEF publicaron un primer informe sobre el tema en 1999. Este estudio epidemiológico se llevó a cabo en las Escuelas Secundarias y mostraron que el 34% de los participantes fueron intimidados verbalmente y 21,8% acosados físicamente.

En 2005, el estudio Cisneros concluyó que el 39% de los estudiantes entre el segundo año de la escuela primaria y el segundo año de carrera fueron expuestos a algún tipo de violencia. El 24% de los estudiantes sufrió acoso escolar y los niños/as más pequeños fueron los más afectados, experimentando el acoso con más frecuencia.

A continuación se presentan el porcentaje de jóvenes que han experimentado bullying: Del 40% al 44% entre el segundo y el cuarto año de la escuela primaria; del 23% al 31% entre el quinto año de la escuela primaria y el segundo año de la escuela secundaria; del 6% al 13% entre el tercer año de la escuela secundaria y el segundo año de carrera. Además, los varones (58%) fueron objetos de bullying más frecuentes que las niñas (42%) (Cantero y Piñuel, 2005).

Un análisis nacional llevado cabo en 2006 mostró que la incidencia de algunos de los comportamientos estudiados como agresión verbal o exclusión fueron disminuyendo con el tiempo, sin embargo la violencia física prevalecía.

Actualmente, el Instituto de Innovación Educativa nos informa de que el 23% de estudiantes de educación primaria y secundaria sufre bullying y el 43% de jóvenes de entre 12 y 25 años que sufren bullying tienen pensamientos suicidas. El 17% ha intentado suicidarse.

[PT]

1.3.3 Espanha

O bullying verifica-se com mais frequência nas escolas e começou a constituir motivo de preocupação em Espanha, especialmente nos anos 70, devido ao seu impacto bastante negativo em crianças e jovens (Alonso, Gómez, Córcoles, Sáiz e García, 2007).

A Provedoria Nacional e a UNICEF publicaram um primeiro relatório sobre o assunto em 1999. Este estudo epidemiológico foi aplicado em escolas secundárias e demonstrou que 34% dos participantes foram alvo de bullying verbal e 21,8% foram alvo de bullying físico.

Em 2005, o estudo Cisneros concluiu que 39% dos estudantes entre o 2º ano do primeiro ciclo e o 2º ano do Bachillerato (em Espanha este é considerado o período escolar pré-universitário) foram expostos a algum tipo de violência na escola. 24% dos estudantes sofreram bullying, tendo as crianças mais novas sido as mais afetadas e alvos de bullying com maior frequência. As taxas de crianças e jovens que experienciaram bullying foram as seguintes: 40% a 44% entre o 2º e o 4º ano do primeiro ciclo; 23% a 31% entre o 6º e o 8º ano; e 6% a 13% entre o 9º ano e o 2º ano de Bachillerato. Mais ainda, os rapazes (58%) foram mais frequentemente alvo de bullying na escola do que as raparigas (42%) (Cantero e Piñuel, 2005).

Uma nova análise nacional em 2006 mostrou que a incidência de alguns dos comportamentos estudados estaria a decrescer (ignorar outra criança, agressão verbal, entre outros) porém, os comportamentos violentos teriam ainda uma forte prevalência.

Atualmente, o Instituto de Inovação Educativa declara que 23% dos alunos do ensino primário e secundário são alvo de bullying, que 43% das crianças e jovens entre os 12 e os 25 anos que são alvo de bullying tiveram pensamentos de suicídio e que 17% tentou cometer suicídio.

According to the Cisneros study, in 2005, the most common types of bullying practiced against boys were: "name calling, hitting the nape of the neck or kicking, laughing or teasing when the target makes a mistake, swinging or pushing, intimidating, threats to hit, trying to get the target into trouble, waiting at the school gate to harass the target, forcing the target to do something dangerous and hitting with objects". And the most common types of bullying practiced against girls were: "harassing her to make her cry, telling others to not talk to or to be with her, to do something so other people don't like her, to forbid others to play with her, to stop her from playing with others and to hate her for no reason". Boys experience more physical and direct bullying, while girls experience a more verbal type of bullying, with the aim to damage the targets' relationships with others (Cantero & Piñuel, 2005).

Spain adopted some international policies to protect children from violence, including the ones stated in: the United Nations Children's Rights Convention; the 2012 European Commission's new strategy to improve internet safety and to create more appropriate content for children and adolescents; the 2013 European Commission's cyber safety strategy for European Union, for an open cyberspace, protected and safe; and the European Council's policies for the national strategies to protect children against violence.

On a national level, other tools are dedicated to children's rights and protection, including: the Spanish Constitution, that states fundamental rights for children; the Organic Law for Judicial Protection of Children; the 2006 Organic Law of Education, that established principles to prevent and tackle bullying in schools; the Penal Code, that may intervene in case of crime; the Law of Children's Penal Responsibility; the Instrucción 10/2005 de Fiscalía about scholar bullying procedures from the justice system for youth; the Circular 3/2009 de la Fiscalía General del Estado about protection of children who are targets or bystanders; and the II Strategic Plan for Children and Adolescents (PENIA) 2013-2016 (Lopéz, Finalé, Villén, Merchán & Ruiz, 2014).

[ES]

De acuerdo con el Informe Cisneros en 2005, las formas de acoso más comunes entre los varones son: insultos, collejas o patadas, burlas, empujones, amenazas de violencia física, intimidar, esperar a lo objeto de bullying en la salida del colegio para pegarle u hostigar de alguna manera, obligar a lo blanco de acoso a hacer algo peligroso y golpear a algo o alguien con objetos. Entre las formas de acoso más comunes entre las niñas se encuentran: hostigar a lo objeto de bullying hasta hacerle llorar, excluirla pidiendo a otros que no hablen o pasen tiempo con él, prohibir a otros jugar con él. Los varones experimentan más violencia física mientras que las niñas suelen experimentar en su mayoría una forma de bullying verbal con el fin de dañar sus relaciones sociales. (Cantero & Piñuel, 2005).

España ha adoptado algunas políticas internacionales de protección contra la violencia incluidas en Convención sobre los Derechos del Niño; la nueva estrategia de 2012 de la Comisión Europea para mejorar la seguridad en internet y crear contenido apropiado para menores en la red; la estrategia de seguridad cibernetica de la Comisión Europea de 2013 para la Unión Europea para un ciberespacio abierto, protegido y seguro; las políticas del Consejo Europeo para las estrategias nacionales de protección contra el bullying.

A nivel nacional, existen otras leyes que velan por los derechos y protección de los menores como la Constitución Española; la Ley Orgánica de protección Jurídica del Menor; la Ley Orgánica de Educación 2006, la cual establece unos principios para prevenir y combatir bullying en las escuelas; el Código Penal, el cual intervendría en caso de que se cometiera un crimen; la Ley de Responsabilidad Penal de Menores; la Instrucción de Fiscalía de 10/2005 sobre procedimientos de bullying en la escuela del sistema de justicia; la Circular de 3/2009 de la Fiscalía General del Estado sobre protección de menores víctimas de bullying; y el Segundo Plan Estratégico Nacional de Infancia y Adolescencia (II PENIA) 2013-2016 (Lopéz, Finalé, Villén, Merchán & Ruiz, 2014).

[PT]

De acordo com os resultados do estudo Cisneros, em 2005, os tipos mais comuns de bullying praticado contra rapazes foram: "chamar nomes, dar cachacões ou pontapear, rir ou provocar quando o alvo comete um erro, abanar ou empurrar, intimidar, ameaçar bater, tentativas para colocar o alvo em problemas, esperar pelo alvo a pé do portão da escola para o incomodar, forçar o alvo a fazer algo perigoso e agredir com objetos". Os tipos mais comuns de bullying praticado contra raparigas foram: "importuná-la para a fazer chorar, pedir aos outros para não falarem nem estarem com ela, fazer algo para que as outras pessoas não gostem dela, proibir outros de brincarem com ela, impedi-la de brincar com os outros e odiá-la sem razão". O bullying físico e direto verificou-se mais frequentemente entre os rapazes, enquanto que as raparigas sofreram com mais frequência bullying essencialmente verbal, com o propósito de prejudicar o relacionamento entre a rapariga alvo de bullying e o grupo. (Cantero e Piñuel, 2005).

Espanha adotou algumas políticas internacionais para proteger as crianças da violência incluindo aquelas que foram especificadas: na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças; na nova estratégia da Comissão Europeia de 2012 para melhorar a segurança na internet e para criar conteúdo mais apropriado para crianças e adolescentes; na estratégia de segurança virtual para a UE da Comissão Europeia de 2013, por um espaço virtual aberto, protegido e seguro; e nas políticas do Conselho Europeu para as estratégias nacionais de proteção da infância contra a violência.

A nível nacional, outras medidas são dedicadas à proteção e aos direitos das crianças, incluindo: a Constituição Espanhola, que define os direitos fundamentais das crianças; a Lei Orgânica de Proteção Judicial de Crianças; a Lei Orgânica da Educação, de 2006, que estabeleceu princípios de prevenção e de gestão do bullying nas escolas; o Código Penal, que intervém em caso de crime; a Lei da Responsabilidade Penal das Crianças; a Instrução 10/2005 de Fiscalização sobre procedimentos de bullying escolar a partir do sistema de justiça para a juventude; a Circular 3/2009 de Fiscalização Geral do Estado sobre a proteção de crianças que assumem a posição de alvo ou espectador; e o Plano Estratégico II para Crianças e Adolescentes 2013-2016 (Lopéz, Finalé, Villén, Merchán e Ruiz, 2014).

In the region of Castilla y León, the government of Juan Vicente Herrera has implemented measures to address and prevent bullying in schools by ordering a plan for prevention in schools, which pursued to increase parental involvement in this issues together with the whole school community. The region of Galicia was the first to implement legislation to combat bullying. The Consejo de Cultura established a general protocol for the prevention, detection and treatment of bullying situations, and cyber bullying. Additionally, in Madrid, the Municipal Police agents have tutors in the most troubled schools.

There are also some examples of Spanish organizations like GRUPO TEI, PROTEGELES and Pantallas Amigas which aim to combat bullying and have made prevention programs to be implemented in schools. They have developed campaigns and projects to raise awareness in students, professionals and families. GRUPO TEI has already implemented its programmes in 350 schools for 70,000 students.

Furthermore, the Asociación Española para la Prevención del Acoso Escolar (AEPAE) is dedicated to preventing and fighting bullying in school settings and it's formed by different professionals and it also founded a national plan against bullying.¹⁶ The Confederación Española de Asociaciones de Padres y Madres de Alumnos (CEAPA) is a parent association confederation that created a written guide to inform parents about bullying in school, bullying prevention and what parents can do to help their children (CEAPA, 2013).

The Dirección General de Familia also has some recommendations to prevent bullying, presenting important guidelines to intervene with perpetrators and targeted children. Regarding the perpetrators, it highlights the importance of: teaching them mutual respect and equality values, not accepting discrimination; building empathy and generosity and teaching about rights and duties; educating about the disadvantages of violence and teaching non violent ways to deal with conflicts and other ways to obtain what they want; promoting cohesion between class group members and the integration of all students; and to stimulate the respect for limits.

[ES]

En la región de Castilla y León, el gobierno de Juan Vicente Herrera ha puesto en marcha medidas para tratar y prevenir el acoso a través de un plan de prevención en las escuelas, que persigue aumentar la participación de los padres junto con toda la comunidad educativa. La región de Galicia es la primera en implementar una ley para luchar contra el Bullying. El Consejo de Cultura estableció un protocolo general para la prevención, detección y tratamiento de las situaciones de bullying y ciber-bullying. Además, en Madrid, la Policía Municipal cuenta con Agentes Tutores, los cuales imparten charlas de concienciación en las escuelas más problemáticas.

También hay algunos ejemplos de organizaciones españolas como Grupo TEI, PROTEGELES y Pantallas Amigas que tienen como objetivo luchar contra el acoso y han trabajado en programas de prevención para aplicar en las escuelas. Se han desarrollado campañas y proyectos para sensibilizar a estudiantes, profesionales y familias. GRUPO TEI ya ha puesto en marcha su programa en 350 escuelas de España, y ha alcanzado a 70.000 alumnos.

Por otra parte, la Asociación Española para la Prevención del Acoso Escolar (AEPAE) se dedica a la prevención y lucha contra el acoso en el entorno escolar, formado por diferentes profesionales, también fundó un plan nacional contra el acoso.¹⁶

La Confederación Española de Asociaciones de Padres y Madres de Alumnos (CEAPA) es una asociación de padres que ha creado una guía escrita para informar a los padres acerca del acoso en la escuela, prevención y técnicas que los padres pueden usar para ayudar a sus hijos (CEAPA, 2013).

La Dirección General de Familia también tiene algunas recomendaciones para prevenir el acoso, y presenta indicaciones importantes para intervenir con los autores y los objetos de bullying. En cuanto a los autores, subraya la necesidad de la enseñanza de valores, respeto mutuo e igualdad, no aceptar la discriminación; empatía, generosidad y la enseñanza de sus derechos y deberes; educar acerca de las desventajas de la violencia y enseñanza de formas no violentas para hacer frente a los conflictos; promover la cohesión entre los miembros del grupo de clase y la integración de todos los estudiantes.

¹⁶Información disponible en: <http://aepae.es/>

[PT]

Na região de Castela e Leão, o governo de Juan Vicente Herrera implementou medidas de combate e prevenção do bullying em escolas, requerendo um plano de prevenção nas escolas, que visasse o envolvimento parental nestas questões em parceria com toda a comunidade escolar. A região da Galiza foi a primeira a implementar legislação de combate ao bullying. O Conselho de Cultura estabeleceu um protocolo geral para a prevenção, deteção e tratamento de situações de bullying e de bullying virtual. Em Madrid, por sua vez, os agentes da Polícia Municipal têm tutores nas escolas mais problemáticas.

Há ainda alguns exemplos de organizações Espanholas como o GRUPO TEI, o PROTEGELES e a Pantallas Amigas, que promovem o combate ao bullying e que elaboraram programas de prevenção dirigidos às escolas. Desenvolveram também campanhas e projetos para promover a conscientização sobre o bullying nos estudantes, nos profissionais e nas famílias. O GRUPO TEI já implementou o seu programa em 350 escolas, abrangendo 70 000 estudantes.

A Associação Espanhola para a Prevenção do Bullying Escolar também se dedica à prevenção e à intervenção no bullying em contexto escolar, sendo formada por diferentes profissionais e tendo fundado um plano nacional contra o bullying.¹⁶ A Confederação Espanhola de Associações de Pais e Mães de Alunos, por seu turno, criou um guia que fornece informação aos pais sobre o bullying na escola, a prevenção do mesmo e o que podem fazer para ajudar os seus filhos (CEAPA, 2013).

A Direção Geral de Família lançou igualmente algumas recomendações para a prevenção do bullying, apresentando importantes parâmetros de intervenção junto de perpetradores e alvos. Relativamente aos perpetradores, ressalta a importância de: ensinar o respeito mútuo e valores de igualdade, não aceitando discriminação; fomentar a empatia e a generosidade e educar sobre os seus direitos e deveres; educar sobre as desvantagens da violência e ensinar formas não violentas para lidar com conflitos, bem como outras formas de atingir os seus objetivos; promover a coesão entre os membros da turma e a integração de todos os estudantes; e estimular o respeito pelos limites.

¹⁶Informação disponível em: <http://aepae.es/>

¹⁶Information available at: <http://aepae.es/>

Regarding targets, it's important to: stimulate cohesion between the class group members and eliminate exclusion (e.g. providing opportunities for cooperative learning in the classroom and to develop cooperation) and to organize activities to prevent victimization (e.g. assertive attitudes and behaviour). In schools, it's also crucial to stop the tendency to downplay the severity of aggression, to provide adequate support to targets and to raise awareness that students who are perceived as different for some reason are more likely to suffer from bullying (Aguado, 2006).

According to the Spanish partner of the HoE project, there isn't a particular law to combat bullying in Spain and there's a need to raise awareness of the problem among public authorities, professionals and society. The evidence suggests that this topic is gaining importance over time, but still, it feels like there is space for improvement, more intervention and more awareness.

[ES]

En cuanto a los objetos de bullying, es importante: estimular la cohesión entre los miembros del grupo de clase y eliminar la exclusión (lo que proporciona oportunidades para el aprendizaje cooperativo en el aula y desarrollo de la cooperación), organizar actividades para prevenir el acoso (educar en el comportamiento assertivo). En las escuelas, también es crucial detener la tendencia a restar importancia a la gravedad de la agresión, para proporcionar apoyo adecuado a los objetos de acoso y concienciar sobre la vulnerabilidad de los jóvenes para sufrir acoso (Aguado, 2006).

De acuerdo con los socios españoles del proyecto de HoE, no existe ninguna ley en particular para combatir el acoso en España y hay una gran necesidad de concienciar y sensibilizar sobre el bullying entre los poderes públicos, profesionales y sociedad. Se muestra una evidencia de que este tema está ganando importancia con el tiempo, pero aún así, es necesario continuar en la lucha por la mejora de intervenciones, prevención y sensibilización.

[PT]

Quanto às crianças e jovens na posição de alvos, é importante: estimular a coesão entre os membros da turma e eliminar a exclusão (criar oportunidades para a aprendizagem cooperativa em sala de aula e desenvolver a cooperação) e organizar atividades para prevenir a vitimização (atitudes e comportamentos assertivos). Nas escolas, é também crucial erradicar a tendência para minimizar a gravidade da agressão, prestar apoio adequado aos alvos de agressões e tornar claro que os alunos que são percebidos como diferentes por algum motivo têm maior probabilidade de sofrer bullying (Aguado, 2006).

Tal como observa o parceiro Espanhol do projeto HofE, não existe uma lei específica de combate ao bullying em Espanha e é notável a necessidade de aumentar a consciencialização para este problema entre as autoridades públicas, os profissionais e a sociedade no geral. As evidências sugerem que este tópico tem adquirido maior importância ao longo do tempo, porém, há ainda espaço para melhorias, para mais intervenção e para uma maior consciencialização.



1.3.4 Portugal

Data from the Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC), a cross-national study, shows that between 2002 and 2012, the rate of perpetrators remained stable and the rate of bullied students decreased. However, a more recent study, in 2013, reveals that the incidence of bullying may be increasing and affects about 40% of Portuguese students. Boys are more frequently involved in bullying behaviours than girls, both as perpetrators and targets, which is consistent with the literature. This study presents the following rates of involvement in bullying behaviours: 57,8% of students were not involved, 17,9% were perpetrators, 17,2% were targets and 7,1% were bully-victims (Seixas, Coelho & Fischer, 2013).

Another study, by Pereira (2004, p.250), suggests that bullying happens mostly in the school's playground. "It is in playgrounds that bullying is more frequent (...) This can be explained by the lack of attention given to these spaces revealed by their bad structure and maintenance. These places are not very attractive and there is a lack of organization of free time activities. There is also a lack of materials to play with such as balls, rope games, etc. However, the playground is highly appreciated by children, although forgotten by adults."

Legally, the crime of school violence doesn't exist, however there are several instruments put in place to fight these behaviours.

The Estatuto do Aluno e da Ética Escolar (Law n.º 51/2012), for example, establishes a set of rights and duties of students in relation to bullying and states what measures should be put in place in bullying situations not only towards the perpetrators but also for teachers, parents and school boards. It mentions, among others, the right of the student to be treated with respect and the right to have his safety and integrity assured in school (Article 7). This law also underlines the duty – of students and parents - of contributing to the preservation of safety, and the physical and psychological integrity of all those participating in the school life (Article 43, h).¹⁷

In case of crime, the Penal Code has determined corrective and disciplinary measures that may be applied to young people and their legal representatives.

[ES]

1.3.4 Portugal

Los datos de un estudio internacional realizado por Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC), muestra que entre 2002 y 2012, los índices de autores de bullying se mantuvieron estables y los de acosados disminuyeron. Sin embargo, un estudio más reciente, en 2013, revela que la incidencia de acoso está aumentando y afecta a alrededor del 40% de los estudiantes portugueses. Los niños suelen estar más implicados en conductas de acoso que las niñas, tanto en calidad de autores como de objetos de bullying. Este estudio presenta los índices de participación en conductas de acoso: el 57,8% no estaban involucrados, el 17,9% autores, el 17,2% objetos de bullying y el 7,1% bully-victimas (Seixas, Coelho y Fischer, 2013).

Otro estudio, realizado por Pereira (2004, p.250), sugiere que la intimidación ocurre principalmente en el patio de la escuela.

Otro estudio realizado por Pereira (2004, p.250), afirma que el acoso ocurre principalmente en el patio de la escuela.

"Es en el patio de recreo donde el acoso es más frecuente [...] Esto puede explicarse por la falta de atención prestada a estos espacios que disponen de una mala estructura y mantenimiento. Estos no son lugares atractivos y hay una falta de organización de las actividades de tiempo libre. También hay una falta de materiales para jugar como pelotas, juegos de cuerda, etc. Sin embargo, el patio es muy apreciado por los niños, aunque olvidado por los adultos."

Legalmente, no existe el delito de violencia escolar como tal, sin embargo, hay varias iniciativas puestas en marcha que luchan contra estos comportamientos.

El Estatuto do Aluno e da Ética Escolar (Ley n.º 51/2012) establece un conjunto de derechos y deberes de los estudiantes en relación con el bullying y establece una serie de medidas que deben ponerse en marcha en situaciones de acoso no sólo con los autores del acoso, sino también con los maestros, padres y la comunidad educativa. Se menciona, entre otros, el derecho del estudiante a ser tratado con respeto y el derecho asegurar su seguridad e integridad en la escuela (artículo 7). Esta ley también pone de relieve el deber - de los estudiantes y los padres - de contribuir a la conservación de la seguridad e integridad física y psicológica de todos los agentes involucrados en la vida escolar (artículo 43, h).¹⁷

En caso de delito, el Código Penal ha determinado medidas correctivas y disciplinarias que se pueden aplicar a los jóvenes y sus representantes legales.

¹⁷Información disponible en: http://www.portugal.gov.pt/media/703343/20120905_mec_estatuto_aluno.pdf

[PT]

1.3.4 Portugal

Dados do estudo internacional Health Behaviour in School-Aged Children demonstram que, entre 2002 e 2012, o nº de perpetradores manteve-se estável e que o número de crianças alvo de bullying decresceu.

Contudo, um estudo mais recente, de 2013, revelou que a incidência do bullying poderia estar a aumentar e afetava cerca de 40% dos alunos Portugueses. O sexo masculino encontrava-se mais frequentemente envolvido em episódios de bullying do que o sexo feminino, tanto como perpetradores como no papel de alvos, o que é consistente com outros estudos. Esta investigação apresenta as seguintes taxas de envolvimento em comportamentos de bullying: 57,8% de estudantes não estiveram envolvidos, 17,9% eram perpetradores, 17,2% eram alvos e 7,1% eram perpetradores-alvos (Seixas, Coelho e Fischer, 2013).

Noutro estudo, Pereira (2004, pg.250) sugere que o bullying acontece sobretudo no recreio da escola.

"É no recreio que o bullying é mais frequente (...) Este facto pode ser explicado pela falta de atenção dada a estes espaços que se revela na sua pobre estrutura e manutenção. Estes locais não são atrativos e há falta de organização nas atividades de tempos livres. Há também uma falta de materiais para brincar como bolas, cordas, jogos, etc. No entanto, o recreio é muito valorizado pelas crianças mesmo quando esquecido pelos adultos."

Legalmente, não existe o crime de violência na escola, ainda que existam vários instrumentos jurídicos em vigor para combater estes comportamentos. O Estatuto do Aluno e da Ética Escolar (Lei nº 51/2012) por exemplo, estabelece um conjunto de direitos e deveres para os alunos relativamente ao bullying e define que medidas podem ser tomadas em casos de bullying, não apenas para perpetradores mas também por professores, pais e órgãos escolares. Menciona, entre outros, o direito do aluno ser tratado com respeito e o direito de ter a sua segurança e integridade asseguradas pela escola (art.7). Este estatuto menciona também o dever - de pais e alunos - de contribuir para a preservação da segurança e da integridade física e mental de todos os que participam na vida escolar (art.43, h).¹⁷

Em caso de crime, o Código Penal, por sua vez, determina medidas corretivas e disciplinares aplicáveis a crianças e jovens e aos seus representantes legais.

¹⁷Informação disponível em: http://www.portugal.gov.pt/media/703343/20120905_mec_estatuto_aluno.pdf

Regarding measures to prevent and tackle bullying, the Portuguese Education Ministry, one of the main entities responsible for safety at school, insists that schools act on prevention with parents/guardians and parents associations and intervention is done in collaboration with competent authorities. Many national measures and projects contribute to promote safety in public schools, for example:

- Internal Regulation and Statute of School;
- The training of students, teachers and educational assistants;
- The Safe School Program;
- Segur@net - Internet Security Project;
- National Commission Data Protection Project.

In 2015, A.A.B.C.J., the first Anti-Bullying association in Portugal was created with the aim of studying and intervening in the bullying phenomenon.

[ES]

En cuanto a las medidas para prevenir y combatir el acoso, el Ministerio de Educación portugués, una de las principales entidades responsables de la seguridad en la escuela, insiste en que las escuelas actúen en la prevención del acoso junto con los padres/tutores en colaboración con las autoridades competentes. Existen numerosos proyectos y medidas nacionales que contribuyen a promover la seguridad en las escuelas públicas:

- Reglamento Interno y el Estatuto de la Escuela;
- La formación de los estudiantes, maestros y asistentes educativos;
- El Programa de Escuela Segura;
- Segur@net - Proyecto de Seguridad en Internet;
- Proyecto de la Comisión Nacional de Protección de Datos.

En 2015, A.A.B.C.J., fue creada la primera asociación contra el bullying en Portugal con el objetivo de estudiar e intervenir en el fenómeno del acoso.

[PT]

Com relação a medidas de prevenção e de intervenção no bullying, o Ministério da Educação, uma das principais entidades responsáveis pela segurança na escola, reforça a ideia de que as escolas devem agir preventivamente em cooperação com pais/encarregados de educação e associações de pais, e colaborar também com as autoridades competentes. Várias medidas e projetos nacionais contribuem para promover a segurança nas escolas públicas portuguesas, tais como:

- Estatuto e regulamento escolar;
- Formação de estudantes, professores e auxiliares de ação educativa;
- Programa Escola Segura;
- Segur@net – Projeto de segurança na internet;
- Projeto da Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Em 2015, foi criada a A.A.B.C.J., a primeira associação Anti-Bullying em Portugal, com o intuito de pesquisar sobre e de intervir no fenómeno bullying.



2. CHILDREN'S RESIDENTIAL SETTINGS

[ES] Centros de Acogimiento residencial para Menores [PT] Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens

2.1 Introduction

According to Carvalho (2013) poverty or the families' inability to take care of their own children led to the creation of residential institutions to provide them a safe environment and a good global development. About 1% of children in the European Union are integrated in care systems, although this value varies a lot between countries. The number of children in care per country tends to be stable or growing, and not reducing. Most of these young people come from multi problematic families. Poverty and social exclusion are risk factors that may lead to institutionalization and one of the main reasons to integrate children in hosting systems in the EU is the inadequacy of parental intervention.

The European Council Recommendation of March 16th, 2005, is one of the main normative tools to regulate the national systems regarding children and young people's institutionalization in Europe. It sets out basic principles of intervention with children/youngsters at risk and in care, including regular contact with the family, access to education and health care and also the formation of a multidisciplinary and qualified team. The Quality 4 Children Standards for out of home child care in Europe, created in 2007, states other important basic principles to qualify children and young people's hosting in Europe (Carvalho, 2013), such as the creation and implementation of individual care plans, the development of a close relationship between caregivers and children, children's participation in care decisions, adequate care for those with special needs, preparation for independent living and leaving care processes.

Residential care was, in 2010, the most common solution for children in care in most European countries and efforts have been made to create a family type environment in these settings, such as limiting the number of children per unit. This is of crucial importance, because even if this solution protects children from other risks, institutionalisation also has negative effects in children/youngsters, especially the youngest ones and those effects increase the longer they stay in a residential setting. Institutionalized children and children who live with hosting families have a higher tendency for marginality and to behave out of the norm (FICE, 2008, Eurochild, 2010, Santos, 2010, as cited in Carvalho, 2013).

[ES]

2.1 Introducción

Según Carvalho (2013) la pobreza o la incapacidad de las familias para cuidar de sus propios hijos llevaron a la creación de centros de acogida que proporcione a los niños y niñas un ambiente seguro y un buen desarrollo global. Aproximadamente el 1% de los niños en la Unión Europea están integrados en los sistemas de protección, aunque este valor varía mucho entre países. El número de menores ingresados en centros de acogida en cada país tiende a ser estable o en crecimiento, pero en ningún caso se ha reducido. La mayoría de los jóvenes institucionalizados provienen de familias con problemas múltiples. La pobreza y la exclusión social son factores de riesgo que pueden conducir a la institucionalización, y una de las principales razones para derivar a los menores a los sistemas de alojamiento en la UE es la inadecuada intervención de los padres en la educación de sus hijos.

La Recomendación del Consejo Europeo del 16 de marzo de 2005, es una de las principales herramientas normativas para regular los sistemas nacionales con respecto a los menores y la institucionalización de los jóvenes en Europa. En él se establecen los principios básicos de la intervención con menores en riesgo e institucionalizados, incluyendo el contacto regular con la familia, el acceso a la educación y salud y la formación de un equipo multidisciplinar especializado. Quality 4 Children Standards para el cuidado de menores fuera del hogar en Europa, creada en 2007, establece otros principios básicos importantes (Carvalho, 2013), tales como la creación y ejecución de planes de atención individualizada, desarrollo de una estrecha relación entre los cuidadores y los niños/as, participación de los niños/as en las decisiones del hogar, una atención adecuada a las personas con necesidades especiales, y preparación para la vida independiente una vez fuera del hogar.

Los centros de acogimiento residencial fueron en 2010 la solución más común para niños/as en la mayoría de los países europeos y muchos han sido los esfuerzos para crear un entorno familiar y limitar el número de residentes por hogar. Estas medidas son de vital importancia, ya que aunque la institucionalización protege a los niños de otros riesgos, también tiene efectos negativos en los menores, especialmente entre los más jóvenes, y tales efectos pueden ir aumentando a medida que permanecen más tiempo en el entorno residencial. Los menores internados en instituciones y los adoptados por familias corren mayor riesgo de marginación y comportamiento problemático (FICE 2008, Eurochild de 2010, Santos de 2010, como se cita en Carvalho, 2013).

[PT]

2.1 Introdução

De acordo com Carvalho (2013) a pobreza ou a incapacidade das famílias para cuidar das suas próprias crianças levou à criação de instituições de acolhimento que proporcionassem um ambiente seguro e que assegurassem um bom desenvolvimento para essas crianças. Cerca de 1% das crianças da UE encontram-se integradas em sistemas de acolhimento, sendo que este valor varia bastante de país para país. O número de crianças institucionalizadas por país tende a manter-se estável ou a crescer e a maioria destas crianças e jovens são oriundas de famílias multi-problemáticas. A pobreza e a exclusão social constituem fatores de risco que podem resultar na institucionalização e uma das principais razões que levam ao acolhimento institucional de crianças na UE é a inadequação da intervenção parental.

A Recomendação do Conselho Europeu de 16 de Março de 2005 é uma das ferramentas normativas dominantes para regular os sistemas nacionais associados à institucionalização de crianças e jovens na Europa. Define princípios básicos de intervenção com crianças e jovens em risco e em acolhimento, incluindo o contacto regular com a família, o acesso à Educação e a cuidados de saúde, e a formação de uma equipa multidisciplinar qualificada. Os Padrões de Qualidade para Crianças, para o cuidado infantil em instituições na Europa, criado em 2007, determina outros princípios básicos importantes para qualificar instituições de acolhimento de crianças e jovens na Europa, como a conceção e a execução de planos de acompanhamento individual, o desenvolvimento de uma relação mais próxima entre as crianças e jovens acolhidos e os seus cuidadores, a participação das crianças e jovens nas decisões relativas ao acompanhamento institucional, a prestação de cuidado adequado àqueles com necessidades especiais e a preparação para uma vida independente de cuidado institucional.

O Acolhimento Institucional era, em 2010, a modalidade mais comum de acolhimento fora do lar de origem na maioria dos países Europeus e têm sido efetuados esforços para criar um ambiente familiar nestes contextos, por exemplo, limitando o número de crianças por unidade. Este aspecto é de crucial importância, uma vez que mesmo que a institucionalização procure proteger as crianças de outros riscos, a mesma também produz efeitos negativos nas crianças e jovens, especialmente nas mais jovens, e esses efeitos aumentam com a permanência a longo prazo em tais instituições. As crianças institucionalizadas e aquelas que vivem com famílias de acolhimento apresentam uma maior tendência para a marginalidade e para manifestar comportamentos fora da norma (FICE, 2008, Eurochild, 2010, Santos, 2010, como referido em Carvalho, 2013).

"The main reasons leading to institutionalization in different countries are poverty, family breakdown, child abuse and lack of alternatives to out of home care" (Ivanova, 2008, p.2). Children who live in residential settings may present behavioural or mental health problems. Some may experience short-term or even long-term improvements in their development, while others don't experience improvements at all or seem to get worse. Authors recognise that living in a group may benefit these children's development, but it may also involve a greater risk of bullying (Little, Kohm & Thompson, 2005).

[ES]

"Las principales razones que conducen a la institucionalización en los diferentes países son la pobreza, la desintegración familiar, el abuso infantil y la falta de alternativas al cuidado fuera del hogar" (Ivanova, 2008, p.2). Algunos de los niños que viven en entornos residenciales pueden presentar problemas de salud mental o de comportamiento. Sin embargo, muchos de ellos, experimentan mejoras en su desarrollo a corto e incluso a largo plazo, mientras que otros no solo no experimentan mejoras sino que parecen empeorar. Los expertos afirman que vivir en comunidad puede beneficiar el desarrollo de estos niños, sin embargo también puede implicar un mayor riesgo de acoso (Little, Kohm y Thompson, 2005).

[PT]

Os principais motivos que conduzem à institucionalização em diferentes países são "pobreza, colapso familiar, abuso infantil e falta de alternativas para o cuidado fora do lar de origem" (Ivanova, 2008, pg.2). As crianças que vivem em CACJ podem apresentar problemas de saúde mental ou comportamentais. Algumas podem beneficiar de melhorias a curto ou longo prazo no seu desenvolvimento, enquanto outras não obtêm melhorias ou parecem piorar. Alguns autores reconhecem que viver no seio de um grupo pode ser positivo para o desenvolvimento destas crianças, todavia, este aspeto pode também envolver um maior risco de bullying (Little, Kohm e Thompson, 2005).



2.2 Reality in Each Partner Country

2.2.1. Ireland

The main legal framework for Child Care in Ireland is the Child Care Act, 1991. In 2013 the Child and Family Agency became the official body to promote and ensure the welfare of children who are not being provided with adequate care and protection. This may happen by way of agreement with the parents or guardians or through a legal court order (Emergency Care Order, Interim Care Order or Care Order).¹⁸ In Ireland children that enter the Care system whether it is by court order or on basis of voluntary agreement, may be placed in one of the following residential placements:

Residential Care – This may take the form of domestic homes in housing estates. Generally gather from 2 to 6 children. Staff works in shifts and children generally attend to local schools and engage in local community activities. Residential Care is generally used in cases when children are 13 or older.

Special Care - Special Care units are designed to detain children not for criminal reasons but for the child's own safety, welfare and protection by order of the High Court. These facilities provide on-site educational and therapeutic services

Foster Care - Foster care can take place in the form of Relative Foster Care or General Foster Care. Relative Foster Care happens when a suitable relative or known person to the child receives him/her. The carer capacity to accompany the child is assessed and approved before placement. General Foster Care is used when a suitable relative or known person to the child is not found and, in these cases, the child is appointed to one of the candidate families, who are then supported through a foster care allowance.

[ES]

2.2 Realidad en Cada País Asociado

2.2.1. Irlanda

El marco legal principal para el cuidado infantil en Irlanda es la Ley de Cuidado Infantil de 1991. En 2013, The Child and Family Agency se convirtió en el organismo oficial para promover y garantizar el bienestar de los menores a través de acuerdos con los padres o tutores o por medio de una orden judicial legal (Régimen de Cuidado de Emergencia, Régimen de Atención Provisional o Régimen de Guardia y Custodia).¹⁸ En Irlanda, los menores que entran en el sistema de protección ya sea por orden judicial o sobre la base de un acuerdo voluntario, pueden ser derivados a algunos de los siguientes centros:

Centros de Acogimiento – Vivienda Hogar en un vecindario totalmente normalizado que generalmente recoge de 2 a 6 menores. El personal trabaja en turnos y los menores suelen asistir a las escuelas locales y participar en actividades de la comunidad. El acogimiento residencial en vivienda hogar se lleva a cabo generalmente con jóvenes mayores de 13 años.

Centros Especiales para Menores con Problemas de Socialización - Unidades de cuidados especiales diseñadas para derivar a jóvenes a los Centros no por razones penales, sino por su propia seguridad, bienestar y protección por orden del juzgado competente. Estas instalaciones ofrecen servicios educativos y terapéuticos.

Acogimiento Familiar - El Acogimiento Familiar puede tener lugar en forma de Acogimiento de Familia Extensa o Acogimiento Familiar General. Este primero sucede cuando un familiar o conocido para el niño/a se ofrece para acogerlo. Para ello, será necesaria una evaluación de sus capacidades como tutor y la aprobación para acompañar al menor a lo largo de su desarrollo. El Acogimiento Familiar General se lleva a cabo en el caso de no encontrar a ningún familiar o conocido adecuado para acompañar al menor en su proceso de desarrollo y en este caso se deriva al niño/a con una familia candidata que, posteriormente, es apoyada a través de la concesión de un subsidio de acogimiento familiar.

¹⁸Información disponible en: <http://www.dcyd.gov.ie/>

[PT]

2.2 Realidade em Cada País Parceiro

2.2.1. Irlanda

O principal sistema legal para o acolhimento infantil na Irlanda é o Child Care Act, 1991. Em 2013, a Agência Infantil e Familiar tornou-se o corpo oficial a assegurar o bem-estar de crianças que não estão a receber o cuidado e proteção adequados nas suas famílias. Isto pode acontecer através de acordo com os pais ou com os responsáveis pela guarda dos menores ou através de uma ordem legal do tribunal (Ordem de Acolhimento de Emergência, Ordem de Acolhimento Interina ou Ordem de Acolhimento).¹⁸

Na Irlanda, as crianças que dão entrada no sistema de acolhimento, quer seja por ordem do tribunal ou com base num acordo voluntário, podem ser alojadas num dos seguintes locais de acolhimento:

Casas de Acolhimento – Que podem ser casas regulares integradas em urbanizações. Geralmente acolhem 2 a 6 crianças. Os profissionais trabalham por turnos e as crianças normalmente frequentam as escolas locais e participam nas atividades da comunidade. As casas de acolhimento são geralmente utilizadas para casos de crianças com 13 ou mais anos de idade.

Acolhimento Especial – Estas unidades são desenhadas não para deter crianças por motivos criminais mas sim para garantir a sua segurança, bem-estar e proteção por ordem do Supremo Tribunal. Esta modalidade oferece apoio educativo e terapêutico na própria instituição.

Acolhimento Familiar – Pode ser Acolhimento Familiar por um Parente ou Acolhimento Familiar Geral. O primeiro tem lugar quando um parente ou pessoa idónea que já conhece a criança, a recebe. A capacidade do cuidador para acompanhar a criança é avaliada e aprovada antes do acolhimento. O Acolhimento Familiar Geral acontece na ausência de um parente ou conhecido que possa responsabilizar-se pelo cuidado do menor e, nestes casos, a criança é entregue a uma família candidata ao acolhimento e esta receberá uma compensação monetária.

¹⁸Informação disponível em: <http://www.dcyd.gov.ie/>

¹⁸Information available: <http://www.dcyd.gov.ie/>

In 2015 there were 6,420 reported children in care. 333 children were placed in children's residential centres. 328 (98%) of these children had an allocated social worker and 303 (91%) had a written care plan. Moreover there were 5,959 children living in foster care of which 1,845 were living with relative foster carers, thus, accounting for 29% of children in care overall and 31% of children in foster care. 1,636 (89%) of those children had an allocated social worker and 1,599 (87%) had a written care plan. The number for general foster care was 4,114 thus, equating to 64% of children in care overall and 69% of children in foster care. 3,826 (93%) of those children had an allocated social worker and 3,702 (90%) had a written care plan.¹⁹

The Department of Children and Youth Affairs declares that, according to the reports of the Health Service Executive (HSE) in December 2012, "of the 6,332 children in care, 1,151 (18.2%) had been in care for less than a year, 2,842 (44.9%) had been in care for one to five years and 2,339 children (36.9%) had been in care for more than five years". Data provided by Tusla - The Child and Family Agency, shows that in April 2015, 6420 children were in care and 333 of them were placed in children's residential centres. However, it's important to state that "it is not good practice for a child to be in residential care for five years or more."²⁰ Residential Care might be used when a child is in a situation of:

- Assessment;
- Keeping a sibling group together;
- Specialist treatment;
- Own preference;
- Care and behavioural needs best catered for in a residential setting.

¹⁹Information available: <http://www.dcyd.gov.ie/viewdoc.asp?DocID=120>

²⁰Information available: <http://www.dcyd.gov.ie/>

[ES]

El año 2015 contaba con 6.420 niños institucionalizados en Irlanda de los cuales, 333 menores fueron derivados a Centros de Acogimiento. A 328 de estos niños/as y jóvenes se les asignó un trabajador social y para 303 se redactó un plan de actuación. Además hubo 5.959 derivados a acogimiento familiar, de los cuales 1.845 fueron acogidos por su familia extensa. En definitiva, el 29% de los menores institucionalizados se encontraban en Centros de Acogimiento y el 71% fueron derivados a familias de acogida. El número de menores en Acogimiento Familiar General era de 4.114, lo que equivale al 64% de menores derivados a Centros de Acogimiento Residencial y el 69% en Acogimiento de Familia Extensa de los cuales el 93% de esos niños tenían un trabajador social asignado y el 90% contaban con un plan de actuación.¹⁹

El Departamento de Infancia y Juventud declara que, de acuerdo con los informes del Servicio Nacional de Sanidad (HSE) en diciembre de 2012, "de los 6.332 menores, 1.151 (18,2%) habían estado institucionalizados menos de un año, 2.842 (44,9%) menores habían estado institucionalizados de uno a cinco años y 2.339 (36,9%) durante más de cinco años".²⁰

Los datos proporcionados por Tuzla - La Agencia de Familia e Infancia, muestran que en abril de 2015, 6.420 menores estaban institucionalizados y solo 333 de ellos fueron derivados a CAR. Sin embargo, es importante señalar que "no es recomendable que un menor pase 5 años o más en un Centro de Acogimiento residencial."

Un menor será derivado a un Centro de Acogimiento en caso de que se encuentre en cualquiera de las siguientes situaciones:

- Valoración;
- En caso de hermanos, para mantenerlos juntos;
- Necesidad de un tratamiento especializado;
- Preferencia de permanecer en el Centro;
- En el caso de que sus necesidades de cuidado y comportamiento sean mejor atendidas en un entorno residencial.

¹⁹Información disponible en: <http://www.dcyd.gov.ie/viewdoc.asp?DocID=120>

²⁰Información disponible en: <http://www.dcyd.gov.ie/>

[PT]

Em 2015 foram contabilizadas 6420 crianças em acolhimento. 333 dessas crianças foram alojadas em CACJ. A 328 (98%) tinha sido atribuído um assistente social e a 303 (91%) tinha sido elaborado um plano de acompanhamento. Além destas, 5959 crianças viviam em acolhimento familiar, 1845 das quais em acolhimento familiar com um parente, representando 29% das crianças em acolhimento no total, e 31% das crianças em acolhimento familiar. A 1636 (89%) das crianças em acolhimento familiar com um parente, foi atribuído um assistente social e a 1599 (87%) foi feito um plano de acompanhamento. O número de crianças em acolhimento familiar geral foi de 4114 equacionando, portanto, 64% do total das crianças em acolhimento e 69% de crianças em acolhimento familiar. Foi atribuído um assistente social a 3826 (93%) destas crianças e foi elaborado um plano de acompanhamento escrito para 3702 (90%) das mesmas.¹⁹

O Departamento de Crianças e Jovens declara que, de acordo com os relatórios do Serviço Executivo de Saúde de Dezembro de 2012, "das 6332 crianças em acolhimento, 1151 (18,2%) foram acolhidas por menos de um ano, 2842 (44,9%) foram acolhidas entre 1 e 5 anos e 2339 crianças (36,9%) foram acolhidas durante mais do que 5 anos".²⁰ Segundo dados facultados pela Tusla - A Agência da Criança e da Família, em Abril de 2015, 6420 crianças encontravam-se em acolhimento e 333 destas foram institucionalizadas em CACJ. Porém, é importante referir que "não é considerada uma boa prática uma criança viver numa casa de acolhimento durante cinco ou mais anos." As CACJ podem ser utilizadas quando criança se encontra numa das seguintes situações:

- Avaliação;
- Manter um grupo de irmãos unidos;
- Tratamento especializado;
- Preferência própria;
- Necessidades de cuidado apropriado que são melhor colmatadas numa casa de acolhimento.

¹⁹Informação disponível em: <http://www.dcyd.gov.ie/viewdoc.asp?DocID=120>

²⁰Informação disponível em: <http://www.dcyd.gov.ie/>

2.2.2 UK (Northern Ireland)

In Northern Ireland, when children suffer, or are likely to suffer significant harm, the State has a duty to intervene on their behalf. When efforts to secure children's safety and well-being within their own families - even without extra support - fail, the law makes provision for the responsible Health and Social Care Trust to share parental responsibility with the parent through a Care Order (Children (NI) Order, 1995).

Children and young people who come into the Care System for more than 24 hours are referred to as "Looked After Children."

In these cases, children can be placed on a short, medium or long term basis in:

- Foster care with extended family or friends;
- Foster care with non-related carers;
- At home with support from social services; and
- Residential care.

Children come into care by a court Care Order²¹ or, in some circumstances, a child can be accommodated by a Trust on a voluntary basis, perhaps as a result of temporary problems within the family (e.g. maternal depression). In these circumstances, parents retain full parental responsibility and can resume care of their child at any time. Government policy advocates that young children should be placed in foster care and two residential homes have been developed to cater specifically for younger children.

At 31 March 2015, 2,875 children were looked after in Northern Ireland. This was the highest number recorded since the introduction of the Children (NI) Order 1995; Neglect and physical abuse were the main reasons children entered the Child Protection System. The majority of looked after children in Northern Ireland had been in the system for less than three years, with just under a tenth looked after for ten years or longer;

Three quarters of the looked after children were in foster care placements (76%), 12% placed with parents, 7% in residential care and 5% in other placements. This was similar to previous years. Of those children looked after, a slightly higher proportion were male than female (52% and 48% respectively).

²¹A Care Order lasts until the young person is aged 18 unless the court decides to end it earlier.

[ES]

2.2.2 UK (Irlanda del Norte)

En Irlanda del Norte, cuando los menores sufren, o corren el riesgo de sufrir un daño significativo, el Estado tiene el deber de intervenir en su nombre. Cuando fracasan todos los esfuerzos por garantizar la seguridad y bienestar del menor dentro de sus propias familias, la ley envía a un responsable de Salud y Asistencia Social de confianza para compartir la responsabilidad de tutela con los padres a través de una orden de protección para la Infancia (NI) Orden, 1995.

A los menores que entran en el Sistema de Protección por más de 24 horas se les conoce como "menores tutelados".

En estos casos los niños pueden ser derivados a Centros de Acogimiento por un periodo de corto, medio o largo plazo:

- Acogimiento de Familia extensa o conocidos;
- Acogimiento Familiar ordinario con una familia candidata;
- En la propia casa con apoyo de los Servicios Sociales;
- Acogimiento en Centros residenciales.

Los menores acaban siendo derivados al Acogimiento por una orden de Protección Judicial²¹ o, en algunos casos, a través de la entrega voluntaria de la guardia y custodia del menor debido a problemas familiares temporales (como la depresión materna entre otros). En estas circunstancias, los padres conservan la responsabilidad parental por completo y pueden retomar la tutela de sus hijos en cualquier momento. La política del gobierno aboga por que los niños/as más pequeños sean derivados al acogimiento familiar.

El 31 de marzo de 2015, se registró el número más alto de niños institucionalizados (2.875) en Irlanda del Norte desde la implantación de la Orden para la Infancia (NI) de 1995. La negligencia y el abuso físico fueron las razones principales por las que los menores entraron en el Sistema de Protección a la Infancia.

La mayoría de los menores atendidos en Irlanda del Norte estuvieron en el Sistema de Protección menos de tres años. Tres cuartas partes de los menores institucionalizados fueron derivados a cuidado adoptivo (76%), el 12% fueron derivados con sus padres biológicos, el 7% a acogimiento residencial y el 5% a otras ubicaciones. De todos ellos, el 52% eran varones y el 48% eran niñas.

²¹La orden de protección judicial se termina cuando el joven ha alcanzado la mayoría de edad a menos que el tribunal decida que acabe antes.

[PT]

2.2.2 Reino Unido (Irlanda do Norte)

Na Norte da Irlanda, quando as crianças sofrem ou se encontram em risco de sofrer danos significativos, o Estado tem o dever de intervir em seu benefício. Quando os esforços para garantir a segurança das crianças e o seu bem estar no seio das próprias famílias - mesmo sem apoio adicional - falham, a lei prevê que a Entidade de Saúde e de Proteção Social responsável partilhe a responsabilidade parental com o familiar através de uma Care Order (Ordem Infantil (IN) de 1995).

As crianças e jovens que dão entrada no Sistema de acolhimento por mais de 24 horas são referidas como Looked After Children.

Nestes casos, as crianças podem ser acolhidas a curto, médio ou longo prazo em:

- Acolhimento familiar com familiares ou amigos;
- Acolhimento familiar com cuidadores não relacionados;
- Em casa com apoio de serviços sociais;
- Casas de Acolhimento.

As crianças dão entrada em acolhimento através de uma Court Care Order²¹ ou, em algumas circunstâncias, a criança é acolhida numa instituição, voluntariamente, talvez como resultado de problemas familiares temporários (por exemplo, depressão materna). Nestas circunstâncias, os pais detêm total responsabilidade parental e podem retomar a guarda dos seus filhos a qualquer momento. A nível governamental defende-se que as crianças mais novas sejam integradas em acolhimento familiar e foram construídas duas casas de acolhimento especificamente para crianças mais novas.

A 31 de Março de 2015, 2875 crianças estavam integradas no sistema acolhimento da Irlanda do Norte. Este foi o maior número de que há registo desde a introdução da Children (NI) Order 1995. A negligência e o abuso físico foram as principais razões pelas quais as crianças entraram no Sistema de Proteção Nacional.

A maioria das crianças em acolhimento na Irlanda do Norte integraram o sistema por menos de 3 anos e menos de um décimo das mesmas integraram-no durante 10 ou mais anos.

Três quartos das crianças acolhidas estiveram em acolhimento familiar (76%), 12% com os pais, 7% em casas de acolhimento e 5% em outras modalidades de acolhimento. Estes dados são semelhantes aos dos anos anteriores.

Das crianças acolhidas, o sexo masculino detinha uma proporção ligeiramente superior à das raparigas (52% e 48% respetivamente).

²¹A Care Order é válida até o jovem atingir os 18 anos, a não ser que o tribunal delibere o seu término mais cedo.

The legal status of looked after children was, in 2014/15, similar to that in previous years. The majority, 61% of looked after children, were subject to a Care Order (Article 50), 25% were Accommodated (Article 21), 12% had an Interim Care Order and 2% had other legal statuses.

On the 30th June 2015 there were 49 registered homes in Northern Ireland. They comprise homes for looked after children, secure accommodation and homes that provide full time and respite care for children with disabilities.

The average number of children and young people, in one home, ranges from 1 to 8.

There were 374 children who were under 5 years old and in care in Northern Ireland on the 31st of March 2000. These children came into care for a number of reasons:

- Family history of alcohol abuse, 76%;
- Family history of mental illness, 63%;
- Family history of domestic violence, 76%;
- Behavioural problems, 23%;
- Developmental delay, 18%;
- In care due to neglect, 52%;
- In care due to abuse, 40%;
- From single parent households, 54%.²²

Studies in the UK show that children who have been in care are: 10 times more likely to be excluded from school; 12 times more likely to leave school with no qualifications; 4 times more likely to be unemployed; 60 times more likely to join the ranks of the homeless; 50 times more likely to be sent to prison; and their own children are 66 times more likely to need public care than the children of those who have not been in public care themselves (UK Joint Working Party on Foster Care, 1999; DHSSPS, 2006). Mooney, Fitzpatrick, & Hewitt (2006) indicated that in Northern Ireland, 96 (10%) of the 986 children aged over nine years old in public care were cautioned or convicted in 2002/03, compared to 1% of all children in Northern Ireland; and 9% of school age children in care were suspended from school in 2002/03, compared with 1.7% of the general school population in Northern Ireland.

²²Information available at: <https://www.qub.ac.uk/research-centres/InstituteofChild-CareResearch/filestore/Filetoupload,381941,en.pdf>

[ES]

La situación jurídica de los menores institucionalizados era, en 2014/15, similar a la de años anteriores. La mayoría, el 61% de los menores atendidos, fue objeto de una Orden de Atención (artículo 50), el 25% fueron acogidos (artículo 21), el 12% tenía una orden de atención provisional y el 2% tenían otra situación jurídica.

El 30 de junio de 2015 había 49 viviendas de acogimiento registradas en Irlanda del Norte, las cuales incluían un alojamiento seguro que proporcionaba cuidado y atención a tiempo completo para los menores con discapacidad. La media de menores derivados a un mismo Centro de Acogimiento Residencial es de 1 a 8.

El 31 de Marzo de 2000 había registrados 374 menores con 5 años institucionalizados debido a:

- Historial familiar de abuso de alcohol, 76%;
- Historial familiar de enfermedad psíquica, 63%;
- Historial familiar de violencia doméstica, 76%;
- Problemas de comportamiento, 23%;
- Necesidades especiales, 18%;
- Abandono, 52%;
- Abuso, 40%;
- Hogar monoparental, 54%.²²

Los estudios realizados en el Reino Unido muestran que los niños/as y jóvenes que pasan por el Sistema de protección: tienen 10 veces más probabilidades de sufrir exclusión en la escuela que el resto; son 12 veces más propensos al abandono escolar; tienen 4 veces más probabilidades de estar en el paro; 60 veces más probabilidades de unirse a las filas de las personas sin hogar; 50 veces más probabilidades de ser enviados a la cárcel; y sus propios hijos son 66 veces más propensos a necesitar atención pública que el resto de niños/as (UK Joint Working Party on Foster Care, 1999; DHSSPS, 2006). Mooney, Fitzpatrick, y Hewitt (2006) indicaron que en Irlanda del Norte, 96 (10%) de los 986 niños/as de más de nueve años de edad en el sistema de protección fueron amonestados o sentenciados en 2002/03; y el 9% de los niños en edad escolar fueron expulsados de la escuela, en comparación con el 1,7% de la población escolar general en Irlanda del Norte.

²²Información disponible en:

<https://www.qub.ac.uk/research-centres/InstituteofChildCareResearch/filestore/Filetoupload,381941,en.pdf>

[PT]

O estatuto legal das crianças acolhidas era, em 2014/15, semelhante ao dos anos anteriores. A maioria, 61% das crianças acolhidas, foram submetidas a uma Care Order (Artigo 50), 25% foram acolhidas (Artigo 21), 12% beneficiaram de uma Interim Care Order e 2% foram sujeitas a outros estatutos legais.

A 30 de Junho de 2015 existiam 49 casas de acolhimento registadas na Irlanda do Norte. Estas abrangiam CACJ, casa de acolhimento seguro e casas que oferecem cuidados a tempo inteiro/parcial para crianças portadoras de deficiência. O número de crianças e jovens em cada casa varia entre 1 e 8 residentes.

Cerca de 374 crianças com menos de 5 anos estavam em acolhimento na Irlanda do Norte a 31 de Março de 2000. As mesmas entraram em acolhimento por vários motivos:

- História familiar de abuso de álcool, 76%;
- História familiar de doença mental, 63%;
- História familiar de violência doméstica, 76%;
- Problemas comportamentais, 23%;
- Atraso no desenvolvimento, 18%;
- Negligéncia, 52%;
- Abuso, 40%;
- Provenientes de famílias monoparentais, 54%.²²

Estudos realizados no Reino Unido demonstram que as crianças que estiverem em acolhimento têm: 10 vezes mais probabilidade de serem excluídas da escola; 12 vezes mais probabilidade de abandono escolar sem qualificações; 4 vezes maior risco de ficar desempregadas; 60 vezes maior risco de se tornar sem-abrigo; 50 vezes maior probabilidade de serem enviadas para prisão; e os seus filhos têm 66 vezes mais risco de vir a necessitar do cuidado público que as crianças de pessoas que não beneficiaram das suas próprias cuidados (UK Joint Working Party on Foster Care, 1999; DHSSPS, 2006). Mooney, Fitzpatrick e Hewitt (2006) indicaram que na Irlanda do Norte, 96 (10%) das 986 crianças institucionalizadas com idade superior a 9 anos foram advertidas ou condenadas em 2002/03, comparadas com 1% de todas as crianças da Irlanda do Norte; e 9% das crianças em idade escolar em acolhimento foram suspensas da escola em 2002/03, comparadas com 1.7% da população escolar geral da Irlanda do Norte.

²²Informação disponível em:

<https://www.qub.ac.uk/research-centres/InstituteofChildCareResearch/filestore/Filetoupload,381941,en.pdf>

Concerning the staff that works on these CRS, the Children (NI) Order 1995 - Guidance and regulations - volume 4 - Residential care states:

"Staff must be competent, experienced and qualified for their work. All residential social work staff in children's home should hold professional qualifications. It should be the aim of responsible authorities to recruit, where possible, professionally qualified social workers to residential social work posts. Where it proves impossible to recruit qualified persons those appointed should only be appointed on a temporary basis in order that such post can be occupied by suitably qualified persons as they become available for recruitment. It is essential that responsible authorities should seek to ensure that not only are all residential staff in children's homes professionally qualified, but also that all staff have opportunities to further develop their competence in working with children and families. All residential social workers should have their competence assessed and residential social work managers should keep the individual training needs of staff continuously under review."

[ES]

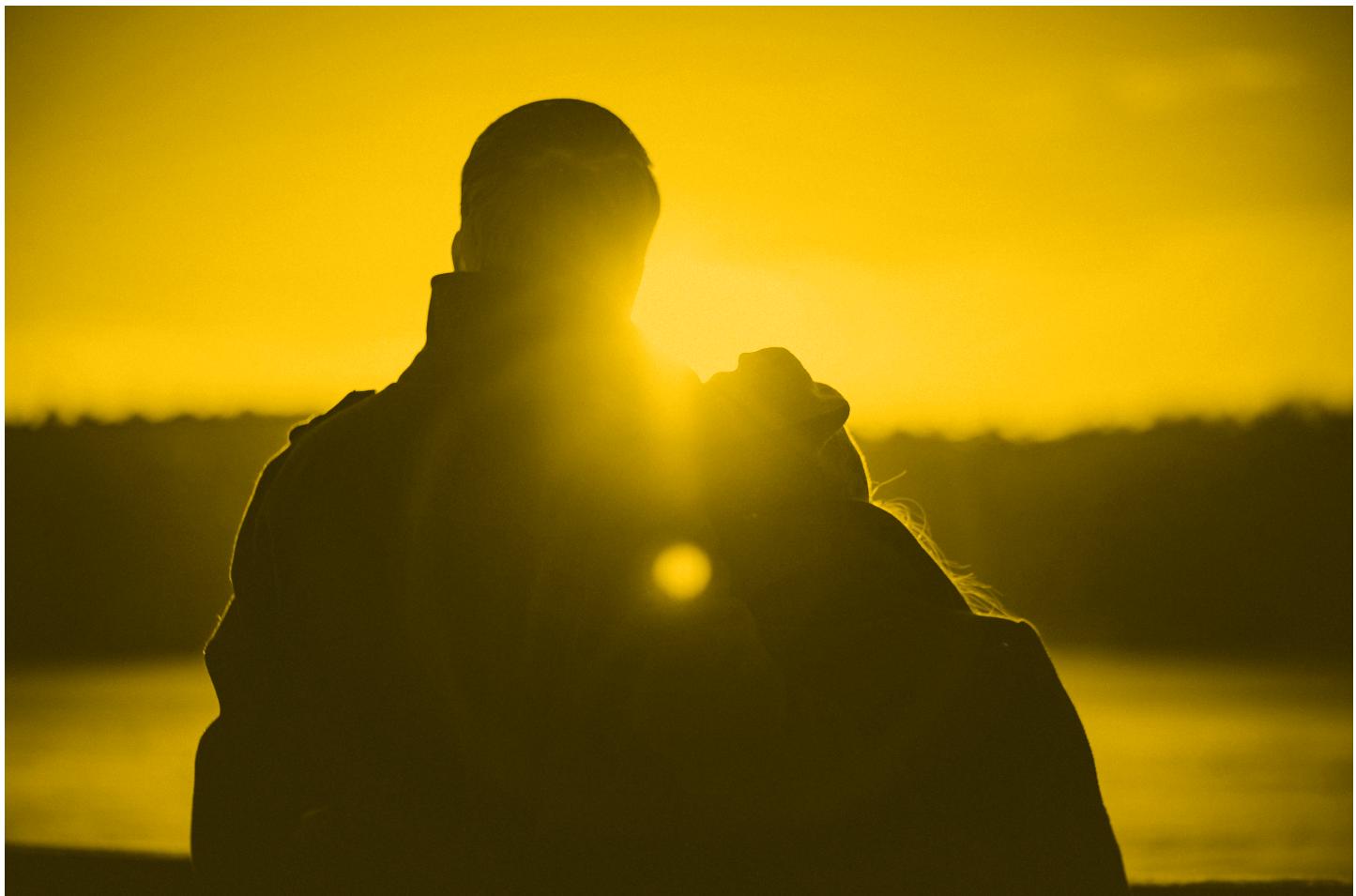
En relación con el personal que trabaja en los Centros de Acogimiento Residencial, la Guía de normas y reglamentos, The Children (NI) Order 1995 - Volumen 4 – establece que:

"El personal debe ser competente, experimentado y cualificado para su trabajo. Todo el personal que realiza un trabajo social en hogares de acogimiento residencial con menores debe poseer un título profesional. El principal objetivo de las autoridades responsables debe ser contratar, siempre que sea posible, profesionales cualificados para los puestos de trabajo social. Cuando no es posible contratar a personas cualificadas, estas deberán ser contratadas de forma temporal con el fin de que dicha función pueda ser ocupada por personas debidamente cualificadas cuando sea posible. Es esencial que los responsables de cada centro residencial traten de asegurar la formación continua de los profesionales posibilitando la oportunidad de desarrollar aún más su competencia en el trabajo con menores y familias. Todos los trabajadores sociales residenciales deben ser evaluados según sus competencias profesionales y recibir continua formación supervisada por los directores de los hogares residenciales."

[PT]

Em relação aos profissionais que trabalham nas CACJ, as Orientação e Regulamentos da Children (NI) Order 1995 - volume 4 - Casas de acolhimento, refere:

"Os profissionais devem ser competentes, experientes e qualificados para o seu trabalho. Todos os trabalhadores sociais das casas de acolhimento devem possuir qualificações profissionais. Deve constituir um objetivo das autoridades responsáveis contratar, na medida do possível, trabalhadores sociais profissionalmente qualificados para postos de trabalho social em casas de acolhimento. Quando se prove impossível recrutar pessoas qualificadas, os nomeados devem apenas exercer a função temporariamente, de forma a que o cargo possa ser ocupado por pessoas devidamente qualificadas, na medida em que estas estejam disponíveis para trabalhar. É essencial que as autoridades responsáveis procurem assegurar que não apenas todos os profissionais das casas de acolhimento de crianças são profissionalmente qualificados, mas também que todos os profissionais tenham oportunidades para continuar a desenvolver as suas competências de trabalho com crianças e famílias. Todos os trabalhadores sociais devem ser avaliados sobre a sua competência e os dirigentes do trabalho social em casas de acolhimento devem manter as necessidades de formação individual dos profissionais em constante avaliação."



2.2.3. Spain

In Spain, according to the Child Juridic Protection Organic Law (Ley Orgánica de Protección Jurídica del Menor), Article 12: Children's protection by public powers is done through prevention and intervention in risk situation, establishing the appropriate services to attain the goals, assuming custody and, in case of abandonment, to assume custody by law.

In order to implement this law, residential hosting is a temporary protection measure created for children/youth who are abandoned or victims of abuse and it provides an adequate education, according to the specific needs of the child/youngster. It provides all the necessary care to a good evolution and development and it aims to promote young people's familiar and social integration (Fuertes, 2015).

In keeping with the Constitution of 1978, Chapter III: the law regulating care settings is the Law 21/1987 of November 11th Article 172. It is dedicated to protect children at risk, which is, a situation in which children are not receiving an adequate protection, and moral or material support, established by law. Public entities only assume responsibility for the child when necessary and when a judge decides it. The aim is to reintegrate the child in his/her own family and, regarding his/her own sake; brothers can be hosted in the same institution. The Article 173.1. states that hosting entities must provide all the basic care and education to these children, and the Article 174 states that the Ministerio Fiscal is responsible for supervising children's tutelage, care hosting and guard, at least every 6 months, and the public entities must carry out their responsibilities with the children under their protection as well as keeping the Ministerio Fiscal informed about relevant issues.²³

²³Information available at: <http://www.boe.es/boe/dias/1987/11/17/pdfs/A34158-34162.pdf>

[ES]

2.2.3. España

En España, de acuerdo con la Ley Orgánica de Protección Jurídica del niño (Ley Orgánica de Protección Jurídica del Menor), Artículo 12: "La protección de los menores por los poderes públicos se realizará mediante la prevención, detección y reparación de situaciones de riesgo, con el establecimiento de los servicios y recursos adecuados para tal fin, el ejercicio de la guarda y, en los casos de declaración de desamparo, la asunción de la tutela por ministerio de la ley".

Con el fin de poner en práctica esta ley, el alojamiento residencial es una medida de protección temporal creada para los niños/as y jóvenes que son abandonados o son objetos de abuso y que proporciona una educación adecuada, de acuerdo con las necesidades específicas del menor. Esta medida proporciona todo el cuidado necesario para una buena evolución y desarrollo y su objetivo es promover la integración familiar y social de jóvenes en riesgo (Fuertes, 2015).

De acuerdo con la Constitución de 1978, Capítulo III: la ley que regula los centros de atención es la Ley N° 21/1987, del día 11 de noviembre del artículo 172. Su objetivo es proteger a los menores en situación de riesgo, es decir, de situaciones en la que los menores no están recibiendo una protección adecuada o les falta el apoyo moral o material establecido por la ley. Las entidades públicas solamente asumen la guarda y custodia del menor cuando sea estrictamente necesario y dictaminado por un juez o el Sistema de Protección a la Infancia. El objetivo principal es reintegrar al menor en su propia familia siempre buscando el bien de este, y se intenta que los hermanos sean alojados en la misma institución. El Artículo 173.1. Establece que las entidades de alojamiento deben proporcionar todos los cuidados básicos y educación para estos menores, y el artículo 174 establece que el Ministerio Fiscal es responsable de supervisar la tutela de los menores, su cuidado de alojamiento y seguridad, por lo menos cada 6 meses, y que las entidades públicas deben llevar a cabo sus responsabilidades con los menores bajo su protección, así como mantener al Ministerio Fiscal informado acerca de temas relevantes.²³

²³Información disponible en: <http://www.boe.es/boe/dias/1987/11/17/pdfs/A34158-34162.pdf>

[PT]

2.2.3. Espanha

Em Espanha, de acordo com a Lei Orgânica de Proteção Jurídica de Menores, Artigo 12: a proteção infantil (...) é feita através de prevenção e de intervenção em situações de risco, nomeando os serviços apropriados para atingir os objectivos estabelecidos, assumindo a guarda e, em caso de abandono, assumindo a custódia por lei.

De forma a implementar esta lei, o acolhimento institucional é uma medida de proteção temporária criada para crianças e jovens abandonados ou vítimas de abuso e disponibiliza acompanhamento educativo adequado, de acordo com as necessidades específicas da criança ou jovem. Disponibiliza ainda todo o cuidado necessário para um bom desenvolvimento da criança ou jovem e procura promover a sua integração social e familiar (Fuertes, 2015).

Segundo a Constituição de 1978, Capítulo III: a lei que regula as casas de acolhimento é a Lei 21/1987 de 11 de Novembro, Artigo 172. Esta lei refere-se à proteção de crianças em risco, ou seja, uma situação na qual a criança não está a receber proteção adequada e o apoio moral ou material, estabelecidos por lei. As entidades públicas assumem apenas responsabilidade pela criança quando necessário e quando um juiz o decide. O objetivo é reintegrar a criança na sua própria família e, considerando o seu interesse, os irmãos podem ser acolhidos na mesma instituição. O Artigo 173 alínea 1. define que as entidades de acolhimento devem prestar todos os cuidados e educação básica a estas crianças. E o Artigo 174 afirma que o Ministerio Fiscal é responsável por supervisionar a tutela das crianças, o acolhimento institucional e a guarda, pelo menos a cada 6 meses. As entidades públicas devem assumir as suas responsabilidades para com a criança sob sua proteção, bem como manter o Ministerio Fiscal informado sobre assuntos importantes.²³

²³Informação disponível em: <http://www.boe.es/boe/dias/1987/11/17/pdfs/A34158-34162.pdf>

Each community has its own way to organise residential settings in Spain, but CRS can be summarized in 5 types:

- **Residences or functional homes to prepare familiar hosting - to children aged between 6 and 14 years old;**
- **Residences or functional homes for familiar reintegration - for children/youth aged between 6 to 18 years old;**
- **Residences of functional homes to promote autonomy and personal emancipation - for youth aged between 14 and 21 years old;**
- **Small residences or nursery/kindergartens - for children aged between 0 to 6 years old;**
- **Residences or specific centres - for children/youth between 0 to 18 years old with special needs**

These types of residential settings present the following hosting alternatives:

Hosting homes for children aged between 0 to 3 years old - One of the main goals is to host these children with families, instead of hosting homes, however, it hasn't been easy to attain this goal because there are not much hosting families available which can fulfil the requirements and are ready to deal with children/youth with emotional and behavioural problems.

First host and emergency hosting - In case of an urgent need to separate children from their family and provide them with a safe environment. Protection measures can then be extended to long term.

Familiar hosting - Hosting centres for children and youngsters with different ages, that provide a familiar protection environment.

Hosting places that aim to prepare adolescents for independence - Usually apartments integrated with the community. It's directed at situations in which reintegration within the origin family is not possible. Adolescents live together in apartments and they have a basic contact and support from youth protection staff.

Centres for adolescents with emotional and behavioural problems – For young people who present severe problems in dealing with peers and can put their own health and their peers' health at risk. These hosting places can be small independent houses and only a few adolescents are hosted per house. A bigger number of professionals than in other hosting centres work with them and psychological support is provided.

[ES]

En cada Comunidad Autónoma Los centros de Acogimiento residencial se organizan de forma diferente, sin embargo, podemos destacar 5 tipos de CAR en España:

- Residencias u hogares funcionales destinados al acogimiento familiar - a los menores de edades comprendidas entre los 6 y 14 años de edad;
- Residencias u hogares funcionales destinadas a la reintegración - para niños/as y jóvenes con edades comprendidas entre los 6 y 18 años de edad;
- Residencias de hogares funcionales destinadas a promover la autonomía y emancipación personal - para los jóvenes con edades comprendidas entre los 14 y 21 años de edad;
- Las pequeñas residencias o casas infantiles / jardines de infancia - para niños/as de edades comprendidas entre los 0 y 6 años de edad;
- Residencias o centros específicos - para menores de entre 0 y 18 años de edad con necesidades especiales.

Estos tipos de entornos residenciales presentan las siguientes alternativas de alojamiento:

Residencias hogares para menores de edades comprendidas entre 0 y 3 años de edad Uno de los objetivos principales es acoger a estos niños/as con familias, en lugar de recibirlas en hogares de acogida, sin embargo, este no es fácil de alcanzar, debido a la poca disponibilidad de familias con alojamientos disponibles que cumplan con los requisitos y dispuestos a tratar a los niños/as y jóvenes con problemas emocionales y de comportamiento.

Residencias de primer lugar de acogida y de alojamiento de emergencia - En caso de una necesidad urgente de separar a los niños de sus familias y proporcionarles un entorno seguro. Las medidas de protección pueden ser ampliadas a largo plazo.

Residencias familiares - centros de alojamiento para niños/as y jóvenes de diferentes edades que proporcionan un entorno de protección familiar.

Residencias que tienen como objetivo preparar a los adolescentes para la independencia, Centros de Enmacipación - Por lo general, se trata de apartamentos integrados con la comunidad. Se lleva a cabo en situaciones en las que no es posible la reintegración dentro de la familia de origen. Los adolescentes viven juntos en apartamentos y reciben un apoyo directo del personal de protección a la infancia.

Centros para adolescentes con problemas emocionales y de comportamiento - Para jóvenes que presentan graves problemas en el trato con sus compañeros y pueden poner su propia salud y la de sus compañeros en riesgo. Estos lugares de alojamiento se organizan en pequeñas casas independientes en la que se alojan muy pocos adolescentes por casa. Estos centros cuentan con un mayor número de profesionales que el resto e incluyen apoyo psicológico.

[PT]

Cada região tem uma forma específica de organizar o sistema de acolhimento mas no geral existem 5 tipos de casas de acolhimento em Espanha:

- Residências funcionais para preparar o acolhimento familiar - para crianças com idades entre os 6 e os 14 anos;
- Residências ou casas funcionais para reintegração familiar - para crianças ou jovens com idades entre os 6 e os 18 anos;
- Residências ou casas funcionais para promover a autonomia e a emancipação individual - para jovens entre os 14 e os 21 anos de idade;
- Pequenas residências ou creches/infantários - para crianças entre os 0 e os 6 anos de idade;
- Residências ou centros específicos - para crianças ou jovens entre os 0 e os 18 anos de idade, com necessidades especiais.

Estes tipos de casas de acolhimento apresentam as seguintes modalidades: Casas de acolhimento para crianças entre os 0 e os 3 anos de idade - Um dos principais objectivos é acolher estas crianças em famílias, em vez de casas de acolhimento. Contudo, não tem sido fácil atingir este objetivo pois não estão disponíveis muitas famílias que preencham os requisitos necessários para esse efeito e que estejam preparadas para lidar com crianças ou jovens com problemas emocionais e comportamentais.

Primeiro acolhimento e acolhimento de emergência - Em caso de necessidade urgente de separar as crianças das suas famílias e proporcionar-lhes um ambiente seguro. Outras medidas de proteção podem depois ser aplicadas a longo prazo.

Acolhimento familiar - Centros de acolhimento para crianças e jovens com diferentes idades que propiciam um ambiente de proteção familiar.

Modalidades de acolhimento que visam preparar adolescentes para sua independência - Normalmente apartamentos integrados na comunidade. É aplicável a situações em que a reintegração na família de origem não é possível. Os adolescentes vivem juntos em apartamentos, mantêm contacto e recebem apoio por parte das equipas de proteção de menores.

Centros para adolescentes com problemas emocionais e de comportamento - Para crianças e jovens que apresentam dificuldades graves em lidar com os pares e que podem colocar a sua saúde ou a dos seus pares em risco. Estes locais de acolhimento são geralmente pequenas casas independentes e poucos adolescentes são acolhidos por casa. Com estes adolescentes trabalham equipas com um maior número de profissionais do que outros centros de acolhimento e é-lhes proporcionado apoio psicológico.

Hosting places to foreign and unaccompanied children/youth - To those who come to Spain from other countries and without their family (mostly from north Africa). These hosting places were created because the number of this type of situation increased in the last years. The professionals involved are prepared to work with these kinds of cases and they know their languages and customs (Fuentes, 2015).

In Spain, the evolution of the number of young people under a protection measure is continuously changing. In 2011, about 41236 young people benefited from some type of protection measure. In Aragón, Galicia, La Rioja Y Melilla, tutelage or guardianship represents 50% of the measures applied.²⁴ In 2013, 35045 hosting measures were implemented, 38,2% (13401 cases) of them representing residential hosting and 61,8% (21644 cases) representing familiar hosting (Fuentes, 2015). And recently, a study demonstrated that the number of young people hosted in residential settings is diminishing (Magro, 2013). Generally, priority is given to temporary foster care versus residential care.

The average time of hosting with hosting families in Spain is 3,5 to 5 years.²⁵ And the average time in residential settings is diminishing, however, there are still many cases of children who are hosted for a long term, indefinite term or until they reach their independence (Magro, 2013).

Many situations can lead to institutionalization or other hosting measures:

- The birth family can't provide appropriate care for the child/young person for a period of time that can vary;**
- An adequate global development of the young people can't be provided;**
- Physical, sexual or psychological abuse or other forms of exploitation;**
- Institutionalized young people who are under administrative tutelage have contact with their biological family and cannot be adopted.**

²⁴Information available at: http://www.observatoriodelainfancia.msssi.gob.es/productos/pdf/Boletin_Infancia_14.pdf

²⁵Information available at: http://www.paidopsiquiatria.cat/archivos/Texto_acogida.pdf

[ES]

Residencias para extranjeros y menores no acompañados – Para jóvenes y niños/as que vienen a España desde otros países sin su familia (en su mayoría del norte de África). Estos lugares de alojamiento se crearon debido al incremento de este tipo de casos en los últimos años. Los profesionales involucrados están preparados para trabajar con estos casos y conocen sus lenguas y costumbres (Fuentes, 2015).

En España, la evolución del número de jóvenes bajo una medida de protección está cambiando continuamente. En 2011, alrededor de 41236 jóvenes se beneficiaron de algún tipo de medida de protección. En Aragón, Galicia, La Rioja y Melilla, la tutela o la guarda representaban el 50% de las medidas aplicadas.²⁴ En 2013, se llevaron a cabo 35.045 medidas de acogimiento, el 38,2% (13401 casos) en acogimiento residencial y el 61,8% (21644 casos) en acogimiento familiar (Fuentes, 2015). Estudios recientes muestran que el número de jóvenes acogidos en entornos residenciales está disminuyendo (Magro, 2013). El acogimiento familiar es una solución que permite a los niños y niñas integrarse en una familia de manera temporal, priorizando esta opción frente al acogimiento residencial.

El tiempo medio de alojamiento con familias de acogida en España es de 3,5 a 5 años²⁵ y el tiempo promedio en entornos residenciales es cada vez menor, sin embargo, todavía hay muchos casos de niños que están alojados por un plazo largo o indefinido hasta que alcancen su independencia (Magro, 2013).

Muchas situaciones pueden conducir a la institucionalización u otras medidas de alojamiento, por ejemplo:

- La familia de origen no puede proporcionar una atención adecuada al menor durante un período de tiempo (que puede variar);
- No se pueden proporcionar medidas adecuadas para el desarrollo global del menor;
- Existencia de abuso físico, sexual o psicológico u otras formas de explotación;
- Jóvenes bajo tutela administrativa que tienen contacto con su familia biológica y no son aptos para la adopción.

²⁴Información disponible en: http://www.observatoriodelainfancia.msssi.gob.es/productos/pdf/Boletin_Infancia_14.pdf

²⁵Información disponible en: http://www.paidopsiquiatria.cat/archivos/Texto_acogida.pdf

[PT]

Modalidade de acolhimento para crianças e jovens estrangeiros e não acompanhados Para aqueles que vêm para Espanha oriundos de outros países e sem as suas famílias (maioritariamente do norte de África). Esta modalidade de acolhimento foi criada dado o aumento deste tipo de situações nos últimos anos. Os profissionais envolvidos estão preparados para trabalhar com este tipo de casos e conhecem a língua materna e costumes das crianças (Fuentes, 2015).

Em Espanha, o número de crianças e jovens sob medidas de proteção está em constante mudança. Em 2011, cerca de 41 236 crianças e jovens beneficiaram de algum tipo de medida de proteção. Em Aragão, Galícia, La Rioja e Melilla, a tutela ou guarda representa 50% das medidas aplicadas.²⁴ Em 2013, 35 045 medidas de acolhimento foram implementadas, 38,2% destas (13 401 casos) constituiram acolhimento institucional e 61,8% (21 644 casos) tomaram a forma de acolhimento familiar (Fuentes, 2015). Recentemente, um estudo indicou que o número de crianças e jovens acolhidos em casas de acolhimento institucional estava em queda (Magro, 2013). Geralmente é dada prioridade ao acolhimento temporário e não ao acolhimento residencial.

O tempo médio de acolhimento em famílias é de 3,5 a 5 anos.²⁵ O tempo médio em casas de acolhimento tem vindo a diminuir, todavia, existem ainda muitos casos de crianças institucionalizadas a longo prazo, prazo indefinido ou até atingirem a sua independência (Magro, 2013).

Várias situações podem levar à institucionalização ou a outras medidas de acolhimento:

- A família de origem não pode proporcionar um cuidado adequado à criança ou jovem durante um período de tempo variável;
- Não pode ser proporcionado à criança ou jovem um ambiente adequado ao seu desenvolvimento global;
- Abuso físico, sexual ou psicológico ou outras formas de exploração;
- As crianças ou jovens institucionalizados têm contacto com a sua família biológica e não podem ser adoptados.

²⁴Informação disponível em: http://www.observatoriodelainfancia.msssi.gob.es/productos/pdf/Boletin_Infancia_14.pdf

²⁵Informação disponível em: http://www.paidopsiquiatria.cat/archivos/Texto_acogida.pdf

According to Bravo & Vale (2009) the main reasons for institutionalization in Spain are negligence and parental incapacity to control their child/youngster behaviour.

Physical neglect and impossibility to care are the most common reasons to host young people with hosting families (40%), followed by renunciation and abandonment (22%) and voluntary tutelage (17-19%). More boys than girls live in residential settings and it's usual to find young people with different nationalities in such settings. Children under 6 years old have a higher probability for national adoption. Children aged between 6 to 15 years old usually benefit from hosting measures and commonly, youngsters with 15 years old or more are hosted in residential settings.²⁶ Therefore, young people in residential settings usually are not very young and have more health problems and disabilities, especially intellectual, but also behavioural problems and low academic achievement (Magro, 2013).

Professionals who work in residential settings with young people include: social educators, social integration technicians, psychologists, social workers and other staff. Staff may face some difficulties to competently manage problematic behaviour and to maintain a safe environment. Moreover, there's a need to promote affective bonds and support between adults and peers, as well as a need to improve the quality of the provided care in residential settings, especially regarding professional aptitudes, selection, training and supervision of staff responsible for the young people care. Their role and duties must be clearly defined.²⁷

²⁶Information available at:
[http://www.serviciossocialescantabria.org/uploads/documentos%20e%20informes/05.Manual%20Cantabria%20\(ACOG.RESIDENCIAL\).abr2008.pdf](http://www.serviciossocialescantabria.org/uploads/documentos%20e%20informes/05.Manual%20Cantabria%20(ACOG.RESIDENCIAL).abr2008.pdf)

²⁷Information available at: <http://www.sos-childrensvillages.org/getmedia/1f195540-ec19-4f25-903f-223f5d5fbef2/101214-UN-Guidelines-sp-web.pdf>

[ES]

Según Bravo & Vale (2009) las principales razones de institucionalización en España son la negligencia e incapacidad de los padres para controlar el comportamiento de sus hijos.

La negligencia física y la imposibilidad de una atención adecuada son las razones más comunes que llevan a derivar a los jóvenes con familias de acogida (40%), seguido de la renuncia y el abandono (22%) y la tutela voluntaria (17-19%).

Es más frecuente que sean niños (frente a niñas) los que viven en entornos residenciales y es habitual encontrar jóvenes de diferentes nacionalidades. Los niños/as menores de 6 años de edad tienen una mayor probabilidad de adopción. Los niños/as de edades comprendidas entre los 6 y 15 años de edad por lo general se benefician de medidas de alojamiento familiar y los jóvenes con 15 años de edad o más se alojan en entornos residenciales.²⁶ Por lo tanto, los jóvenes en entornos residenciales suelen ser mayores y tienen más problemas de salud y discapacidades, especialmente intelectuales, incluyendo también problemas de conducta y bajo rendimiento académico (Magro, 2013).

De entre los profesionales que trabajan en entornos residenciales con jóvenes se encuentran: educadores sociales, técnicos de integración social, psicólogos, trabajadores sociales y otros miembros del personal. El personal tiene que enfrentarse con algunas dificultades para gestionar de manera competente el comportamiento problemático de los menores y para mantener un ambiente seguro. Por otra parte, es necesario promover vínculos afectivos y de apoyo entre los educadores y menores, así como mejorar la calidad de la atención recibida en entornos residenciales, especialmente con respecto a las aptitudes profesionales, y selección, formación y supervisión del personal responsable de la atención al joven. Su papel y funciones deben ser claramente definidas.²⁷

²⁶Información disponible en:

[http://www.serviciossocialescantabria.org/uploads/documentos%20e%20informes/05.Manual%20Cantabria%20\(ACOG.RESIDENCIAL\).abr2008.pdf](http://www.serviciossocialescantabria.org/uploads/documentos%20e%20informes/05.Manual%20Cantabria%20(ACOG.RESIDENCIAL).abr2008.pdf)

²⁷Información disponible en: <http://www.sos-childrensvillages.org/getmedia/1f195540-ec19-4f25-903f-223f5d5fbef2/101214-UN-Guidelines-sp-web.pdf>

[PT]

De acordo com Bravo e Valle (2009), as principais razões para a institucionalização em Espanha são a negligência e a incapacidade dos pais para controlar o comportamento dos filhos.

A negligência física e a impossibilidade de cuidar são as principais razões para o acolhimento familiar de crianças e jovens (40%), seguidas pela renúncia e abandono (22%) e pela tutela voluntária (17-19%). Mais rapazes do que raparigas vivem em casas de acolhimento e é comum encontrar nestes contextos, crianças e jovens de diferentes nacionalidades. As crianças com menos de 6 anos de idade têm uma maior probabilidade de serem adoptadas nacionalmente. As crianças entre os 6 e os 15 anos normalmente beneficiam de medidas de acolhimento e os jovens com 15 anos ou mais são acolhidos em instituições.²⁶ Assim sendo, as crianças e jovens em casas de acolhimento tipicamente não são muito novas e apresentam mais problemas de saúde, dificuldades, especialmente intelectuais, problemas comportamentais e baixo desempenho académico (Magro, 2013).

Relativamente às equipas que trabalham em CACJ estas podem incluir: educadores sociais, técnicos de integração social, psicólogos, trabalhadores sociais entre outros. Os profissionais podem deparar-se com algumas dificuldades para gerir de forma competente comportamentos problemáticos e para manter um ambiente seguro. Mais ainda, existe a necessidade de promover as ligações afetivas e os sistemas de apoio entre adultos e pares, assim como a necessidade de melhorar a qualidade do cuidado proporcionado em casas de acolhimento, com especial ênfase nas atitudes profissionais e na seleção, formação e supervisão dos profissionais responsáveis pela prestação de cuidados a crianças e jovens. O seu papel e os seus deveres devem ser claramente definidos.²⁷

²⁶Informação disponível em:

[http://www.serviciossocialescantabria.org/uploads/documentos%20e%20informes/05.Manual%20Cantabria%20\(ACOG.RESIDENCIAL\).abr2008.pdf](http://www.serviciossocialescantabria.org/uploads/documentos%20e%20informes/05.Manual%20Cantabria%20(ACOG.RESIDENCIAL).abr2008.pdf)

²⁷Informação disponível em: <http://www.sos-childrensvillages.org/getmedia/1f195540-ec19-4f25-903f-223f5d5fbef2/101214-UN-Guidelines-sp-web.pdf>

According to the HofE partner, Asociación Hechos, each child or young person who is living in care settings, residences or reference centres, has an educator who will support him or her in his or her entry. This educator will also monitor and evaluate their development throughout their stay, by offering the child or young person psychosocial support and by listening, motivating and encouraging them to develop and improve their skills, as well as reduce disruptive behaviours that may be hindering the proper development of the child at a personal, emotional and social level. Therefore, objectives are set based on their individual needs so that they acquire skills, enabling them to better adapt into their new daily lives. At the homes, educators' work to provide the well-being of children and young people working with them all the areas needed to ensure the child's physical security (social care, health checks, nutrition) and social habits (acquire good social skills and develop contexts that promote positive relationships with their peers). They also ensure school safety, establishing a direct communication with the teachers of the child and offering educational support and constantly establishing emotional bonds that give security to cope successfully with all the areas mentioned previously. Sometimes, the fulfilment of these objectives is difficult due to the high percentage of children who drop out school early and the curricular difficulties these children have make the child feel unable to take the course forward. If we consider the lack of emotional stability that young people have, it is difficult to feel motivated, so the educator works to develop education, constancy and other aspects.

[ES]

Cada uno de los niños y/o jóvenes que se encuentra viviendo en los hogares funcionales, residencias o centros tiene de referencia un educador, quien le apoyará desde su entrada a través de un seguimiento y evaluaciones que se van realizando a lo largo de su estancia. Se les ofrece apoyo psicosocial, favoreciendo la escucha, motivando y animando al niño/a y/o joven a desarrollar y mejorar sus competencias, así como reducir todas aquellas conductas que sean disruptivas para el menor y que puedan estar frenando el correcto desarrollo del joven a nivel personal, afectivo y social. Por ello se establecen unos objetivos, atendiendo a las necesidades de cada uno de ellos, con el fin de que éstos, adquieran habilidades, que les permitan una buena adaptación e integración en su día a día. Desde el hogar, los educadores trabajan para proporcionar el bienestar de los menores de los que por diferentes motivos, las instituciones asumen sus tutelas, trabajando con ellos todas las áreas, donde al menor se le garantice seguridad física (atención sanitaria, revisiones médicas, establecer buenos hábitos alimenticios) y psicosocial (adquirir buenas habilidades sociales, desarrollar contextos que favorezcan las relaciones positivas, centros cívicos donde se relacionen con sus iguales), y favorezca el acercamiento con otros niños que acuden a su mismo colegio; garantizarle también seguridad escolar, estableciendo una coordinación directa con los profesores del menor, ofreciendo apoyo escolar, y estableciendo de manera constante vínculos afectivos que le den seguridad para afrontar con éxito todas las áreas anteriormente nombradas.

En ocasiones, el cumplimiento de los objetivos, resulta complicado, pues un alto porcentaje de los menores abandona los estudios a temprana edad, las dificultades curriculares que estos menores presentan, hace que el menor se sienta incapaz de sacar el curso adelante, y si tenemos en cuenta la falta de estabilidad emocional de estos jóvenes, resulta complicado que se sientan motivados, por ello la educación y la constancia en éste y otros aspectos son tareas que el educador trabajará con ellos.

[PT]

De acordo com a Asociación Hechos, entidade parceira do projeto HofE, cada criança ou jovem a viver em CACJ tem um educador responsável pela sua integração. Este educador monitoriza e avalia o seu desenvolvimento, disponibilizando-lhe apoio psicosocial através do diálogo, motivando-o e encorajando-o a desenvolver e a melhorar as suas competências e a reduzir comportamentos disruptivos que possam por em causa o seu desenvolvimento pessoal, emocional e social. Para isso, são definidos objetivos de aprendizagem com base nas necessidades individuais de cada um para que possam adaptar-se às novas rotinas. Nas CACJ, os educadores desempenham as tarefas necessárias para garantir o bem-estar dos menores tanto a nível físico (saúde, nutrição) como a nível social (aquisição de competências pessoais e sociais que promovam relações positivas com os seus pares). Os educadores, asseguram ainda o contacto direto com os professores e oferecem apoio escolar para além do apoio emocional necessário para garantir que a criança consegue gerir eficazmente todas as áreas acima mencionadas. Por vezes, o cumprimento destes objetivos é dificultado pela grande percentagem de crianças que abandonam a escola ou pelo nível de dificuldade curricular que não permite à criança avançar na aprendizagem. Acrescendo a estes fatores a instabilidade emocional de muitas destas crianças, é difícil manter a sua motivação. Por isso o educador trabalha no sentido de promover a aprendizagem e a resiliência entre outros aspetos.



2.2.4 Portugal

According to APAV²⁸ Portugal follows national and international protection guidelines, regarding young people's safety. These guidelines are: the United Nations convention on children's rights; the children's protection and international adoption cooperation convention; the EU directive against sexual abuse and exploitation and child pornography; the European Council convention about children's sexual abuse and exploitation; the European convention on children's rights; the European Council recommendations for strategies to protect young people from violence; the Portuguese Republic Constitution; the Civil Code; the young people tutelage organization; the Law to protect young people at risk; the educative tutelage law, the Penal Code, the Penal Process Code; and law to protect witnesses (APAV, 2011).

The Law of Protection of young people at Risk, in Portugal, intervenes when children or youth until 18 years old are in danger, concerning their safety, health, education or development (Carvalho, 2013).

A young person is considered to be at risk in the cases of: abandonment; physical, psychological or sexual abuse; not receiving appropriate care or affection, according to age and personal situation; child work exploitation; danger that compromises the right to education; exposure to behaviours that severely affect the young person's safety or emotional health; practice of behaviours or activities that severely affect the young person's health, safety, education or development and the parents/guardians do not take appropriate measures to solve it; negligence; begging practice; and committing a crime.

To protect young people at risk, Portugal also follows some general principles: intervention prioritizes young people's rights and interests; privacy; early intervention; intervention is minimal (essential action to protect young people and their rights), necessary and adequate to the situation; parental responsibility is greatly stimulated; it prioritizes integration of young people in their own family or promotes their adoption; young people and parents/guardians shall be informed of their own rights, causes for intervention and what it involves, as well as the right to be heard and participate in the promotion of rights and protection; intervention must be carried out by young people competent entities, young people protection commissions and courts.

[ES]

2.2.4 Portugal

De acuerdo con APAV²⁸ Portugal sigue las medidas nacionales e internacionales de protección respecto a la seguridad de los jóvenes. Estas medidas son: la Convención de las Naciones Unidas sobre los derechos del Niño; la Convención y Cooperación Internacional de Protección del Niño; la directiva de la UE contra el abuso, la explotación sexual y la pornografía infantil; la Convención del Consejo Europeo sobre el abuso y la explotación sexual de los niños; la Convención Europea sobre los Derechos del Niño; las recomendaciones del Consejo Europeo de estrategias para proteger a los jóvenes de la violencia; la Constitución de la República Portuguesa; el Código Civil; la Organización de Tutela para jóvenes; la Ley para proteger a los jóvenes en situación de riesgo; la ley de tutela educativa, el Código Penal, el Código de Procedimiento Penal; y la ley para proteger a los testigos (APAV, 2011).

La Ley de Protección de Jóvenes en Situación de Riesgo, interviene cuando los niños/as o jóvenes hasta 18 años de edad están en peligro en relación con su seguridad, salud, educación o desarrollo (Carvalho, 2013).

Se considera que un joven está en riesgo en caso de: abandono; abuso físico, psicológico o sexual; no recibir atención o el afecto apropiado; explotación de trabajo infantil; peligro de comprometer el derecho a la educación; exposición a conductas que afectan gravemente la seguridad de la persona joven o la salud emocional; la práctica de conductas o actividades que afectan gravemente la salud, seguridad, educación o desarrollo del joven y los padres o tutores no toman las medidas adecuadas para resolverlo; negligencia y/o la comisión de un delito.

Para proteger a los jóvenes en riesgo, Portugal sigue algunos principios generales: la intervención da prioridad a los derechos e intereses de los jóvenes; privacidad; intervención temprana y adaptable a las necesidades del joven y a su situación determinada (acción esencial para proteger a los jóvenes y sus derechos); se estimula la responsabilidad parental en gran medida; se da prioridad a la integración de los jóvenes en su propia familia o se promueve su adopción; los jóvenes y los padres/tutores son informados de sus propios derechos, las causas de la intervención y lo que esta implica, así como el derecho a ser oído y a participar en la promoción sus derechos y protección; la intervención debe ser realizada por entidades competentes, la comisión de protección al menor y el tribunal.

²⁸APAV es la Asociación Portuguesa para el apoyo a las víctimas.

[PT]

2.2.4 Portugal

Segundo a APAV²⁸, Portugal segue linhas orientadoras de proteção, nacionais e internacionais, relativamente à proteção de crianças e jovens. Estas linhas orientadoras são: a convenção da Organização das Nações Unidas sobre os direitos das crianças; a convenção sobre a proteção infantil e sobre a adoção internacional; a diretiva da UE contra o abuso sexual, a exploração e a pornografia infantil; a convenção do Conselho Europeu sobre a exploração e o abuso sexual de crianças; a convenção Europeia sobre os direitos das crianças; as recomendações do Conselho Europeu (2009) sobre estratégias de proteção de crianças e jovens contra a violência; a Constituição da República Portuguesa; o Código Civil; a organização de tutela de crianças e jovens; a Lei de proteção de crianças e jovens em risco; a lei de tutela educativa, o Código Penal, o Código de Procedimento Penal; e a lei de proteção de testemunhas (APAV, 2011).

A Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Risco, em Portugal, é aplicada quando crianças e jovens até aos 18 anos de idade se encontram em situação de perigo que coloque em causa a sua segurança, saúde, educação ou desenvolvimento (Carvalho, 2013).

Uma criança ou jovem é considerado em situação de risco nos seguintes casos: abandono; abuso físico, psicológico ou sexual; quando não recebe o apoio ou afeto apropriados, tendo em conta a sua idade e situação pessoal; exploração laboral infantil; perigo que comprometa o direito à educação; exposição a comportamentos que afetam gravemente a segurança ou a saúde emocional da criança ou jovem; prática de comportamentos ou atividades que afetam gravemente a saúde, segurança, educação ou desenvolvimento da criança ou jovem e os pais/responsáveis pela guarda não tomam medidas adequadas para o resolver; negligéncia; mendicidade; e prática de crime.

De modo a proteger as crianças e jovens em risco, Portugal segue ainda alguns princípios gerais: interesse superior da criança ou jovem; privacidade; intervenção precoce; intervenção mínima (ação essencial de proteção do menor e dos seus direitos), necessária e adequada à situação; a responsabilidade parental é fortemente estimulada; a integração da criança ou jovem na sua família de origem ou a promoção da sua adoção é uma prioridade; as crianças e jovens e os seus pais/responsáveis pela guarda devem ser informados acerca dos seus direitos, motivos de intervenção e o que esta envolve, bem como têm direito a serem ouvidos e a participar na promoção dos seus direitos e proteção; a intervenção deve ser conduzida por entidades competentes ligadas a crianças e jovens, comissões de proteção de crianças e jovens e tribunais.

²⁸Associação de Apoio à Vítima.

²⁸APAV is the Portuguese Association for Victim Support.

The national hosting system for children and youth at risk is organized in 3 different sections: emergency hosting (urgent and transitory hosting for dangerous situations, that mustn't be longer than 48 hours); temporary hosting (temporary hosting centres or hosting families for young people who must be temporarily separated from their family, usually 6 months but it can be longer); and prolonged hosting (when all resources and intervention possibilities with families are already exhausted - young people are hosted in young people homes and hosting may be definitive in these cases) (Carvalho, 2013).

The life projects for young people in residential settings in Portugal aim for autonomy (32%), reintegration within nuclear family (30%), adoption (10,5%), permanent hosting (8%), reintegration within extended family (5,5%) and, rarely, to the civil godparent system (Instituto da Segurança Social, 2015).

Residential settings include Temporary Hosting Centres; Young People's Homes and Autonomy Apartments. Temporary Hosting Centres host young people until 18 years old, for less than 6 months. Young People's Homes host children and youngsters, until 18 years old for more than 6 months. Autonomy Apartments host youngsters with 15 years old or more to support their transition to adult life. Temporary Hosting Centres and Young People's Homes must host 12 to 30 children and youngsters, distributed by units with a maximum capacity for 15 young people.

Hosting institutions must have a multidisciplinary team, including psychology, social service and education and they are required to collaborate with other professionals (e.g. medicine, law and also, for Young People's Homes, free time organization). The social safety services recommend that Temporary Hosting Centres and Young People's Homes that host 30 children/youngsters, have: one Social Service Technician, one Psychologist, 2 Social Educators, 18 Educational/Care Assistants, one Cook and 3 General Service Assistants. Services in temporary hosting centres and Young People's Homes involve: hosting; diagnostic evaluation and Socio Educative Individual Plans; Educative Projects to organize and manage activities; special care; feeding and nutrition. Hosting young people at risk aims to: protect them from dangerous situations, promote their well-being and their global developmental and educational needs, and guarantee their physical and psychological recuperation (Carvalho, 2013).

[ES]

El sistema nacional de acogida para menores en riesgo se organiza en 3 secciones diferentes: acogimiento de emergencia (alojamiento urgente y transitorio por situaciones peligrosas, este no debe superar las 48 horas); acogimiento temporal (centros de acogimiento temporal para menores que deben separarse de sus familias temporalmente, generalmente un máximo de 6 meses, aunque podría alargarse); acogimiento prolongado (en caso de que se agoten todos los recursos e intervenciones posibles con las familias, los menores son acogidos en centros de acogida) (Carvalho, 2013).

Los planes de actuación para los jóvenes en entornos residenciales en Portugal tienen como objetivo fomentar la autonomía (32%), la reintegración en la familia nuclear (30%), la adopción (10,5%), el alojamiento permanente (8%), la reintegración dentro de la familia extensa (5,5%) (Instituto da Segurança Social, 2015).

Los Centros de Acogimiento incluyen Centros de Acogida Transitoria, Centros de menores y Apartamentos para fomentar la autonomía de los jóvenes. Centros de Acogida Transitoria reciben a jóvenes hasta los 18 años de edad por un periodo menor de 6 meses; los Centros de Menores acogen a jóvenes hasta los 18 años de edad durante más de 6 meses; y los Apartamentos para fomentar la autonomía de los jóvenes acogen a jóvenes de 15 años o más para ayudarles en su transición a la vida adulta.

Las instituciones de acogida deben tener un equipo multidisciplinar que incluya servicio de psicología, servicio social y educación y que colabore con otros profesionales pertinentes. Los servicios de seguridad social recomiendan que los Centros de Acogida Transitoria y Centros de Menores que alojan 30 niños/as y jóvenes cuenten con un técnico de servicio social, un psicólogo, 2 educadores sociales, 18 Asistentes de Educación y Cuidado, un cocinero y 3 auxiliares de servicios generales. Los servicios en centros de alojamiento temporal y de menores implican: alojamiento, evaluación de diagnóstico, planes individuales socio educativos, proyectos educativos para organizar y gestionar las actividades, cuidado especial, alimentación y nutrición. Acoger a jóvenes en situación de riesgo tiene como objetivo: protegerlos de situaciones peligrosas, promover su bienestar y sus necesidades de desarrollo y educativas globales, y garantizar su recuperación física y psicológica (Carvalho, 2013).

[PT]

O sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens em risco está organizado em 3 diferentes secções: acolhimento de emergência (acolhimento urgente e transitório em situações de perigo, que não deve prolongar-se mais que 48 horas); acolhimento temporário (centros de acolhimento temporário ou famílias de acolhimento para crianças e jovens que precisam ser temporariamente separados da sua família - tipicamente 6 meses, podendo prolongar-se); e acolhimento prolongado quando foram esgotadas todas as possibilidades com as famílias - as crianças ou jovens são alojados em CACJ e, nestes casos, o acolhimento pode ser definitivo (Carvalho, 2013).

Os projetos de vida para crianças e jovens em casas de acolhimento em Portugal têm por objetivo a autonomia (32%), a reintegração na família nuclear (30%), a adoção (10,5%), o acolhimento permanente (8%), a reintegração na família alargada (5,5%) ou, mais raramente, integração no sistema civil de apadrinhamento (Instituto da Segurança Social, 2015).

As respostas sociais de acolhimento incluem Centros de Acolhimento Temporário, Lares de Infância e Juventude e Apartamentos de Autonomização. Os Centros de Acolhimento Temporário acolhem crianças e jovens até aos 18 anos, por menos de 6 meses. Os Lares de Infância e Juventude acolhem crianças e jovens até aos 18 anos de idade por mais de 6 meses. E os Apartamentos de Autonomização acolhem jovens com 15 anos ou mais com a finalidade de lhes dar apoio na sua transição para a vida adulta. Os Centros de Acolhimento Temporário e os Lares de Infância e Juventude acolhem entre 12 e 30 crianças e jovens, distribuídos por unidades com capacidade máxima para 15 pessoas.

As instituições de acolhimento devem dispor de uma equipa multidisciplinar, incluindo psicólogos, assistentes sociais e educadores e devem colaborar com outros profissionais (da área da Medicina, do Direito e, nos casos dos Lares de Infância e Juventude, da Organização de Tempos Livres). Os serviços da Segurança Social recomendam que os Centros de Acolhimento Temporário e Lares de Infância e Juventude que acolhem 30 crianças/jovens, empreguem: um Técnico de Serviço Social, um Psicólogo, 2 Educadores Sociais, 18 Auxiliares de Ação Educativa, um Cozinheiro e 3 Auxiliares de Serviços Gerais. Os serviços prestados em centros de acolhimento temporário envolvem: acolhimento, avaliação diagnóstica e realização de Planos Socioeducativos Individuais, Projetos Educativos para organizar e gerir atividades, cuidados especiais, alimentação e nutrição. O acolhimento de crianças e jovens em risco tem como finalidade: proteger as crianças de situações de risco, promover o seu bem estar, o seu desenvolvimento global e dar resposta a necessidades educativas garantindo a sua recuperação física e psicológica (Carvalho, 2013).

In 2011, the number of young people under protection measures in Portugal was 11572. 65% of them were hosted in young people's Homes and the others were hosted in Temporary Hosting Centres and Familiar Hosting among others (Gaspar, 2013).

In 2014, about 8470 young people were institutionalized and a great number of hosting institutions are still big, hosting an average of 40 children (Instituto da Segurança Social, 2015). The rate of institutionalized young people seems to be growing since 2009, reaching 9.8% in 2011. Most of these children are 11 to 14 years old and 0 to 5 years old. In 2012, 88.8% of institutionalized children in Portugal were hosted in Temporary Hosting Centres and young people's Homes, 4.8% were hosted with hosting families, 0.4% were hosted in autonomy apartments, 0.9% were hosted in residential homes, 1.3% were hosted in support life centres, 0.8% were hosted in emergency hosting units and 1.2% were hosted in therapeutic communities (Carvalho, 2013).

Prolonged institutionalization still exists in Portugal. In 2012, 45.4% of young people had been institutionalized for a year or less, 33.8% were institutionalized for 4 or more years and 20.8% for 2 or 3 years. Moreover, 16.9% of young people were hosted for 7 or more years in 2012 (Carvalho, 2013).

In 2014, the main reasons that lead to institutionalization were: lack of supervision and family monitoring (60%), exposure to parental models who disturb the young people's behaviour and development (35%), negligence regarding health (30%) and education care (32%), temporary absence of familial support (11.2%), practice of deviant behaviours (9.36%) and exposure to physical abuse (7.36%) (Instituto da Segurança Social, 2015).

In 2012, most of institutionalized young people were 15 to 17 years old. The frequency regarding group ages was as follows, in a decreasing order: 15-17, 12-14, 6-9, 18-21, 0-3, 10-11 and 4-5 years old. Young people aged between 12 to 21 years old represented 65.9% of hosting situations, the group aged 0 to 5 years old represented 13.9% and the group aged 6 to 11 years old represented 20.1% (Carvalho, 2013).

[ES]

En 2011, el número de menores bajo medidas de protección en Portugal era de 11572. El 65% de ellos fueron alojados en Centros de menores y los demás fueron recibidos en Centros de Alojamiento Temporal y alojamiento familiar (Gaspar, 2013).

En 2014, alrededor de 8470 jóvenes fueron institucionalizados, y hoy en día el número de institucionalizados sigue siendo elevado (Instituto da Segurança Social, 2015). La media de jóvenes institucionalizados parece estar creciendo desde 2009, alcanzando el 9,8% en 2011. La mayoría de estos niños/as tienen de 11 a 14 y de 0 a 5 años de edad. En 2012, el 88,8% de los niños institucionalizados en Portugal se alojaba Centros de Acogida Transitoria y Centros de Menores, el 4,8% fueron derivados a familias de acogida, el 0,4% se encontraban en apartamentos de autonomía, el 0,9% en centros de acogimiento residencial, 1,3% en centros de apoyo de vida, 0,8% en las unidades de alojamiento de emergencia y el 1,2% se encontraba alojado en comunidades terapéuticas (Carvalho, 2013).

En Portugal aún existe la institucionalización prolongada. En 2012, el 45,4% de los jóvenes había sido institucionalizado por un año o menos, el 33,8% había sido institucionalizado durante 4 años o más, el 20,8% por 2 o 3 años y el 16,9% por 7 años o más en 2012 (Carvalho, 2013).

En 2014, las razones principales que llevaron a la institucionalización fueron: falta de supervisión y monitoreo de la familia (60%), la exposición a modelos parentales que perturban el comportamiento y el desarrollo de los jóvenes (35%), la negligencia en materia de salud (30%) y atención de la educación (32%), ausencia temporal de apoyo familiar (11,2%), la práctica de conductas inapropiadas (9,36%) y abuso físico (7,36%) (Instituto da Segurança Social, 2015).

En 2012, la mayor parte de los jóvenes institucionalizados, tenían entre 15 y 17 años de edad.. Los jóvenes de edades comprendidas entre 12 y 21 años de edad representaban el 65,9% de situaciones de acogimiento, niños y niñas de 0 a 5 años de edad representaban el 13,9% y los niños/as menores de 6 a 11 años representaban el 20,1% (Carvalho, 2013).

[PT]

Em 2011, o número de crianças e jovens sob medidas de proteção em Portugal era de 11 572. 65% destas foram acolhidas em Lares de Infância e Juventude e as restantes foram acolhidas em Centros de Acolhimento Temporário e em regime de Acolhimento Familiar (Gaspar, 2013).

Em 2014, cerca de 8470 crianças e jovens foram institucionalizadas e há um grande número de instituições de acolhimento de grande dimensão, acolhendo uma média de 40 crianças (Instituto da Segurança Social, 2015). A taxa de menores institucionalizados parece estar em crescimento desde 2009, chegando aos 9,8% em 2011. A maioria destas crianças situava-se entre 11 e 14 anos de idade e entre os 0 e os 5 anos de idade. Em 2013, 88,8% das crianças e jovens institucionalizados em Portugal eram acolhidos em Centros de Acolhimento Temporário e em Lares de Infância e Juventude, 4,8% foram acolhidas por famílias, 0,4% foram acolhidas em apartamentos de autonomização, 0,9% foram acolhidas em casas residenciais, 1,3% foram acolhidas em centros de apoio à vida, 0,8% foram acolhidas em unidades de acolhimento de emergência e 1,2% foram acolhidas em comunidades terapêuticas (Carvalho, 2013).

A institucionalização prolongada é ainda uma realidade em Portugal. Em 2012, 45,4% dos menores estavam institucionalizados há um ano ou menos, 33,8% estavam institucionalizados há 4 ou mais anos e 20,8% há 2 ou 3 anos. Estes resultados revelam ainda que 16,9% dos menores estavam acolhidos há 7 ou mais anos (Carvalho, 2013).

Em 2014, as principais razões que levaram à institucionalização foram: falta de supervisão e acompanhamento familiar (60%), exposição a modelos parentais que perturbam o comportamento e desenvolvimento da criança (35%), negligência relativamente à saúde (30%) e à educação (32%), ausência temporária de apoio familiar (11,2%), existência de comportamentos desviantes (9,36%) e exposição a abuso físico (7,36%) (Instituto da Segurança Social, 2015).

Em 2012, a maioria das crianças e jovens institucionalizados tinham 15 a 17 anos de idade. O predomínio de grupos etários foi o seguinte, por ordem decrescente: 15-17, 12-14, 6-9, 18-21, 0-3, 10-11 e 4-5 anos de idade. As crianças ou jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos de idade representam 65,9% das situações de acolhimento, o grupo etário dos 0 aos 5 anos de idade representa 13,9% e o grupo situado entre os 6 e os 11 anos representa 20,1% (Carvalho, 2013).

Data from 2014 reveals that most of institutionalized young people in Portugal were, as well, aged between 15 to 17 years old, followed by the following age groups in a decreasing order: 12-14, 18-20, 4-5, 10-11, 0-3 and 6-9 years old. Among those aged until 14 years old, more boys (51.9%) than girls (48.1%) were hosted. And from 15 years old on, this tendency inverts. Among the 8470 young people institutionalized in 2014, 1160 present disturbed behaviours, especially between ages 15 to 17 years old and this is a higher value compared with 2013 data (Instituto da Segurança Social, 2015).

[ES]

Los datos de 2014 revelan que la mayoría de los jóvenes institucionalizados en Portugal eran de edades comprendidas entre 15 y 17 años, seguido de los siguientes grupos de edad en orden decreciente: 12-14, 18-20, 4-5, 10-11, 0-3 y 6-9 años de edad. Entre los niños/as menores de 14 años encontramos más varones (51,9%) que niñas (48,1%) y de los 15 años de edad en adelante, esta tendencia se invierte. Entre los 8470 jóvenes institucionalizados en 2014, 1160 presentaban comportamientos inapropiados, sobre todo entre las edades comprendidas entre los 15 y 17 (Instituto da Segurança Social, 2015).

[PT]

Dados de 2014 revelam que a maior parte das crianças e jovens institucionalizados em Portugal, nesse ano, tinham entre 15 e 17 anos de idade, seguidas pelos seguintes grupos etários, numa ordem decrescente: 12-14, 18-20, 4-5, 10-11, 0-3 e 6-9 anos. Entre aquelas até aos 14 anos de idade, mais rapazes (51,9%) do que raparigas (48,1%) encontravam-se em acolhimento, no entanto, a partir dos 15 anos, esta tendência invertia-se. Entre as 8470 crianças e jovens institucionalizados em 2014, 1160 apresentavam distúrbios de comportamento, sobretudo entre os 15 e os 17 anos, valor este que é superior ao dos dados de 2013 (Instituto da Segurança Social, 2015).



2.3 Bullying/Violence Among Peers in Children's Residential Centres

Research within the partner countries of the HoE project showed evidence that bullying is present in CRS and there is a need for more programs to address this phenomenon.

A consultation in England in 2009, for example, revealed that two thirds of children in care or living away from home said that bullying was getting worse. 14% mentioned that they were bullied 'often or most of the time', while other 20% were bullied sometimes (Ofsted's as cited in 4Children, 2009).

When bullying takes place in residential settings, there is an increased exposure to the perpetrators because they share the same accommodation. And given the easy access to personal information, the perpetrators can use it against their targets. They tend to harm, humiliate or control their subjects, aiming for rewards such as a sense of power and control, increased status within their peer group, emotional release, entertainment or material gain (e.g. food, cigarettes, clothes, sex).

This was also confirmed by Barter (2003, as cited in 4Children, 2009), who states that when children share the same living spaces hierarchies are formed and the struggle for power positions can be a constant. If staff rotates frequently or if supervision becomes limited by other factors, it becomes even more difficult for children to report bullying cases.

Moreover, according to the same publication, children in care might have gone through difficult family circumstances and may go through several placements as well. This process demands a capacity to constantly adapt to new people, new group dynamics and new spaces. This might create a feeling of instability and lack of safety that can, in turn, reveal itself in bullying behaviours as the child fights to find his/her place in each new context.

[ES]

2.3 Bullying/Violencia Entre Igualas en Centros de Acogimiento Residencial

La investigación realizada por los países asociados al proyecto HoE muestra evidencia del acoso presente en los Centros de Acogimiento Residencial y la gran necesidad de creación y desarrollo de programas relacionados con este fenómeno. Un estudio realizado en Inglaterra en 2009, reveló que el 14% de los niños y niñas mencionaron que estaban siendo acosados "a menudo o la mayor parte del tiempo", mientras que otro 20% afirmó ser acosado a veces (Ofsted's como se cita en 4children, 2009).

En entornos residenciales, el riesgo de bullying es alto debido a que autores y objetos de bullying comparten el mismo alojamiento, y teniendo en cuenta la facilidad de acceso a información personal y privada, los autores pueden usarla contra de sus objetos de bullying. Estos tienden a dañar, humillar y controlar a sus objetos de bullying en busca de poder y control, alivio emocional o entretenimiento, ganándose así cierto estatus entre el resto de sus compañeros.

Esto también fue confirmado por Barter (2003, citado en 4children, 2009), quien afirma que cuando los niños/as comparten el mismo espacio se forman jerarquías y la lucha por las posiciones de poder puede ser una constante. Si el personal rota con frecuencia o si la supervisión se ve limitada por otros factores, el acoso se hace aun más probable.

Por otra parte, de acuerdo con la misma publicación, los menores que viven en centros de acogida pueden haber pasado por diferentes centros, lo que exige una gran capacidad de adaptación constante a nuevas personas, nuevas dinámicas de grupo y nuevos espacios. Esto puede crear una sensación de inestabilidad y falta de seguridad que puede, a su vez, llevar a conductas de intimidación ya que el menor se encuentra en una lucha constante por encontrar a su lugar en cada nuevo contexto.

[PT]

2.3 Bullying/Violência Entre Pares em Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens

As pesquisas conduzidas nos países parceiros do projeto HoE encontraram evidências de que o bullying está presente em CACJ, havendo uma necessidade de mais programas que abordem este fenômeno.

Uma consulta de 2009 realizada na Inglaterra, por exemplo, revelou que dois terços das crianças em acolhimento ou a viver longe de casa afirmaram que o bullying estaria a intensificar-se. 14% mencionaram que foram alvo de bullying "muitas vezes ou a maior parte do tempo", enquanto que 20% sofreram "algumas vezes" (Ofsted's as cited in 4Children, 2009).

Quando o bullying acontece em CACJ, há uma exposição acrescida aos perpetradores pois partilham a mesma habitação e, dado o acesso fácil à informação pessoal, os perpetradores podem utilizá-la contra os seus alvos. Os perpetradores tendem a prejudicar, a humilhar ou a controlar os seus alvos, na busca de recompensas tais como a sensação de poder e controlo, estatuto elevado entre o grupo de pares, liberdade emocional, entretenimento ou ganhos materiais (como alimentos, cigarros, vestuário, sexo).

Estes factos foram também confirmados por Barter (2003, as cited in 4Children, 2009), que afirma que, quando as crianças partilham a mesma habitação, formam-se hierarquias e a luta por posições de poder pode ser constante. Quando há rotatividade na equipa, devido ao funcionamento por turnos, ou quando a supervisão é limitada por outros fatores, torna-se ainda mais difícil para as crianças denunciarem episódios de bullying.

De acordo com a mesma fonte, as crianças podem ter vivido circunstâncias familiares difíceis e podem passar por vários locais de acolhimento. Este processo exige uma capacidade de adaptação constante a novas pessoas, a novas dinâmicas grupais e a novos espaços, o que pode gerar um sentimento de instabilidade e de falta de segurança que, por sua vez, pode manifestar-se sob a forma de comportamentos de bullying à medida que a criança luta para encontrar o seu lugar em cada novo contexto.

Many of these children present psychiatric disorders, and according to McCann et al. (1996) conduct and anxiety disorders are the most common in these contexts. Bullying behaviours can be connected with these disorders and the child's inability to cope with relationships in an assertive manner.

Bullying and other aggressive behaviours tend to happen when and where supervising adults don't notice and usually the perpetrator repeatedly chooses the same target. However, subtle behaviours that emphasize the threat, such as a look, a word or a nudge, can happen in front of supervisors. And the fact that these behaviours have limited or no sanctions may contribute to the feeling that no one will dissolve bullying. For staff, it can also be challenging to identify targets and perpetrators in a given situation as in these settings the children many times experience both roles, as targets and as perpetrators.

According to Baker, Cunningham & Male (2002) there are many signs of peer-to-peer aggression (e.g. physical complaints, status within the peer group, self-harm, clinging to staff) and it's important to investigate and to implement protection measures when it happens. Children that are targets of bullying many times prefer not to report it because they may lack self-esteem, may lack trust in adults or believe that they wouldn't stop bullying, they may fear that bullying would get worse, their peers would reject them and identify them as weak, vulnerable and inadequate. Also, some aspects may hold staff who work in residential settings from taking action to stop aggressive behaviours, such as: lack of awareness about bullying; belief that they have a limited capacity to protect targets; belief that children must learn to handle those situations themselves; belief that children who perpetrate aggressive behaviours deserve what they get; personal stress or fatigue; fear of the perpetrators and lack of evidence of aggression.

Other factors represent opportunities for aggression, for example: less effective supervision; minimizing the seriousness of peer aggression; more than one young person per bedroom; and punishing residents, instead of applying reasonable consequences (Baker, Cunningham & Male, 2002).

[ES]

Muchos de estos niños presentan trastornos psíquicos, y de acuerdo con McCann et al (1996) los trastornos de conducta y ansiedad son los más comunes en estos contextos. Las conductas de acoso pueden estar conectadas con estos trastornos y la incapacidad del niño para hacer frente a las relaciones de una manera assertiva.

El bullying y otros comportamientos agresivos tienden a ocurrir cuando y donde los adultos que supervisan no se dan cuenta y por lo general el autor elige repetidamente el mismo objeto de bullying. Sin embargo, los comportamientos amenazadores, como una mirada, una palabra o un empujón, pueden darse en frente de los supervisores. Y el hecho de que estos comportamientos a menudo se sancionen o no se sancionen directamente pueden contribuir a la sensación de que nadie va a resolver la situación. Para el equipo de educadores, puede ser todo un reto identificar los objetos de bullying y los autores en una situación determinada, ya que en estos contextos los niños/as muchas veces experimentan ambos papeles, como objetos y como autores del bullying.

Según Baker, Cunningham y Male (2002) hay muchos signos que muestran la existencia de agresión entre iguales (dolores físicos, estatus dentro del grupo de iguales, autolesiones, aferrarse al personal o a un educador en concreto), por ello es importante investigar y poner en práctica medidas de protección cuando esto sucede. Los niños/as que sufren acoso muchas veces prefieren no informar de ello, debido a su baja autoestima, carencia de confianza en los adultos o creencia de que nadie va a detener el acoso, temiendo que este empeore o sus compañeros les rechacen e identifiquen como débiles y vulnerables. Además, hay algunos aspectos que pueden impedir que el personal que trabaja en entornos residenciales tome medidas para detener los comportamientos agresivos, como: la falta de conocimiento acerca de técnicas de prevención e intervención de bullying; la creencia de que tienen limitaciones para proteger a los objetos de bullying; la creencia de que los niños deben aprender a manejar esas situaciones por sí mismos; el estrés personal o falta de evidencias de la agresión.

Una supervisión poco efectiva, minimizando la gravedad de la agresión entre iguales; más de un niño/a o joven por dormitorio o y el castigo deliberado, en lugar de aplicar consecuencias razonables también pueden desencadenar oportunidades de agresión (Baker, Cunningham y Male, 2002).

[PT]

Muitas destas crianças apresentam distúrbios psiquiátricos, e segundo McCann et al. (1996), as perturbações de conduta e de ansiedade são as mais comuns nestes contextos. Os comportamentos de bullying podem estar ligados a estas perturbações e à incapacidade da criança para estabelecer relacionamentos assertivos. O bullying e outros comportamentos agressivos tendem a acontecer em locais ou momentos fora da supervisão dos adultos responsáveis e é comum o perpetrador escolher repetidamente o mesmo alvo. Porém, comportamentos sutis que colocam ênfase na ameaça, tais como um olhar ou uma cotovelada podem acontecer em frente aos adultos. O facto destes comportamentos terem sanções limitadas ou inexistentes pode contribuir para um sentimento de que ninguém irá tomar medidas em relação ao bullying. Para os profissionais, pode também ser um desafio identificar alvos e perpetradores numa dada situação, pois nestes contextos a criança pode muitas vezes desempenhar ambos os papéis.

De acordo com Baker, Cunningham e Male (2002), vários sinais de agressão entre pares podem ser identificados (como queixas físicas, estatuto no grupo de pares, automutilação ou forte apego aos educadores) e é importante investigar e aplicar medidas de proteção quando tal acontece. As crianças que são alvo de bullying preferem muitas vezes não denunciar devido a baixa autoestima, falta de confiança nos adultos ou crença de que estes não irão cessar o bullying. Podem temer que o bullying agrave, que os seus pares os rejeitem e que pensem que são fracos, vulneráveis e inadequados. Alguns outros aspectos podem ainda inibir os profissionais que trabalham com crianças em casas de acolhimento de agirem de forma a cessar os comportamentos agressivos, tais como: falta de conscientização sobre o bullying; crença de que têm uma capacidade limitada de proteção dos alvos; crença de que as crianças devem aprender a lidar com essas situações sozinhas; crença de que as crianças que manifestam comportamentos negativos merecem sofrê-los também; stress ou fadiga; medo dos perpetradores e falta de evidências de agressão.

Outros fatores representam oportunidades para agressão, por exemplo: supervisão menos eficaz; desvalorização da agressão entre pares; mais do que uma criança ou jovem por quarto; e punição das crianças, em vez da aplicação de consequências razoáveis (Baker, Cunningham e Male, 2002).

Thus, the staff, the ethos of the organisation and the way the whole national CRS system is designed will influence how bullying is seen and tackled in different countries. This is also the case for Northern Ireland. According to Kilpatrick et. al (2008), for the last two decades, the Children's residential care sector in the UK has gone through major changes due to different factors such as: the high costs of CRS; the perceived lack of positive results for the young people; difficulty in finding competent CRS professionals and struggles with different scandals involving abuse of residents by staff members.

This context led to new researches and surveys across the country and results showed that challenging behaviours can be perceived very differently from a range of behaviours that goes from defiance to visible violence. However, most residents don't present major behavioural challenges to staff, neither are the majority of homes in permanent chaos. Evidence showed there is a big diversity of cases when it comes to behaviour management effectiveness and that the competence development of staff is crucial to assure the organization's capacity to manage challenging behaviours successfully.

Studies also revealed that staff, at times, find it difficult to be certain about their role and it undermines their capacity to perform more competently. Most times the source of the disruptive behaviour is found in the power relations/struggles with peers and in the group dynamic itself. Other triggers of conflict were found in relation to newcomers in the group, mobile phones or rules perceived as too rigid (Kilpatrick et. Al, 2008)

In the same line, studies that were carried out in Portugal, showed that young people living in residential settings in Portugal have a tendency to be psychologically affected, physically less healthy and to have low energy. They report being disappointed with their lives, with themselves and they feel lonely and misunderstood. Prolonged institutionalization has a negative impact on their sense of quality of life. Moreover, many young people hosted in residential settings are predisposed to anxiety, report feelings of sadness, resignation and social rejection and declare that they are teased and disturbed by their peers (XI Congreso Internacional de Infancia Maltratada, 2012).

[ES]

Por lo tanto, debemos tener en cuenta que tanto el personal en los centros, como la ética de la organización y la forma en que todo el sistema nacional de CAR está diseñado influirán en cómo se aborde el acoso.

Este es también el caso de Irlanda del Norte. Según Kilpatrick et. al (2008), el sector de atención residencial de los menores en el Reino Unido ha pasado por grandes cambios en las dos últimas décadas debido a los altos gastos que los CAR conllevan, la percepción de la falta de resultados positivos para los jóvenes, dificultad para encontrar profesionales competentes y luchas con diferentes escándalos relacionados con abuso por parte de los funcionarios competentes de CAR.

Esto ha dado lugar a nuevas investigaciones y encuestas en todo el país, y los resultados muestran que los comportamientos problemáticos pueden ser percibidos de formas muy diferentes en un rango que va de rebeldía y desafíos a violencia visible. Sin embargo, es importante tener en cuenta que la mayoría de los jóvenes no presentan comportamientos problemáticos para el personal, y que los hogares tampoco se encuentran en caos permanente. Las investigaciones mostraron que hay una gran diversidad de casos cuando hablamos de efectividad en el manejo de auto-conducta y que el desarrollo de las competencias del personal es crucial para asegurar el éxito gestionando comportamientos problemáticos.

Los estudios también revelaron que el personal, a veces, resulta estar inseguro acerca de su papel, lo que perjudica su capacidad de enfrentar la situación de manera más competente. La mayoría de las veces el origen de la conducta disruptiva se encuentra en las relaciones entre compañeros y en la propia dinámica de grupo. Otros factores desencadenantes de conflicto se encuentran relacionados con los recién llegados al grupo o normas demasiado rígidas (Kilpatrick et. Al, 2008).

En la misma línea, los estudios que se llevaron a cabo en Portugal, mostraron que los jóvenes que viven en entornos residenciales tienen tendencia a ser afectados psicológicamente, son menos saludables físicamente y tienen menos energía que el resto de jóvenes. Muchos afirman estar decepcionados con su vida y con ellos mismos y se sienten solos e incomprendidos. La institucionalización prolongada tiene un impacto negativo en la calidad de vida de los jóvenes. Muchos de ellos están expuestos a la ansiedad, reportan sentimientos de tristeza, resignación y sentimiento de rechazo social y declaran que son objeto de burlas constantes por sus iguales (XI Congreso Internacional de Infancia maltratada, 2012).

[PT]

Assim, os profissionais, os valores da organização e o modo como todo o sistema nacional de acolhimento está desenhado irá influenciar a maneira como o bullying é percecionado e combatido em diferentes países. No caso da Irlanda do Norte, de acordo com Kilpatrick et. al (2008), nas últimas duas décadas, o setor das CACJ passou por grandes mudanças, devido a fatores como: os elevados custos das CACJ; a percepção de falta de resultados positivos para as crianças; a dificuldade em encontrar profissionais competentes para as CACJ e dificuldades relativas a diferentes escândalos de abuso de residentes por parte de funcionários.

Este contexto levou a novas investigações e avaliações por todo o país e os resultados apontam no sentido dos comportamentos desafiante poderem ser percecionados de formas muito diferentes, desde rebeldia a violência objetiva. Todavia, a maioria dos residentes não apresentam desafios comportamentais graves para os funcionários, e a maioria das casas de acolhimento não se encontra em caos permanente. As evidências demonstram que existe uma grande diversidade de casos quando nos referimos à eficácia da gestão comportamental, e que o desenvolvimento das competências das equipas é crucial para assegurar a capacidade da organização de gerir os comportamentos desafiante com sucesso.

Alguns estudos revelaram também que, por vezes, as equipas consideram difícil ter claro o seu papel, o que diminui a sua capacidade de atingir um desempenho mais eficaz. Na maioria das vezes, os comportamentos disruptivos estão associados com relações de poder no grupo ou lutas pelo poder entre os pares. Outros potenciadores de conflito foram encontrados relativamente à entrada de novos membros do grupo, telemóveis ou regras entendidas como demasiado rígidas. (Kilpatrick et. Al, 2008)

Na mesma linha, estudos levados a cabo em Portugal, indicaram que as crianças ou jovens que vivem em casas de acolhimento tendem a estar psicologicamente afetados, fisicamente menos saudáveis e a sentirem-se pouco enérgicos. Referem ainda sentir-se desapontados com as suas vidas, consigo próprios e sentem-se sozinhos e incomprendidos. Para além disso, a institucionalização prolongada tem um impacto negativo na sua percepção de qualidade de vida. Mais ainda, muitas crianças e jovens que vivem em CACJ apresentam pré-disposição para a ansiedade, mencionam sentimentos de tristeza, resignação e rejeição social e afirmam que são provocados e incomodados pelos seus pares (XI Congresso internacional de infância maltratada, 2012).

There was no study found in Portugal regarding bullying in CRS as such, but behavioural problems in general (including Bullying) have been studied in CRS contexts and 73% of institutionalized young people in Portugal manifest light behavioural problems, especially in ages between 15-17 years old (e.g. lies to avoid duties and responsibilities, brief escapes and intimidations). 24% manifest behavioural problems with medium severity (e.g. small thefts, light property destruction and physical aggression) and 3% manifest serious behavioural problems (thefts with victim confrontation, use of cold weapons and property destruction with great damage) (Instituto da Segurança Social, 2015).

In 2013, another research carried out with institutionalized young people in Portugal, revealed that the most frequent type of violence between these young people was social exclusion, especially ignoring and saying bad things about the person. Verbal aggression was also frequent, such as insults and name-calling followed by physical aggression. Among targets and perpetrators, many young people were bully-victims. Moreover, perpetrators and targets were the most rejected people among the group of peers (Carmo, 2013). Still, more than a half of the institutionalized children/youth who participated in this study, have a positive perception about their residential setting and only a few have a negative perception.

Concerning Spain, the research made didn't came across any recent study about bullying in CRS specifically and the HofE Spanish partner organisation confirmed that there's a lack of academic knowledge about bullying in Residential Care Settings, as well as a lack of prevention programs.

According to the Penal Code, in care settings professionals must prevent and punish bullying. However, the intensity or severity of the harassment may mean that the conduct constitutes a criminal offense under the Penal Code. Bullying is not a crime in the penal code but there are a number of offenses under the Criminal Code that can provide protection to boys or girls in the case of harassment such as crimes against moral integrity.

[ES]

Del estudio llevado a cabo en Portugal, no encontramos ninguna investigación relacionada con el bullying en CAR como tal, pero si se han estudiado los problemas de comportamiento en general (incluyendo acoso) en estos contextos el 73% de los jóvenes institucionalizados presentan leves problemas de comportamiento, sobre todo en las edades entre 15-17 años de edad (como intentar evitar sus responsabilidades o breves escapadas e intimidaciones a otros jóvenes que viven en la casa entre otros). El 24% presentan problemas de comportamiento con gravedad media (pequeños hurtos, destrucción de la propiedad y leves agresiones físicas) y el 3% presentan graves problemas de comportamiento (robos con enfrentamiento, uso de armas blancas y destrucción de la propiedad) (Instituto da Segurança Social, 2015).

En 2013, otra investigación llevada a cabo con los jóvenes institucionalizados en Portugal, reveló que el tipo de violencia más frecuente entre estos jóvenes era la exclusión social, especialmente ignorar y hablar mal de alguien a sus espaldas. La agresión verbal también era frecuente (insultos), seguida de la agresión física. De entre los objetos de bullying y los autores, muchos de ellos son bully-víctimas. Por otra parte, los autores y los objetos de bullying son los más rechazados entre el grupo de iguales (Carmo, 2013). Aún así, más de la mitad de los niños institucionalizados que participaron en este estudio, tienen una percepción positiva sobre su entorno residencial y sólo unos pocos tienen una percepción negativa.

En cuanto a la investigación realizada en España, no se encontró ningún estudio reciente acerca del acoso en CAR específicamente y la organización española asociada a HoE confirma que hay una falta de formación de los profesionales acerca del acoso en entornos de acogimiento residencial, así como de programas de prevención. De acuerdo con el Código Penal, los profesionales de centros de atención deben prevenir y sancionar el acoso, sin embargo, la intensidad o la gravedad de este puede significar que tal conducta sea o no considerada un delito según el Código Penal. El acoso no es un delito en el código penal como tal, sin embargo hay una serie de delitos bajo el Código Penal que pueden proporcionar protección a los menores en el caso de acoso, como los delitos contra la integridad moral.

[PT]

Não foram encontrados estudos em Portugal que abordassem o bullying em CACJ, porém, os problemas comportamentais em geral (incluindo o bullying) foram já objeto de estudo em contexto das CACJ e 73% das crianças e jovens institucionalizadas em Portugal manifestavam problemas comportamentais leves, especialmente em idades que vão dos 15 aos 17 anos (como mentir para evitar realizar tarefas e responsabilidades, breves fugas e intimidações ligeiras). 24% manifestavam problemas comportamentais com gravidade média (como pequenos furtos, destruição ligeira de propriedade e agressão física leve) e 3% manifestavam graves problemas de comportamento (roubos com confrontação da vítima, utilização de armas brancas e destruição de propriedade com grande impacto) (Instituto da Segurança Social, 2015).

Em 2013, uma outra pesquisa com menores institucionalizados em Portugal, revelou que o tipo mais frequente de violência entre pares era a exclusão social, sobretudo ignorar e dizer mal sobre a outra pessoa. A agressão verbal foi também frequente, como insultos e chamar nomes e a forma menos frequente foi a agressão física. Entre os alvos e os perpetradores, muitos eram perpetradores-alvos. Além disso, os perpetradores e os alvos eram os indivíduos mais rejeitados no grupo de pares (Carmo, 2013). Ainda assim, mais de metade das crianças e jovens institucionalizados que participaram neste estudo têm uma percepção positiva sobre a casa de acolhimento que frequentam e poucos são aqueles que têm uma percepção negativa.

Em relação a Espanha, as pesquisas efetuadas não encontraram quaisquer estudos recentes especificamente sobre o bullying em CACJ e a organização Espanhola parceira no projeto HofE confirma a escassez de conhecimento académico sobre bullying nestes contextos, bem como a falta de programas de prevenção. Segundo o Código Penal, os profissionais das casas de acolhimento devem prevenir e punir o bullying. Contudo, a intensidade ou a gravidade da situação pode implicar que a conduta constitua uma ofensa criminal na perspectiva do Código Penal. O bullying não é considerado crime pelo Código Penal, no entanto, há determinadas ofensas que, sob o mesmo código, podem proporcionar proteção a crianças e jovens em casos como os de crimes contra a integridade moral.

3. ADDRESSING BULLYING IN CRS

[ES] Abordando Bullying en CAR [PT] Gestão do Bullying em CACJ

Many programmes and practical suggestions have been developed worldwide to prevent and intervene in bullying situations. Although the vast majority of these solutions are designed for schools, many of its principles may be adapted to Children's Residential Settings.

Sharing positive ways to address bullying in CRS is the main focus of the Best Practices Guide for Bullying Prevention and Intervention in CRS, a publication also developed by the HofE project. Therefore, this chapter will only summarize a few evidences of success factors extracted from previous programs and some proposals as pointers for the development of future successful anti-bullying programs for CRS.

A few guidelines that might be noteworthy come from the work developed with juvenile offenders. In this case, residential and other programs for intervention were more successful when they:

- Were implemented for 2 or more years;
- Were guided by people who are treatment oriented, instead of correctional;
- Used evidence based interventions;
- The treatment lasted at least 6 months;
- The effectiveness of the implementations of the programme was assessed (Little, Kohm & Thompson, 2005).

Other good practices that where identified in the same research were to:

- Identify and solve aspects that may constitute opportunities for peer-to-peer aggression or obstacles to dissolve peer-to-peer aggression;
- Educate staff about peer-to-peer aggression;
- Collect ideas from residents to solve peer-to-peer aggression;
- Better investigate situations that may represent a case of aggression;
- Provide on-going development and training to staff members, as well as supervision that support peer-to-peer prevention and intervention.

[ES]

Muchos programas y sugerencias prácticas se han desarrollado en todo el mundo para prevenir e intervenir en situaciones de acoso. Aunque la gran mayoría de estas soluciones están diseñadas para las escuelas, muchos de sus principios pueden adaptarse a entornos residenciales para menores.

El objetivo principal de la Guía de Buenas Prácticas para la Prevención e Intervención de Bullying en CAR es compartir diferentes maneras positivas y efectivas de hacer frente al acoso en CAR. Esta es una publicación también desarrollada por el equipo de HofE. Este capítulo hace un resumen de algunas intervenciones llevadas a cabo en países europeos que han tenido éxito en este campo y de algunas propuestas como indicadores para el desarrollo de futuros programas de lucha contra el acoso en Centros de Acogimiento Residencial.

Algunas pautas orientativas dignas de mencionar vienen del trabajo desarrollado con menores delincuentes. En estos casos, los programas de intervención fueron más exitosos cuando:

- Se implementaron durante 2 años o más;
- Fueron guiados por profesionales formados en terapia;
- Las intervenciones se basaban en la evidencia;
- El tratamiento duró un mínimo de 6 meses;
- Se evaluó la eficacia de las implementaciones del programa (Little, Kohm y Thompson, 2005).

Otras prácticas identificadas en esta investigación fueron:

- Identificar y resolver los aspectos que pueden constituir oportunidades de violencia entre iguales;
- Formar a los profesionales acerca de la violencia entre iguales;
- Hacer a los propios jóvenes participar en la creación de ideas para resolver la violencia entre iguales;
- Investigar las situaciones que puedan representar un caso de agresión o violencia;
- Proporcionar formación continua a los miembros del personal y supervisar las intervenciones de prevención e intervención entre iguales.

[PT]

Muitos programas e sugestões práticas têm sido desenvolvidas em todo o mundo para prevenir e intervir em situações de bullying. Apesar da vasta maioria destas soluções estarem direcionadas a escolas, muitos dos seus princípios podem ser adaptados a CACJ.

O Guia de Boas Práticas para a Prevenção e Intervenção no Bullying em CACJ, uma publicação também desenvolvida pelo projeto Hofe, já tem como principal foco a partilha de formas positivas de gestão do bullying em CACJ. Portanto, este capítulo irá apenas sumarizar alguns fatores de sucesso extraídos de programas já existentes e algumas propostas que poderão servir para orientar o desenvolvimento de futuros programas anti-bullying para CACJ.

Vale a pena salientar algumas ideias sobre o trabalho desenvolvido com agressores juvenis. Neste caso, programas de intervenção residenciais e outros obtiveram mais sucesso quando:

- Foram implementados durante 2 ou mais anos;
- Foram conduzidos por indivíduos orientados para o tratamento, em vez da correção;
- Utilizaram intervenção baseada em evidências científicas;
- O tratamento durou pelo menos 6 meses;
- A eficácia da aplicação do programa foi avaliada (Little, Kohm e Thompson, 2005).

Outras práticas eficazes identificadas na mesma investigação foram:

- Identificar e resolver aspectos que podem constituir oportunidades de agressão entre pares ou obstáculos para dissolver a agressão entre pares;
- Educar as equipas sobre a violência entre pares;
- Recolher ideias dos jovens para resolver a agressão entre pares;
- Melhor investigar situações que podem representar um caso de agressão;
- Oferecer formação continua aos funcionários, assim como supervisão que apoie a prevenção e a intervenção em casos de agressão entre pares.

According to Baker, Cunningham & Male (2002) an effective programme would, for example, have explicit norms that increase the potential for respectful behaviour and low aggression, focus on programming and surveillance to provide a safe environment and apply measures to build structure (into young people's lives) and diminish boredom and frustration.

Residential settings should also provide a system for anonymous feedback and privacy about concerns and complaints procedures, provide information and safe opportunities to communicate with an advocate, promote regular opportunities for communication between staff and residents, promote healthy relationships and victim awareness, as well as inform residents about community resources.

Some useful intervention strategies can also minimize bullying and its negative effects, such as:

- Doing a leadership course to raise self-esteem;
- Participating in extracurricular activities;
- Creating a support group for targets of bullying;
- Educating professionals and children about bullying and its consequences for targets and perpetrators;
- Encouraging the targeted children not to answer aggressively to bullying situations and not to demonstrate fear, as well as to keep in the company of their friends and to avoid contact with the perpetrators. (Rosado, 2014).

An organisation-wide intervention programme, which includes education about bullying and restructuring the social environment, is one of the best ways to control violence. It's important to improve children's social skills, relationships and self-esteem (Sarazen, 2002), including self-confidence (Cook & Howell, 2014) and problem resolution training (Murphy, Yaruss & Quesal, 2007).

It's also important that adults have a positive, caring and authoritative attitude, set firm limits and consistently apply non-hostile and non-physical sanctions in case of unacceptable behaviours (Harris, Petrie & Willoughby, 2002, cit in Hoover & Stenham, 2003).

[ES]

Según Baker, Cunningham y Male (2002) podría ser eficaz tener normas explícitas que aumenten el potencial de un comportamiento respetuoso y disminuya la agresividad, proporcionar un ambiente seguro y aplicar medidas que disminuyan el aburrimiento y la frustración. Los entornos residenciales también deben proporcionar un sistema de privacidad y feedback anónimo el cual permita que los jóvenes puedan expresar sus inquietudes y comunicarse con un defensor de forma segura; promover oportunidades regulares de comunicación entre el personal y los residentes, promover relaciones saludables; así como informar a los jóvenes residentes sobre recursos de la comunidad.

Algunas estrategias de intervención son también útiles a la hora de minimizar el acoso y sus efectos negativos, como por ejemplo:

- Realización de cursos para el aumento de la autoestima;
- La participación en actividades extracurriculares;
- Creación de un grupo de apoyo para los objetos de acoso;
- La formación de profesionales y jóvenes acerca del acoso y sus consecuencias como objetos de bullying y autores;
- Animar a los objetos de bullying a no responder agresivamente a situaciones de acoso ni mostrar miedo, así como mantenerse en compañía de sus amigos para evitar el contacto con los autores. (Rosado, 2014).

Una de las mejores maneras de controlar la violencia es a través del desarrollo de un programa de intervención para toda la organización, que incluya formación acerca del acoso y la reestructuración del entorno social. Es importante trabajar en las habilidades sociales de los niños/as, las relaciones y la autoestima (Sarazen, 2002), incluyendo la confianza en sí mismos (Cook & Howell, 2014) y la formación en resolución de problemas (Murphy, Yaruss y Quesal, 2007).

También es importante que los adultos tengan una actitud autoritaria positiva, establezcan límites firmes y no apliquen sanciones hostiles o físicas en caso de comportamientos inaceptables (Harris, Petrie y Willoughby, 2002, cit in Hoover y Stenham, 2003).

[PT]

Conforme mencionam Baker, Cunningham e Male (2002), um programa eficaz incluiria, por exemplo, normas explícitas que potenciem os comportamentos de respeito e de baixa agressividade, foco na programação e vigilância para garantir um ambiente seguro e aplicação de medidas para ajudem a estruturar a vida das crianças e jovens e assim diminuir os momentos de aborrecimento e frustração. As casas de acolhimento devem ainda garantir a existência de: um sistema de feedback anônimo sobre procedimentos relacionados com queixas dos residentes; informação e oportunidades para comunicar com um advogado se necessário; diálogo regular entre a equipa e os residentes; relacionamentos saudáveis; conscientização sobre os efeitos do bullying nas crianças alvo e informação sobre recursos existentes na comunidade.

Algumas estratégias de intervenção podem também minimizar o bullying e os seus efeitos negativos, tais como:

- Realizar um curso de liderança para elevar a autoestima;
- Participar em atividades extracurriculares;
- Criar um grupo de suporte para crianças ou jovens alvos de bullying;
- Educar profissionais e crianças sobre o bullying e as suas consequências para alvos e perpetradores;
- Encorajar as crianças-alvo a não responder agressivamente em situação de bullying nem a demonstrar medo, a manter-se na companhia dos seus amigos e a evitar o contacto com os perpetradores (Rosado, 2014).

Portanto, um programa de intervenção organizacional que inclua educação sobre o bullying e a reestruturação do ambiente social, é um dos melhores métodos para controlar a violência. É importante melhorar as competências sociais das crianças, os seus relacionamentos e a sua autoestima (Sarazen, 2002), incluindo a autoconfiança (Cook e Howell, 2014) e o treino das suas competências na resolução de problemas (Murphy, Yaruss e Quesal, 2007).

É ainda importante que a atitude dos adultos seja positiva, carinhosa e reguladora, que sejam colocados limites firmes e que sejam aplicadas, de forma coerente, sanções não hostis e não físicas em caso de comportamentos considerados inaceitáveis (Harris, Petrie e Willoughby, 2002, como referido em Hoover e Stenham, 2003).

Dan Olweus created an effective intervention programme in the 70's to reduce or eliminate bullying in schools, which involves students, teachers and parents. It includes serious talks with the perpetrators, their targets and their parents, solving issues creatively, setting class rules with students to stop bullying and regular meetings with students about bullying. Another programme - Second Step - educates teachers to better deal with unwanted behaviour and educates students about feelings, empathy, making positive and effective choices, anger management, impulse control and problem solving. It also provides a family guide to help parents to follow the programme at home (Hoover & Stenhammar, 2003). Moreover, Vale (2009) suggests two stages to create an anti-bullying programme in schools, which can also be adapted to CRS:

- A) Research about bullying reality, applying a questionnaire to students before providing them with bullying information, to understand prevalence, incidence and consequences of bullying;
- B) Creating a work group with representative members, including students, teachers, parents and staff.

The author also recommends raising awareness of the following topics: what is bullying, signs and symptoms in targets and perpetrators, tips for parents and professionals to better cope with children who are perpetrators or targets.

[ES]

Dan Olweus creó un programa de intervención efectivo en los años 70 para reducir o eliminar el acoso en las escuelas que involucra a los estudiantes, profesores y padres. Incluye conversaciones serias con los autores, objetos de bullying y padres; la resolución de problemas de manera creativa; el establecimiento de normas de clase con los estudiantes para detener el acoso y reuniones regulares con los estudiantes acerca de el acoso.

Otro programa - Segunda Etapa - forma a los maestros para tratar mejor con el comportamiento no deseado y educa a los estudiantes en empatía, toma de decisiones positivas y eficaces, control de la ira e impulsos y resolución de conflictos. También proporciona una guía para ayudar a los padres a seguir el programa desde casa (Hoover y Stenhammar, 2003).

Por otra parte, Vale (2009) sugiere dos pasos para crear un programa anti-bullying en las escuelas, que también se puede aplicar en los CAR:

A) Investigación acerca de la realidad del bullying y desarrollo de un cuestionario a los estudiantes antes de proporcionarles información acerca del acoso para entender la frecuencia y consecuencias de este.

B) Creación de un equipo de trabajo con miembros representativos, incluyendo estudiantes, maestros, padres y otros miembros de la comunidad educativa.

El autor también recomienda aumentar la sensibilización sobre los siguientes aspectos: Qué es el bullying, signos y síntomas en los objetos y autores del bullying y consejos para padres y profesionales.

[PT]

Dan Olweus elaborou um programa de intervenção eficaz nos anos 70 com o objetivo de reduzir ou eliminar o bullying nas escolas, que envolve alunos, professores e pais. Inclui diálogos com os perpetradores, com as crianças-alvo e com os pais de ambos; resolução criativa de problemas; definição de regras de turma para cessar o bullying definidas em conjunto com os alunos e reuniões frequentes com os alunos acerca do bullying. Um outro programa - o Second Step - educa professores para melhor lidar com comportamentos indesejados e educa alunos sobre sentimentos, empatia, realização de escolhas positivas e eficazes, gestão da raiva, controlo dos impulsos e resolução de problemas. O programa inclui ainda um guia familiar para auxiliar os pais a seguir o programa em casa (Hoover e Stenhammar, 2003). Por seu lado, Vale (2009) sugere duas fases para elaborar um programa anti-bullying em escolas, que pode também ser adaptado a CACJ:

A) Pesquisa sobre a realidade do bullying, aplicando um questionário a alunos antes de lhes prestar informação sobre bullying, no sentido de compreender a prevalência, incidência e as consequências do bullying;

B) Criar um grupo de trabalho com membros representativos, incluindo estudantes, professores, pais e funcionários.

O autor também recomenda aumentar a consciencialização sobre os seguintes tópicos: o que é o bullying; sinais e sintomas em alvos e em perpetradores e sugestões para pais e profissionais para melhor lidar com as crianças que se encontram no papel de perpetradores ou alvos.



These programmes and many others can serve as a baseline and an inspiration to develop solutions for the CRS sector, mostly those who preconize restorative justice practices, as they focus on positive ways to transform bullying behaviour in an opportunity to develop new competences in all the stakeholders: perpetrators, targets, bystanders and staff. What seems to become clearer from recent studies is that it is important that the answer chosen is intentional and educative, rather than aiming only to suppress the bullying behaviour.

Additionally, the participation of young people in the educative process and in the construction of a holistic approach is very beneficial and it must be understood as a right and an important educative strategy. In terms of policy development, good examples are being implemented in Northern Ireland, for example, where there are policies in place to prevent bullying in children's homes such as the regulations made under the Care Standards Act 2000 (section 22) and the National Minimum Standards (section 23) that refer to the responsibilities of those living in Children's homes. The regulations and National Minimum Standards cover Children's Homes whether the local authority, an independent provider or a voluntary agency runs them.

Moreover the government has made bullying a priority and has developed guidance towards bullying in CRS. There are several charities focused in anti-bullying in the UK with programs and advice available to support staff dealing with bullying behaviour. This kind of support for CRS staff is still not a reality in other countries and it's a fundamental instrument to improve intervention and reduce bullying among peers in CRS.

[ES]

Estos programas y muchos otros pueden servir como punto de referencia y fuente de inspiración para desarrollar soluciones en el sector de los Centros de Acogimiento residencial, sobre todo para aquellas organizaciones que practican la justicia restaurativa, ya que se centran en formas positivas para transformar el comportamiento de acoso en una oportunidad para desarrollar nuevas competencias en todos los grupos de interés: autores y objetos de bullying, bully-víctimas y educadores. Lo que parece más claro a partir de estudios recientes es la importancia de elegir una intervención intencional y educativa, en lugar de centrarse sólo en la supresión del comportamiento de acoso.

Además, la participación de los jóvenes en su proceso educativo y en la construcción de un enfoque holístico es muy beneficioso y debe entenderse como un derecho y una importante estrategia educativa.

En términos de desarrollo de políticas, se están llevando a cabo buenos ejemplos en Irlanda del Norte, donde encontramos políticas para prevenir el acoso en los hogares de los niños, tales como el reglamento adoptado en virtud de la Ley de Normas de Cuidado de 2000 (artículo 22) y las Normas Mínimas Nacionales (sección 23) que hacen referencia a las responsabilidades de aquellos que viven en Centros de Acogimiento.

A demás, el gobierno ha considerado el bullying como prioridad a tratar y ha desarrollado una guía anti-bullying.

Existen varias entidades sin ánimo de lucro centradas en la lucha contra el acoso en el Reino Unido que cuentan con programas y asesoramiento disponible para apoyar a los educadores que lidian con el acoso. Sin embargo, este tipo de apoyo para el personal de CAR no es una realidad en otros países europeos, a pesar de constituir un instrumento fundamental para mejorar la intervención y reducir la intimidación entre iguales en Centros de Acogimiento Residencial.

[PT]

Estes e muitos outros programas podem servir de base e inspiração para o desenvolvimento de soluções nas CACJ, principalmente os programas que defendem as práticas de justiça restaurativa, já que estas focam em formas positivas de transformar o comportamento de bullying numa oportunidade de desenvolver novas competências em todas as partes interessadas: perpetradores, alvos, espectadores e funcionários. O que parece tornar-se claro a partir da revisão de literatura mais recente é a importância de que a resposta escolhida seja intencional e educativa, em vez de pretender apenas inibir o comportamento de bullying.

Complementarmente, a participação das crianças e jovens no projeto educativo da instituição e na construção de uma abordagem holística é muito benéfica e deve ser entendida como uma estratégia educativa deseável e importante.

Em termos de desenvolvimento de políticas, bons exemplos estão a ser implementados na Irlanda do Norte, por exemplo, onde existem políticas em vigor na prevenção do bullying em casas de acolhimento, tais como os regulamentos elaborados sob o Care Standards Act 2000 (secção 22) e os National Minimum Standards (secção 23) que se referem às responsabilidades daqueles que vivem em CACJ. Estes regulamentos aplicam-se a todo o sistema de acolhimento quer o lar seja gerido pelo sector público, privado ou por uma organização de voluntários.

Para terminar, na Irlanda do Norte, o governo fez da luta contra o bullying uma prioridade e desenvolveu linhas orientadoras sobre como abordar o bullying em CACJ.

No reino Unido, muitas instituições de beneficência focam o seu trabalho no combate a este fenómeno, com programas e recomendações disponíveis para auxiliar as equipas a lidar com comportamentos de bullying. Este tipo de apoio para os funcionários das CACJ ainda não é uma realidade noutros países mas é um instrumento fundamental para melhorar a intervenção e reduzir o bullying entre pares em CACJ.

4. GENERAL CONCLUSIONS

[ES] Conclusiones Generales [PT] Conclusões Gerais

Bullying can have deep and long-term effects in the mental and emotional wellbeing of young people. It can affect their self-confidence, their performance at school and their capacity to engage in healthy relationships. The statistics show that there are still high rates of bullying behaviours among young people and there is a proven need of an early intervention in order to prevent such behaviours. Moreover, in order to reduce bullying conducts young people need to develop communication skills that are well founded in the principles of respect and empathy.

The most notable conclusion of this research is the fact that there are very few programmes designed to address bullying in Residential Care Settings, even if violence among peers is a known frequent behaviour in such settings.

Nowadays, bullying as a form of violence among children and teenagers has been exposed, studied and addressed by many programmes and policies mostly addressing schools. However, there is still space for improvement both at the political level and at the pedagogical level, especially when it comes to bullying in CRS. Mostly, because, research shows that children with low self-esteem, high anxiety and insecurity, poor emotional self-regulation and emotional fragility are the ones with highest probability of being involved in bullying situations, as demonstrated in this report. At the same time, children who are in CRS are also the ones that most of the time fit this profile and therefore are the ones that have more probabilities to develop violent behaviours such as bullying.

Finally, nowadays, there are several recommendations from European and worldwide organisations to prevent and manage bullying situations. Although some countries have adopted them, not all have put in practice the instruments to implement these recommendations. This finding comes in line with the needs felt by all the HofE partners: the necessity of intervention programs adapted to the CRS context, which support both staff and children to learn how to prevent and manage bullying situations.

[ES]

s cuales implican dolor o malestar. Estas acciones son repetitivas y se alargan en el tiempo. El bullying puede ocasionar grandes efectos a largo plazo en el desarrollo mental y emocional de los jóvenes afectando a su confianza en sí mismos, su rendimiento académico y su capacidad para participar en las relaciones saludables. Las estadísticas muestran que todavía hay altos índices de comportamientos de acoso entre los jóvenes y se ha probado la necesidad de desarrollar una intervención temprana con el fin de evitar este tipo de comportamientos. Además, con el fin de reducir el acoso, los jóvenes necesitan desarrollar habilidades de comunicación fundamentadas en los principios de respeto y empatía.

Cabe destacar el hecho de que hay muy pocos programas diseñados para hacer frente al acoso en centros acogimiento residencial, incluso aunque la violencia entre iguales sea un comportamiento frecuente en estos entornos.

Hoy en día, el acoso se ha expuesto, estudiado y abordado por muchos programas y políticas como una forma de violencia entre los niños/as y adolescentes en la mayoría de las escuelas. Sin embargo, todavía existen lagunas tanto a nivel político como a nivel pedagógico, especialmente cuando se trata de acoso en CAR. Sobre todo, porque, según las investigaciones niños/as con baja autoestima, altos niveles de ansiedad e inseguridad, falta de auto-regulación emocional y fragilidad emocional son los que tienen mayor probabilidad de estar involucrados en situaciones de acoso. Al mismo tiempo, los niños/as que forman parte del Sistema de Protección también se ajustan a este perfil y por lo tanto son los que tienen más probabilidades de desarrollar comportamientos violentos.

Por último, hoy en día, existen varias recomendaciones de diferentes organizaciones europeas e internacionales para prevenir y gestionar las situaciones de acoso. Aunque algunos países ya las han adoptado, no todos han puesto en práctica los instrumentos necesarios para llevar a cabo estas recomendaciones. Este hecho se produce en concordancia con las necesidades percibidas por todos los países socios de HofE, dando respuesta a la necesidad de programas de intervención adaptados al contexto de Centros de Acogimiento Residencial, que apoyan tanto al personal como a los menores a aprender a prevenir y gestionar las situaciones de acoso.

[PT]

O bullying pode gerar efeitos profundos e de longo prazo no bem estar mental e emocional das crianças e jovens. Pode afetar a sua autoconfiança, o seu desempenho académico e a sua capacidade de manter relacionamentos saudáveis. Os dados estatísticos revelam que as taxas de comportamentos de bullying entre crianças e jovens é ainda elevada e existe a necessidade de uma intervenção precoce, de forma a prevenir esses mesmos comportamentos. É igualmente importante promover o desenvolvimento das capacidades de comunicação das crianças e jovens, com base no respeito e na empatia, com o propósito de reduzir as condutas de bullying.

A conclusão mais importante desta investigação é o facto de estarem disponíveis muito poucos programas formulados para gerir o bullying em Casas de Acolhimento de Crianças e Jovens, apesar da violência entre pares ser, reconhecidamente, um comportamento frequente nestes contextos.

O bullying como forma de violência entre crianças e adolescentes tem sido exposto, estudado e gerido através de vários programas e políticas, mas todos maioritariamente direcionados para escolas. Portanto, existe ainda espaço para melhorias, tanto no plano político como pedagógico, sobretudo em relação ao bullying em contextos de acolhimento. Especialmente porque os estudos indicam que as crianças com baixa autoestima, elevada ansiedade e insegurança e fraca autorregulação emocional são aquelas com maior probabilidade de se envolverem em situações de bullying. Ao mesmo tempo, as crianças que vivem em CACJ são também aquelas que mais frequentemente encaixam neste perfil e, portanto, são aquelas que têm maior probabilidade de desenvolver comportamentos violentos, entre eles, o bullying.

Nos dias de hoje são várias as recomendações de organizações Europeias e mundiais para prevenir e gerir situações de bullying. Apesar de alguns países as terem adotado, nem todos operacionalizaram tais recomendações. Esta evidência é consistente com a necessidade sentida por todos os parceiros do projeto HofE: a necessidade de programas de intervenção adaptados ao contexto das CACJ, que apoiem tanto funcionários como crianças no desenvolvimento de novas formas de prevenção e gestão de situações de bullying.

REFERENCES

[ES] Referencias Bibliográficas [PT] Referências

- 4Children & Young Voice (2009). Safe from bullying in children's homes. Department for Children, Schools and Family.
- 8th European Forum on the Rights of the Child (2013). The role of child protection systems in protecting children from bullying and cyber bullying. 8th European Forum on the Rights of the Child: Brussels.
- Addressing Bullying in Schools Act (Northern Ireland) (2016). Retrieved July 14, 2016 from:
<http://www.legislation.gov.uk/nia/2016/25/section/2/2016-05-13>
- Aldeas Infantiles SOS Internacional. (2010). Directrices sobre las modalidades alternativas de cuidado de los niños. Aldeas Infantiles SOS Internacional: Austria.
- Alonso, N., Gómez, R., Córcoles, M., Sáiz, J. & García, G. (2007). Acoso escolar: desde la sensibilización social a una propuesta de intervención. Reflexiones desde la Legislación Española. Letras Jurídicas: Revista Electrónica de Derecho, 4.
- Anti-bullying Ireland. (n.d.). Retrieved May 6, 2016, from Anti-Bullying Ireland:
<http://antibullyingireland.nfshost.com/what-is-bullying>
- Anti-Bullying Working Group. (2013). Action plan on bullying: report of the anti-bullying working group to the Minister for Education and Skills. Anti-bullying working group: Ireland.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2011). Manual crianças e jovens vítimas de violência: Compreender, Intervir e Prevenir. APAV: Lisboa.
- Asociación Española para la Prevención del Acoso Escolar. (2015). Retrieved May 4, 2016, from AEPAE:
<http://aepae.es/>
- Baker, L; Cunningham, A. & Male, C. (2002). Peer-to-peer aggression in residential settings: increasing understanding to enhance intervention. Sigma, 1-17.
- Barbosa, E. & Santos, F. (2010). Bullying - modelo de intervenção. Retrieved May 8, 2016, from Psicologia, O Portal dos Psicólogos:
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0182.pdf>
- Blood, G. & Blood, I. (2004). Bullying in adolescents who stutter: communicative competence and self-esteem. Contemporary Issues in Communication Science and Disorders, 31, 69-79.
- Bravo, A. & Valle, J. (2009). Intervención socioeducativa en acogimiento residencial. Dirección General de Políticas Sociales Y el Centro de Estudios de la Administración Pública Regional de Cantabria: Cantabria.
- Bully4u Understanding, Communicating, Empowering. (2010). Retrieved May 4, 2016, from Bully4u: <http://bully4u.ie/bullying-in-schools/understanding/statistics-on-bullying-in-irish-schools/>
- Cantero, A. & Piñuel, I. (2005). Informe Cisneros VII. Violencia Y acoso escolar en alumnos de primaria, eso y bachiller. Instituto de Innovación Educativa y Desarrollo Directivo: Spain.
- Carmo, R. (2013). Relações entre crianças e jovens em instituições de acolhimento. Master's Degree Dissertation: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre.
- Carvalho, M. (2013) Sistema nacional de acolhimento de crianças e jovens. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Instituto da Segurança Social. (2015). CASA 2014 - caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e jovens. Portugal
- Citizens' information (2015). Retrieved May 8, 2016, from Citizens Information:
http://www.citizensinformation.ie/en/education/pri mary_and_post_primary_education/attendance_an d_discipline_in_schools/bullying_in_schools_in_ireland.html
- Cook, S. & Howell, P. (2014). Bullying in children and teenagers who stutter and the relation to self-esteem, social acceptance and anxiety. Perspectives on Fluency and Fluency Disorders, 24, 46-57.
- Currie, C., Zanotti, C., Morgan, A., Currie, D., Looze, M., Roberts, C. et al. (2012). Social determinants of health and well-being among young people. Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC) study: international report from the 2009/2010 survey. World Health Organization, Copenhagen.
- Department for Children, Schools and Families. (2009). Safe from bullying in children's homes. Department for children, schools and families: Nottingham.
- Department of Children and Youth Affairs. (n.d.). Retrieved May 4, 2016, from DCYA:
http://www.dcya.gov.ie/viewdoc.asp?fn=%2Fdocuments%2FChildren_In_Care%2FChildreninCareIntroduction.htm&mn=chif&nID=1
- Department of Children and Youth Affairs. (n.d.). Retrieved May 4, 2016, from DCYA:
http://www.dcya.gov.ie/viewdoc.asp?fn=/documents/Children_In_Care/ChildreninCareResidentialCarePage.htm
- Department of Children and Youth Affairs. (n.d.). Retrieved May 4, 2016, from DCYA:
http://www.dcya.gov.ie/viewdoc.asp?fn=/documents/Children_In_Care/FosterCare.htm

- Department of Children and Youth Affairs. (n.d.). Retrieved May 4, 2016, from DCYA: http://www.dcyd.gov.ie/viewdoc.asp?fn=/documents/Children_In_Care/ChildreninCareWhatHappens.htm
- Department of Education and Skills (2013). Anti-Bullying Procedures For Primary And Post-Primary Schools. Retrieved July 5, 2016, from Department of Education and Skills: <https://www.education.ie/en/Schools-Colleges/Information/Bullying/Anti-Bullying-Procedures-in-Schools.html>
- Department of Education. (2001). Pastoral care in schools: promoting positive behavior. Retrieved May 4, 2016, from End Bullying Now: <http://www.endbullying.org.uk/publications/pastoral-care-in-schools-promoting-positive-behaviour-den-2001/>
- Dirección General de Familia. (2006). El acoso escolar y la prevención de la violencia desde familia. Dirección general de familia, Comunidad de Madrid: Madrid.
- Dirección General de Servicios para la Familia y la Infancia. (2013). Estadística básica de medidas de protección a la infancia. Boletín número 14. Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales y Igualdad: Madrid.
- Ditch The Label (2016). Retrieved May 5, 2016, from Ditch the Label: <http://www.ditchthelabel.org>
- Education Welfare Act (2000). Retrieved July 5, 2016 from Houses of Oireachtas: <https://www.oireachtas.ie/documents/bills28/acts/2000/a2200.pdf>
- End Bullying Now (2016). Retrieved May 5, 2016, from End Bullying Now: <http://www.endbullying.org.uk/what-is-bullying>
- Estatuto do Aluno e da Ética Escolar (2012). Diário da República: 1.a série- N.172. Retrieved July 16, 2016 from: http://www.portugal.gov.pt/media/703343/20120905_mec_estatuto_aluno.pdf
- European Commission (2011). Communication From The Commission To The European Parliament, The Council, The European Economic And Social Committee And The Committee Of The Regions - An Eu Agenda For The Rights Of The Child. Retrieved July 15, 2016, from: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2011:0060:FIN:EN:PDF>
- Fuertes, V. (2015). Atención de problemas de niños y jóvenes en acogimiento residencial. Master's Degree Dissertation: Universidad de Oviedo.
- Gaspar, J. (2013). Do acolhimento à autonomização: o que dizem adultos que viveram institucionalizados. Breves notas metodológicas. Polêmica, 12, 7-22.
- Hoover, J. & Stenhammar, P. (2003). Bullying and teasing of youth with disabilities: creating positive school environments for effective inclusion. Issue Brief, 2, 3.
- Ivanova, Z. (2008). Children at risk and residential care in Europe. Union of Scientists - Stara Zagora International Scientific Conference.
- Juan Carlos I (1987). Ley Orgánica 6/1987. Boletín Oficial del Estado, 275, 34158-34162.
- Kilpatrick, R., Berridge, D., Sinclair, R., Larkin, E., Lucas, P., Kelly, B., & Geraghty, T. (2008). Working with challenging and disruptive situations in residential child care: Sharing effective practice. Queen's University, Belfast.
- Linares, A. (n.d.). La institucionalización y la acogida en familia. Retrieved May 7, 2016, from Paidopsiquiatria: http://www.paidopsiquiatria.cat/archivos/Texto_acogida.pdf
- Little, M., Kohm, A. & Thompson, R. (2005). The impact of residential placement on child development: Research and policy implications. International Journal of Social Welfare, 14, 200-209.
- López, L., Finalé, B., Villén, J., Merchán, J. & Ruiz, R. (2014). Acoso escolar y ciberacoso: propuestas para la acción. Save the Children: Spain.
- Magro, L. (2013). Infancia en espera: acogimiento residencial, salud mental y escuela. Revista de Educación Escolar, 16.
- McCann, J., James, A., Wilson, S. & Dunn, G. (1996) Prevalence of psychiatric disorders in young people in the care system. British Medical Journal, 313, pp. 5129-5130
- McSherry, D., Larkin, E., Fargas, M., Kelly, G., Robinson, C., McDonald, G. et al. (2008). From care to where? A care pathways and outcomes report for practitioners. Institute of Child Care Research: Belfast.
- Merayo, M. & Asociación Vagamundo (2013). Acoso escolar: guía para padres y madres. Confederación Española de Asociaciones de Padres y Madres de Alumnos: Madrid.
- Murphy, W., Yaruss, J. & Quesal, R. (2007). Enhancing treatment for school-age children who stutter: II. Reducing bullying through role-playing and self-disclosure. Journal of Fluency Disorders, 32, 139-162.
- National Anti-Bullying Coalition. (2016). Retrieved May 10, 2016, from NABC: <http://nabc.ie/index.php?id=13>
- National Education Welfare Board. (2008). Developing a code of behaviour: guidelines for schools. NEWB: Ireland.
- O'Moore, M. (2015). A guiding framework for policy approaches to school bullying and violence. Trinity College: Dublin.

- O'Moore, M. & McGuire L. (n.d.). Bullying At School - Key Facts. Retrieved July 5, 2016, from Tackle Bullying:
[http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20\(3\).pdf](http://www.tacklebullying.ie/assets/resources/Parents/School%20Bullying%20Key%20Facts%20(3).pdf)
- O'Neill, B. & Dinh, T. (2015). Net Children Go Mobile: Full findings from Ireland. Dublin: Dublin Institute of Technology.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto C., Valente, L., Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese Schools. *School Psychology International*, Vol. 25(2): London.
- Rosado, M. (2014). Bullying y tartamudez: una breve revisión de literatura. *Ciencias de la Conducta*, 29, 9-19.
- Roth, I. & Beal, D. (1999). Teasing and bullying of children who stutter. Retrieved October, 19.
- Sarazen, J. (2002). Bullies and their victims: identification and interventions. Master's Degree Research Paper: University of Wisconsin-Stout.
- Seixas, S., Coelho, J. & Fischer, G. (2013). Bullies, victims and bully-victims: Impact on health profile. *Educação, Sociedade e Culturas*, 38, 53-75.
- Vale, A. (2009). Bullying. *Curso de especialización em psicología escolar*. Red Apple.
- Valle, J., Arteaga, A., Hernández, M. & González, I. (2012). *Estándares de calidad en acogimiento residencial especializado*. EQUAR-E. Ministerio de Sanidad, Servicios Sociales y Igualdad: Madrid.
- Valle, J., López, M., Montserrat, C. & Bravo, A. (2008). *El acogimiento familiar en España. Una Evaluación de Resultados*. Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales: Madrid.
- Villar, R., Torres, M., Arias, M., Rosales, A., Valdaliso, E., Valle, J. & Rodríguez, J. (2008). *Manual Cantabria: Modelo de intervención en acogimiento residencial*. Cantabria: Spain.
- World Health Organisation (2002). *World Report On Violence And Health*, Geneva, World Health Organisation.
- XI Congreso Internacional de Infancia Maltratada. (2012). *La calidad de vida de los menores en acogimiento residencial en Portugal - un estudio exploratorio*. XI congreso internacional de infancia maltratada: Universidad de Oviedo.



Supporters:



Associated Partners: